

BOCA DA PICADA
Raízes e História

Jaguari – 1º Distrito



Hermes Bressan

2004

HERMES BRESSAN

BOCA DA PICADA
Raízes e História
JAGUARI – 1^o DISTRITO

Resgate da memória dos PICADEANOS
1935 - 2004

Jaguari-RS

2004

Edição de Texto: Autor
Revisão: Prof. Adélia Zuse e Autor
Impressão: Editora Pallotti – Santa Maria-RS

B843b

Bressan, Hermes

Boca da Picada: raízes e história: Jaguari – 1º Distrito/
Hermes Bressan. – Jaguari: O autor, 2004-04-29
160 p : il.

1. Boca da Picada 2. Jaguari 3. História 4. Imigração
5. Cultura 6. Educação 7. Economia 8. Religião 9. Saúde
10. Genealogia I. Título

CDU: 94(816.5BOCA-DA-PICADA)

Ficha catalográfica elaborada por
Maristela Eckhardt CRB-10/737

Sumário

Agradecimento.....	08
Dedicatória.....	09
Apresentação.....	10
Introdução.....	11
Localização geográfica.....	12
O brasão de Jaguari.....	13
Administração Municipal.....	14
I – ASPECTOS HISTÓRICOS	
Origem dos picadeanos	16
Por que Boca da Picada ?	17
Os imigrantes e a floresta	17

As reduções de Jaguari.....	17
O Rio Jaguari e a Ponte.....	18
Trabalho penoso.....	18
2ª Guerra Mundial	19

II – ECONOMIA

Fonte econômica	20
Atividade agrícola	21
Avicultura e suinocultura.....	21
Atividade pecuária.....	21
Estabelecimentos comerciais	21
Os nômades.....	22
Estabelecimentos Industriais	23
As Fazendas	23
As Carneadas	25
A colheita do arroz	26

III – ESPÍRITO ASSOCIATIVO

Os bailes	27
Rivalidades.....	29
Corrida em cancha reta	29
David, o jóquei	30
Jogo do osso	30
Os mutirões	31

IV – A EDUCAÇÃO NA BOCA DA PICADA

Nível de ensino	31
Avaliação escolar	32

V – FATOS PITORESCOS

Estouro da boiada	33
Façanhas e travessuras do David	33
Calça Tibúrcio	34
O teco-teco do Samuel	34
O Futebol do Odon da Rosa	34
O tombo do compadre	35
Briga de guri	35
A cócega da navalha	36
Enforcamento simulado	36
Fidelidade do perdigueiro	36
A lei do cacete	37
As mordomias do Paxá	37

VI – AS MARCAS DO DESTINO

Perda da mão	37
O cheiro do tatuzinho	38
O Segundo tiro	39
A morte do Jovelino	39
A morte de Luiz Bressan	39
O Chandico no cárcere	40
A morte do irmão do bolicheiro	41
Queda fatal	41
A morte do Saul	41
O afogamento do Sinhô	42
Morte de um Peão	42

Homicídio e suicídio	42
Caim e Abel	42
Seqüela de uma tragédia	43
Tiro acidental	43

VII – HISTÓRIAS VERÍDICAS

Bandido Ranchão I	44
Bandido Ranchão II	44
A história de Alziro Fonn	45
Tenente Carvalho, o Terrível	45
Uma onça solta – que medo !	48
O caudilho torturador	49
O troco do arrocho	50
O acontecimento social do século.....	51
O casamento da Filhinha	51
Os caçadores de veado	52
Desgosto de uma paixão	53
Plantas espinhentas	53
O pasquim	54
A higiene da rapadura	54
Disputando a namorada	54
Emplacamento de carreta e Carta de Condutor.....	59

VIII - FAÇANHAS DO TIO OTÍLIO

O cavalo foguete	55
O ponto fraco do tatu	55
O macaco e o tigre	55
Tio Otílio e as cafumangas.....	56

IX – VINGANÇA DA NATUREZA

Escrevendo certo por linhas tortas	57
A praga de gafanhotos	57
A enchente de 1941	58

X – RELIGIÃO, MISTICISMO E FÉ

Festa de Santa Juliana	60
Capela São Luiz	61
Igreja Matriz	64
O martírio dos domingos	64
Perto de Deus	64
O misticismo de Primeiro do ano	65
Praga de cigana	66
Francelino, o latoeiro misterioso	66

XI – SAÚDE

Cuidando da saúde	67
As parteiras	67

XII – MISCELÂNEA

O Professor Pardal	68
O encanamento de bambu	69
Os donos da estrada	69
O sonho de riqueza	71
O picadeano sortudo	71
Buscando seu espaço	72

XIII – NA VEREDA DAS PROFISSÕES

Profissão dos picadeanos..... 75

XIV – GENEALOGIA

Entendendo a formação das famílias 79

Poema de Júlio Dantas..... 80

01 Os Gomes	081
02 Os Rosa I	082
03 Os Rosa II	084
04 Os Vargas	085
05 Os Fonseca	086
06 Os Cides	087
07 Os Marin	091
08 Os Cazorla	095
09 Os Cadó	097
10 Os Bertoncello	098
11 Os Cassol	100
12 Os Valente	104
13 Os Carvalho	110
14 Os Paze	110
15 Os Acorsi	112
16 Os Carrillo	113
17 Os Polett	114
18 Os Rossa	117
19 Os Flores	117
20 Os Cabreira	118
21 Os Bressan	119
22 Os Bandinelli	122
23 Os Fava	123
24 Os Coelho	124
25 Os Silva I – João Silva Bicho	125
26 Os Silva II - Agenor Antonio Silva	126
27 Os Silva III – Laudelino Lopes Silva	127
28 Os Silva IV - Anastácio Silva	127
28 ^A Os Silva V - Rodolfo Gomes da Silva	128
29 Os Dalosto	128
30 Os Cardoso	131
31 Os Crivellaro	131
32 Os Souza I – Santo Souza	132
33 Os Souza II - Vitor Souza	133
34 Os Souza III – João Ângelo Souza	133
35 Os Minussi	134
36 Os Silveira I – João Fco Silveira	136
37 Os Silveira II - Anolfo	138
38 Os Zucco	138
39 Os Pilar	139
40 Os Viaro	140
41 Os Ferret	140
42 Os Aquino	141
43 Os Acosta	142
44 Os Carpes	142
45 Os Ferreira	143

46	Os Carlan	143
47	Os Maciel	144
48	Os Bernardi	145
49	Os Righez	145
50	Os Ereno	146
51	Os Garcia	147
52	Os Dutra	147
53	Os Zuconi	147
54	Os Picollo.....	148
55	Os Zuchetto	150
56	Os Marques	151
57	Os Jaques	151
58	Os Carlin	151
59	Os Pes	152
60	Os Nunez	153
61	Os Galmarini	153
62	Os Guerra	154
63	Os Menezes	155
64	Os Donadel	155
65	Os Capellari	155
66	Os Zanini	156

XV – BIBLIOGRAFIA

Obras consultada	157
Significado das palavras	157

AGRADECIMENTO

Esta coletânea de contos e dados genealógicos é fruto de uma pesquisa que tem por detrás a mão amiga de inúmeros colaboradores. Por isso consigno aqui meu agradecimento a tantos quantos acreditaram nesta publicação, não se negando a dizer o que sabiam.

Citar nome de parceiros desta jornada, que são tantos, haveria, certamente, omissão de alguns. Para evitar este ato involuntário, sintam-se reconhecidos todos os que contribuíram na sua feitura. Começo agradecendo àqueles que ficaram horas respondendo as indagações do entrevistador até aqueles que, apenas, disseram a quem se deveria perguntar.

O Autor

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Olívio e Aurora, num gesto de perdão pelo que não puderam oferecer aos filhos quando ainda na terra idade – a continuação da educação escolar.

À minha esposa e filhos pelo apoio nas horas difíceis, sorriso nas horas fáceis e amor em todas as horas.

Aos meus netos, Emanuel, Giulia e Bruna, pela doçura de suas palavras quando se imaginaram personagens deste livro.

APRESENTAÇÃO

O caro leitor está recebendo uma obra de pesquisa que envolve a constituição das famílias da Boca da Picada, sua história, seus costumes e seus anseios. É uma pesquisa em que o próprio leitor ajudou a compilar, direta ou indiretamente, de modo a se sentir também responsável pela sua elaboração.

Sua importância e utilidade para desvendar a formação das famílias de seus conterrâneos, talvez, não sejam percebidas de imediato, porque a memória ainda está na plenitude de seu vigor e responde prontamente aos seus estímulos de lembrança. Todavia, mais tarde, quando a marca do tempo lhe conduzir ao esquecimento, estará o leitor sentindo o valor deste instrumento de recordação dos seus antepassados.

Ao mergulhar na leitura da obra, poderá reconstituir a imagem daquelas pessoas que conheceu ou apenas ouviu falar. Ficará sabendo que existiram, fizeram a história e deixaram algum legado.

O autor espera ter contribuído para uma comunidade, da qual fez parte, num passado não muito distante, oferecendo esta publicação de cunho histórico marcada de fatos do cotidiano. A retribuição não é outra senão o privilégio de saber que tenha lido e atingido o grau de satisfação que mantinha em expectativa.

O Autor

INTRODUÇÃO

Desperta dúvida e curiosidade o motivo pelo qual alguém se propõe a passar para o papel atos e fatos de um povo ou de uma comunidade.

Aos primeiros contatos, alguns já indagavam, meio receosos, qual o interesse dessa pesquisa para o entrevistador e entrevistados. Outros, mais espirituosos, chegaram até imaginar que era uma maneira para justificar a saída de casa e fazer uns “bicos” por aí...

Mesmo explicando com minúcias não se conseguiria convencê-los de sua importância histórica, filosófica ou cultural. A maioria dos entrevistados levava fé na obra, não pela compreensão do seu objetivo, mas pela amizade que havia com o entrevistador. Sabia, foi dali, morou ali, viveu a infância e parte da adolescência ali na Boca da Picada.

Entretanto, como forma de justificar as razões desse desafio, devemos nos convencer de que, se alguém vislumbra uma missão, mesmo difícil e, ao cabo da qual resulta satisfação para quem lê e para quem escreve, não executá-la seria reprimir seu desejo de fazer o bem. Seria o sonho a se tornar pesadelo. Seria a eterna indagação: Por que não fiz isso antes ?

A idéia nasceu e quem conhece, apóia. Isso dá ânimo e coragem a quem assume e não se deixa esmorecer.

Negar que alguém não se sinta orgulhoso em cumprir uma missão desse porte, é negar a si mesmo. Tem desgaste, mas recompensa também. Essa recompensa é o reconhecimento de quem avalia a grandiosidade de um instrumento de interação dessa natureza.

Se disser que é também um instrumento de aproximação, deduz-se que seja ainda um instrumento de paz, de conhecimento, de admiração de seu vizinho ou de quem foi vizinho. Significa apreciá-lo mais ainda se conhecê-lo mais. Sabe-se, pois, que não se ama aquilo que não se conhece.

Esta coletânea vai mostrar a constituição familiar na forma de árvore genealógica, cuja apresentação dentada esclarece o grau de parentesco de cada ramo, de modo a se tornar um manual de cabeceira de quem dele tiver posse.

Os contos, as estórias, as histórias vão mostrar ao caro leitor a índole dos “picadeanos”, sua forma de vida, seus mitos, seus conceitos de bem viver e a forma de escapar dos obstáculos naturais e os criados pelo próprio homem.

* * *

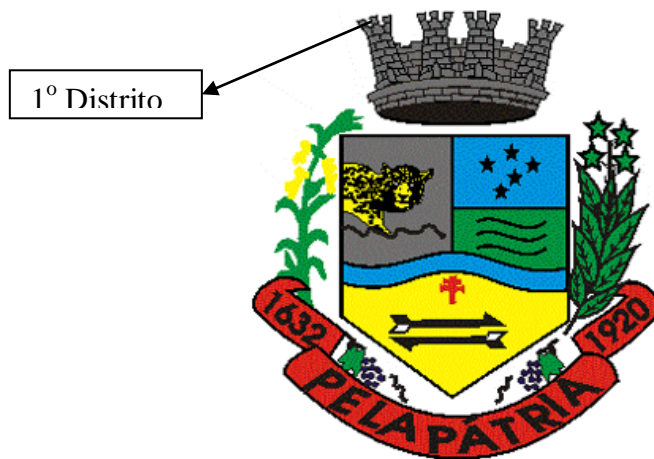
Localização geográfica da **Boca da Picada**
1º Distrito de Jaguari-RS



MapaRS.jpg

Este distrito situa-se a 380 Km de Porto Alegre-RS e a 103 km de Santa Maria-RS, o qual é cortado pela rodovia BR 287 na direção norte-sul.

O Brasão de Jaguari



Foi instituído em 1963 conforme Lei Municipal nº. 586/63. É um Escudo Ducal, tendo na parte superior uma coroa com 4 castelos simbolizando os 4 distritos que dividem o município. Uma faixa estilizada, em vermelho ondulante, com as inscrições: “1632 – PELA PÁTRIA – 1920”. JAGUARI, completa o brasão.

Em baixo, dois quartéis e um campo. No quartel da direita, uma onça malhada em fundo de prata, recordando a origem do nome do município. À esquerda, sobre fundo azul, o Cruzeiro do Sul, símbolo de nossa Pátria.

Mais abaixo, em fundo verde musgo, três sulcos, simbolizando terra roteada pelo arado, para a agricultura. Separando os quartéis do campo, uma linha sinuosa, em azul, mostra o Rio Jaguari que corta o município, no sentido leste-oeste.

Na parte inferior, em campo amarelo, uma cruz de missionário em vermelho e duas flechas indígenas, de ponta de osso, em sentido contrário, lembram os primitivos habitantes da redução jesuítica de São Miguel 1632.

O apoio lateral, à direita, um cacho de arroz. À esquerda, um ramo de fumo, esteios da economia agrícola; e como apoio de base, dois cachos de uva.

* * *

Administração Municipal de Jaguari-RS

Emancipação: 16/08/1920

- I. Dr. José Manuel Siqueira e outros... 1881 a 1891 – Colonizadores
- II. Dr. Severiano de Almeida 1891 a 1908 - Administrador da Colônia
- III. Distrito de São Vicente do Sul 1908 a 1920 - Sub-Intendente

1.	Dr Miguel Chmielevski	1920	a	1923	Intendente
2.	Cel Cloraldino Teixeira	1923	a	1926	Intendente
3.	Cel Silvio Marchiori	1924	a	1928	Intendente
4.	José Benincá	1929	a	1938	Intendente
5.	José Paulo Reginato	1938	a	1938	Prefeito
6.	Honorino Prunes	1939	a	1939	Prefeito
7.	Cincinato Brandão	1939	a	1942	Prefeito
8.	Dormelindo de Oliveira	1942	a	1945	“
9.	Adolfô Monteiro	1945	a	1947	“.

10. Waldemar Diefenbach	1947 a 1948	“.
11. Guilherme João Goelzer	1948 a 1951	“.
12. Luiz Farinatti	1951 a 1955	“.
13. Emilio Sesti	1956 a 1959	“.
14. Carlos Callegaro	1960 a 1964	“.
15. Enio Décimo	1964 a 1969	“.
16. Ervandil Reghelin	1969 a 1972	“.
17. Davi Machado	1973 a 1976	“.
18. Vilson Julio Borsa	1976 a 1982	“.
19. Almir Fiorin	1983 a 1988	“.
20. Antonio Carlos Saran Jordão	1989 a 1992	“.
21. Marcondes Ruffo	1993 a 1996	“.
22. Antonio Carlos Saran Jordão	1997 a 2000	“.
23. Almir Fiorin	2001 a 2001	“.
23. Ivo José Patias	2002 a 2004	“.

Até 1948 os Intendentes e Prefeitos eram nomeados pelo Presidente ou Governador do Estado do Grande do Sul. A partir daí os prefeitos passaram a ser escolhidos pelo voto popular.

I – ASPECTOS HISTÓRICOS

Origem dos picadeanos

O povo da Boca da Picada era constituído, na sua maioria, de nativos de origem portuguesa e indígena. Durante a Guerra do Paraguai, muitos habitantes daquele país se refugiaram no RS, principalmente nas regiões de fronteira.

A família Rosa I veio do Paraguai e se estabeleceu inicialmente em Rosário do Sul. Outro ramo que veio da Espanha é o da família Cazorla ou Caçola cujos imigrantes mantiveram o sotaque de sua linguagem original.

Chama a atenção um grupo de nativos, um misto de negro e índio (cafuso) que se embrenhou no “Rego do Sapo”, local assim denominado por ser cortado por uma sanga onde habitam os anuros que quebram o silêncio da noite com seu inquietante coaxar.

Trata-se da Família Rosa II e Rocha. Este ramo vivia em habitação rudimentar ou maloca, coberta de sapé e parede de arbusto misturado com barro, em condições precárias, alojando insetos transmissores de doença.

Atualmente, com ajuda do poder público, as habitações foram melhoradas, mas seu povo continua na linha da pobreza. Não conseguiam se alfabetizar, ou por não procurarem a escola e também por terem dificuldade na aprendizagem.

Não muito distante desse núcleo habitacional, viviam outros grupos, os serviçais, remanescentes escravos como os peões de fazenda, trabalhadores avulsos, os “sem terras” da época e os Gameleiros. Eram pessoas sem ambição ou desejo de melhorar seu padrão de vida. Aceitavam a situação em que viviam, com vícios acentuados no álcool que os impedia de trabalhar como empregados ou assumir compromisso com horário marcado.

Estes grupos vivem mais em função dos velhos aposentados e dos programas sociais do governo federal do que da auto-sustentação. Se antes eles pouco trabalhavam, agora estão mais ociosos ainda.

Os grupos supracitados constituíam a exceção à regra. Os demais eram e são produtores, trabalhadores em busca do seu desenvolvimento auto-sustentado.

De origem espanhola registra-se a família Nunez que se uniu à família Rosa II e Rocha, formando novas famílias com os mesmos costumes dos nativos.

Outro grupo espanhol, porém mais desenvolvido e atuante é o da família Carrillo que, também usa a grafia “Carijo”. Aqui constituíram dois grupos distintos: um morando na Linha Nove e outro, na Boca da Picada, assimilando a cultura local.

Nos idos de 1910 a 1915, os descendentes de imigrantes italianos começaram a adquirir terras na Boca da Picada, região fora do assentamento do governo. Eram as famílias Bressan, Valente, Dalosto, Bandinelli, Marin, Fava, Acorsi, Zanini, Rossa e Zuconi, Paze, Cadó, Ereno, Marin e outros.

Este povo mantinha seus costumes de origem e pouco trocava visita com os nativos. Surgiram então os termos pejorativos da época. Os nativos chamavam os italianos de “Gringo”. Os gringos, por sua vez, o chamavam de “Pelo Duro” ou “Saratini”. No início os italianos resistiam os namoros com os PD. Havia uma discriminação com os nativos em razão dos seus costumes, cultura e procedimentos sociais. Somente a partir da década de 1950 que passou a existir casamento de gringo com Pelo Duro, eliminando esse tabu.

Por que Boca da Picada ?

Antes dos imigrantes italianos ocuparem o Barracão, às margens do Rio Jaguar ou Jaguari em 1892, vindo do acampamento de Silveira Martins, a região do vale era toda coberta de mata virgem.

Em 1881 o administrador da Colônia Jaguari, Dr. Severiano de Almeida, iniciou a abertura de estradas de rodagem. Uma delas em direção a Santiago e outra, a São Vicente do Sul. Nesta última, numa distância de 7 Km, o mato era cerrado e havia necessidade de abrir picada para poder transitar inicialmente a pé. No final desta picada constituiu-se um núcleo habitacional cujos moradores se habituaram a referenciar a localização de suas residências como sendo a entrada da picada ou a Boca da Picada. Daí a razão do seu nome. Oficialmente é o 1º Distrito de Jaguari, mas é conhecido como **Boca da Picada**.

Os Imigrantes e a Floresta

A imigração italiana para Jaguari teve seu auge em 1892, onde cada família, conforme seu tamanho, recebia um lote de 25 ou 50 ha. A maior dificuldade encontrada foi na imensidão de árvores gigantes que deveriam ser abatidas para organizar as lavouras. Os Imigrantes que ali se instalaram não eram habituados a trabalhos daquela natureza – cortar enormes troncos, retirar as toras e preparar o solo. Eram hábeis em outras profissões como artesãos, tecelões, músicos, gráficos e outras atividades correlatas. Daí a dificuldade na adaptação.

As reduções de Jaguari

Havia três reduções nas margens do Rio Jaguari no século XVII: São José, São Tomé e São Miguel. As de São José e São Tomé foram dizimadas pelos bandeirantes sob o comando de Raposo Tavares em 1638. A de São Miguel, em razão das ameaças dos tigres, foi levada a um lugar mais seguro, indo se instalar às margens do Rio Piratini, bem antes das incursões dos bandeirantes. Se ali tivesse permanecido, teria o mesmo destino das outras duas.

Rio Jaguari e a ponte

Ao redor do ano 1900, o leito do Rio Jaguari foi desobstruído para permitir a navegação até a foz do Rio Ibicui. Em época de nível regular das águas, os vapores “Jaguari” e “Herminio”, com 4 palmos de calado(+/- 1,0 m), transportavam os produtos da Colônia aos mercados da Bacia do Prata rebocando as chatas.

Para se chegar ao povoado ou ao “povo”, como era denominado, antes de 1900, havia necessidade de utilizar balsa quando o rio estava cheio; quando raso, passava-se sobre a água, no vau, a pé, a cavalo, com carreta ou carroça.

Em 1897 foi iniciada a construção da ponte metálica sobre o Rio Jaguari, com mais de 100 m de extensão, e inaugurada em 01 de março de 1899. Recebeu o nome de Ponte Julio de Castilhos em homenagem ao Presidente do Estado do RGS, Dr. Julio Prestes de Castilhos. Em 1900 foi destruída por uma grande enchente, mas logo foi reconstruída.

Trabalho penoso

Para não fugir a regra, para o imigrante italiano só havia terras disponíveis no vale dos diabos, nos rincões, na encosta de cerro e em outros lugares onde o nativo ou o primitivo morador não conseguia dominar. Foi na encosta e no Pico do Cerro do Veado que dona Angelina Donadel Bressan conseguiu suprir os filhos Olívio e João com uma gleba de terra para começar a vida de recém-casados.

Adquiriu para ambos uma área de 25 ha e dividida em partes iguais para cada um. Grande parte era coberta de mata virgem necessitando grandes derrubadas para transformar em lavoura. Tinha, portanto, cada propriedade uma testada de 65 m, iniciando na atual BR 287, indo até 2 km cerro acima e descendo do outro lado do cerro onde o sol causticante de janeiro e fevereiro castigava impiedosamente seus exploradores. A rampa de acesso era superior a 30 %.

Para atingir o pico desse cerro, onde se situavam as lavouras, era exigida uma maratona diária. A reserva de energia era quase toda consumida para vencer a íngreme estrada carreteira, restando pouco para produzir trabalho útil.

Os bois que tracionavam a carreta andavam sempre ofegantes, de língua de fora e de pulsação acelerada. Às vezes se recusavam a enfrentar as rampas, mas falava mais alto o medo das chicotadas com vara de laranjeira do mato e da picana. Eram visíveis os sinais da agressão no dorso dos animais que se percebiam no pêlo eriçado. Tinha que ser assim. Não havia outra saída !.

Se, com a carreta vazia, era assim tão sofrido, imagine carregada de milho, cana de açúcar, trigo enfeixado, lenha... O peso era triplicado.

As estradas eram construídas abrindo “picada” no mato, usando ferramentas manuais como machado, serra, picareta e pá de corte. As pedras maiores eram removidas amarradas em correntes e arrastadas com a força de pescoço de boi.

Era necessário seguir a encosta do penhasco, acompanhando as dobras do terreno e, por vezes, invadindo a propriedade do vizinho para diminuir a rampa.

As lavouras eram iniciadas com o corte do mato com serra ou machado, foice, facão. Após o corte e a madeira seca, faziam-se os “aceiros” e ateava-se fogo que, muitas vezes, fugia ao controle dos incendiários indo queimar as matas dos lindeiros.

A lavoura, devido a forte inclinação, não retinha o humo – a terra fértil era levada pelas chuvas tão logo apodreciam os tocos das árvores. Aí então só vingava mesmo o famoso “rabo de burro” capim que simbolizava a fraqueza do solo. Em adubo, naquela época, nem se pensava. Se existia, não valia a pena investir porque na primeira chuva ia tudo para o brejo, verdadeiro sentido da expressão !

Com a lavoura desmatada, queimada, terra afogada, vinha o plantio da semente ou da muda. Rezava-se pelas chuvas nas longas estiagens e para cessar, quando chovia demais. Seca forte, a semente não germinava ou não brotava. Chuva demais, apodrecia

no solo ou era destapada ficando a mercê dos depredadores naturais - os pássaros. O clima também tinha que ser favorável para promessa de uma colheita compensadora. Afora estas preocupações, havia os inimigos naturais a entrar em ação, sem dó nem piedade. As formigas dizimavam o milho, o feijão, trigo que recém nascia. Depois do grão de milho formado na espiga vinha o ouriço, a caturra (baitaca) a inutilizar as espigas que abriam. No trigo alourando vinham o Preá, o ratão, os pássaros.

Em outubro de 1947 as lavouras de trigo e os brotos dos parreirais foram arrasados por uma chuva de granizo acumulando gelo a 30 cm do solo.

Em outubro de 1948 as lavouras foram destruídas por uma gigantesca nuvem de gafanhotos que durou mais de ano. Estes insetos devastadores já vinham infernizando a vida dos agricultores desde 1941, porém em nuvens menores.

Os grãos que sobravam dos inimigos exigiam esforço dobrado para colher, transportar, armazenar e separar da palha. Era chegado então a hora da exploração – a comercialização. Quem determinava o preço, como sempre – o mercado. Vendia-se a troco de banana – preço aviltado, mas era preciso trocar produto por dinheiro, mesmo com preço baixo. Pela lei da oferta e da procura – quando o tempo transcorria bem, todos colhiam bem e o preço baixava. Em tempo de seca prolongada ou de tempo chuvoso vinham as crises – os preços de venda, é claro, subiam, mas não havia produto. Por isso podia-se dizer que o trabalho do produtor rural, na época, era um “Trabalho Penoso”.

2ª Guerra Mundial

No período de 1939-1945, a população brasileira viveu momentos de angústia, incerteza e perseguição por parte dos descendentes de famílias alemãs. Irrompia a 2ª Grande Guerra deflagrada pela República Alemã sob o comando de Adolfo Hitler. Tinha ele gananciosos desejos de conquista da hegemonia dos povos e da melhoria de uma raça que julgava superior as demais – a ariana.

No início nosso país era neutro à guerra, mas com o torpedeamento de um navio brasileiro, em águas brasileiras, por frota alemã, o Brasil declarou guerra à Alemanha, unindo-se aos países Aliados: Estados Unidos, Inglaterra e Rússia. A Alemanha fazia parte do Eixo, constituído pela Itália de Mussolini e Japão de Hiro Hito.

A tropa brasileira foi denominada Força Expedicionária Brasileira – FEB, sob o comando do General Mascarenhas de Moraes. Combateu os alemães na Itália onde venceu importantes batalhas travadas em Monte Castelo, Montese, Castel Nuovo, outras.

Os combatentes que tinham cerca de 21 a 25 anos naquela época, hoje muitos deles ainda vivem orgulhosamente por ter defendido o solo pátrio além do oceano.

Os soldados, que eram recrutados nos quartéis de todo país, partiam deixando às mães em pranto e na incerteza do seu retorno. Os que ficaram em terra apenas ouviam o ronco das aeronaves em treinamento e assistiam à partida dos navios levando os soldados brasileiros para a zona de guerra.

Os soldados que tiveram sorte de retornar, vivos, eram chamados carinhosamente de “Pracinhas”, os quais foram bem recompensados tanto em homenagens quanto na remuneração salarial - o soldo, depois de longo tempo de espera. Nenhum picadeano participou do conflito, mas viveu a angústia de ser convocado.

II - ECONOMIA

Fonte econômica

A principal atividade econômica da localidade se resumia na agricultura familiar cultivando feijão preto, milho, trigo, Cebola, batata doce, abóbora, moranga,

alfafa, fumo(em corda), arroz(pequenas áreas), a qual era exercidas por descendentes de imigrantes italianos e demais habitantes anteriores da região.

O cultivo da cana de açúcar para o fabrico de rapadura, açúcar mascavo, melado, cachaça pertencia aos nativos da Boca da Picada, porém, mais tarde outras etnias se envolveram nessa seara.

Outras culturas pouco duraram como o plantio da Cevada para fabricação de cerveja e Linhaça para a produção de óleo e outros.

A maior área plantada de arroz ficava no vale do Rio Jaguari, zona suscetível alagamento nas enchentes de inverno.

O cultivo da vindima de maior produção, para fins comerciais, pertencia a Antonio Bressan. Também às famílias Cassol, Cadó e outros, produziam uva para consumo e para o fabrico de vinho.

A cultura de hortigranjeiros, no ramo do agrião, foi desenvolvida na região pelo Atilio Bressan; no ramo de verduras e temperos, pela família de Miguel Cassol.

A pecuária era domínio de poucos, principalmente dos proprietários da Fazenda Santa Eugenia, família Silveira, e Fazenda do Jacaré, família Sesti/Deon, divisa com São Vicente do Sul, além da família Zanini, Acorsi, Valente, Crivellaro e outros, no sudoeste da região.

Naquela época a indústria se resumia em carpintarias/marcenarias de pequeno porte para fins caseiros e fabrico de tonéis ou barris para vinho ou cachaça. Havia a fábrica de calçados Perazzolo, a Ferraria Poltosi e do Marin.

A fabricação de Cerâmica só veio se instalar na década de 1970, com a vinda de duas Olarias para tijolo maciço e outros artefatos.

Cada morador mantinha sua criação de aves, suínos, gado leiteiro e de corte, principalmente para o consumo próprio, permitindo a industrialização de embutidos, queijo, carne seca(charque), pois não havia freezer nem câmaras frigoríficas para conservação dos produtos in natura.

Quanto ao comércio, havia os bolichos de campanha onde armazenavam de tudo um pouco. Nada empacotado, tudo vinha a granel e embrulhado na hora da venda. Feijão, farinha de milho, de trigo, de mandioca, açúcar usina ou mascavo, biscoito, querosene, banha eram os principais produtos da época. As roupas vinham em forma de fazenda, fardos, vendidas em metro como ainda existe hoje.

A própria “venda” tinha a função de bar onde se vendia vinho, cachaça pura ou com biter, servida nos costumeiros “lisos” ou “bicheri”, onde os fregueses repassavam o copo de mão em mão e se alternavam no pagamento. Em algum momento alguém se excedia no trago e surgiam as discussões, cujos contendores partiam logo para as vias de fato. Geravam então uma cena ou fato para ser reportado.

A repercussão ecoava de imediato no outro pólo da região, principalmente quando caía nos ouvidos dos “bons de recado” ou “fofoqueiro” ou “lambanceiro” como eram conhecidos. Estas últimas expressões eram atribuídas àqueles que distorciam os fatos e os multiplicavam a seu bel-prazer.

Atividade agrícola

A agricultura local, devido a existência apenas de pequenas extensões de terra para cada proprietário e, ainda, à lavouras e áreas acidentadas, não comportando mecanização, não poderia prosperar ou competir, em nível de produtividade, com outras fora dali.

Algumas áreas de várzea admitiam a entrada de máquinas para sua preparação e colheita, mas eram poucas. De modo geral a agricultura tinha um caráter familiar.



Carlan & Cia Ltda
Secagem e armazenamento de
grãos

Com o incentivo do plantio da soja, a busca de terras nas proximidades tornou-se um imperativo. Passou-se a produzir em escala maior, visando à comercialização interna e externa – a exportação. Em vista disso foi instalado na localidade, pela empresa Carlan & Cia Ltda, tradicional beneficiadora de arroz em Jaguari, um silo-depósito com equipamento de secagem e movimentação de grãos.

Avicultura e suinocultura

Nas áreas da avicultura e suinocultura os empreendedores se arriscaram pouco.

O Sr. Edison Valente da Rosa investiu na suinocultura e vem se mantendo, porém alargando seus horizontes na área comercial, instalando seu ponto de venda com o nome de “Granja Jaguari” na margem da rodovia BR 287. É uma empresa que gera algum tipo de emprego por exigir constante vigia na criação e no engorde dos animais para o abate.

Atividade Pecuária

A pecuária tem sido a tábua de salvação da maioria de seus moradores. Poucos são aqueles que não mantêm uma tropa de 10 a 12 cabeças de gado no seu potreiro ou no seu pequeno campo, tratada no sistema de confinamento. É uma atividade econômica de reforço e/ou sustentação do orçamento familiar.

Outros produtores, em escala um pouco maior, detinham ou detém maiores espaços e vivem quase que exclusivamente da criação de bovinos e ovinos.

Na ordem crescente de tamanho de propriedade citamos a famílias Cazorla, de origem espanhola, que investiram no setor através dos irmãos Bartolomé (conhecido por Bertoldo), Gabriel e Afonso.

A Família Zuconi, através dos Irmãos Armando, Alcides, Luiz, proprietários de campo quase na divisa com o município de São Vicente do Sul, também se destaca na produção de gado de corte.

Pedro Zanini, Artur Acorsi também mantinham bons rebanhos, na margem da atual rodovia BR 287, em excelente campo para pastagem bovina e ovina.

João Valente (Nêne), Pedro Dalosto, Alvino Righez Valente, ampliaram suas propriedades adquirindo mais terras de campo de lindeiros, mas o núcleo principal da propriedade se baseou na transmissão por herança de pai para filho.

José Dalosto Valente, outro produtor rural, não adquiriu terras de campo por herança. Seu pai, Luiz Benachio Valente (Luizim), era proprietário de extensa área de campo na entrada da Fazenda Santa Eugênia, porém não houve interesse dos filhos, na época, em prosseguir na criação de gado. Por isso foi vendida a terceiros. Mais tarde, José Dalosto Valente, militar da reserva, decidiu retornar ao torrão natal, adquirindo toda a propriedade dos herdeiros de João Crivellaro, onde hoje mantém um bom lote de gado com perspectiva de ampliação. (*) Convém aproveitar o gancho da história e destacar que o destino, às vezes, ironiza nossas veredas, senão vejamos: José trabalhou, como empregado, na loja de João Crivellaro alguns anos antes de prestar o serviço militar. Depois de mais de 30 anos retorna ao local de origem para gerar emprego a outras pessoas e dar continuidade ao sonho que acalentava na adolescência – ser fazendeiro.

Estabelecimentos comerciais

A Boca da Picada nunca teve mais de quatro estabelecimentos comerciais, os denominados “bolichos de campanha”. Não havia espaço comercial para mais do que isto. Na década de 1930 estabeleceu-se a “Venda” de Luiz BenachioValente(Luizim,Luigin) comercializando uma diversidade de produtos de acordo com a necessidade dos habitantes da localidade. Não podia faltar o querosene para lampião, o próprio lampião, tamanco – o calçado de uso diário, chapéu de palha de trigo, bacia e balde de chapa galvanizada, gamela, canecas alouçadas, urinol ou pinico(no popular), alguns apetrechos de montaria como pelego, xerga ou xergão, arreio, freio, cabresto, peiteira, cinchão, carona, badana, sobre-cincha, sovéu, laço de 4 e 8 tentos, etc. Na linha do vestuário se destacavam as peças de fazenda(tecido em metro) para roupas de serviço, cama e mesa, mais os componentes de arremate. No ramo da alimentação os produtos vinham a granel, armazenados em tulhas de madeira, vendidos por peso - o quilograma. O açúcar de usina era produto nobre; vendido e servido somente em ocasiões especiais. Também comercializava o defensivo agrícola da época – formicida e outros.

Para o divertimento nos sábados à tarde e domingo, a cancha de bochas recebia seus bochófilos com uma boa camada de terra solta a engordar os pés no fim de cada partida. As apostas valiam um liso de canha, uma tripa de salame, um naco de queijo e até dinheiro entrava no jogo. As brigas e as discussões também faziam parte do clima da bocha

Um pouco mais perto de São Vicente do Sul havia outro bolicho, o do Seu João Flores, que também comercializava os mesmos produtos de Luiz Valente. Mais tarde, com o fechamento do estabelecimento de João Flores, estabeleceu-se bem próximo dali o Sr. João Rossa que aproveitava o movimento das domingueiras de corrida de cavalos (Comércio de Carreiras) para aumentar suas vendas. Pouco tempo depois mudou seu estabelecimento comercial para a região da Linha 10.

Pedro Cides montou sua venda logo após transferir residência para a beira da estrada geral, hoje BR 287. Mantinha produtos diversos e em paralelo industrializava a cana de açúcar produzindo rapadura, melado, açúcar e cachaça. Exercia também a atividade de barbeiro principal da redondeza.

Mais tarde cedeu espaço comercial para Laudelino Lopes da Silva(o Moso) que montou uma cancha de bochas e implantou outras modalidades esportivas como o carteadado de Jogo do Nove, Três Sete, Bisca, Escova, Cinquilio, etc.

Em meados de 1949, o Sr. Domingos Crivellaro Filho, logo que casou com Célia Dalosto Valente, adquiriu a propriedade do Tenente Carvalho e instalou seu estabelecimento Comercial com uma enorme variedade de secos e molhados. Montou uma cancha de bochas bem nivelada, tornando-se uma atração aos bochófilos da redondeza.

Três anos mais tarde transferiu seu bolichão de campanha para a margem da estrada geral, hoje BR 287, buscando um local mais amplo e mais à vista do cliente.

Com a transferência do Bolicho de Domingos Crivellaro para a cidade de Jaguari, o Sr Laudelino Lopes da Silva voltou à atividade, desta vez montando seu negócio quase na entrada para a Fazenda Santa Eugenia. Ali permaneceu até 1999 quando então fechou definitivamente.

Ao lado do antigo bolicho de Laudelino, a partir de 2003 se instalou outro estabelecimento para comercializar produtos coloniais, denominado “Granja Jaguari”, de propriedade do Sr. Edison Valente da Rosa. Este estabelecimento deverá conquistar a preferência da vizinhança e dos transeuntes. Sua posição estratégica vai tornar uma parada quase obrigatória para os motoristas que circulam entre Jaguari e São Vicente do Sul.



GranjaJaguari.jpg

Casa Comercial situada no trecho da BR 287 entre São Vicente do Sul e Jaguari-RS – Centro da Boca da Picada

Os nômades

Havia famílias humildes constituídas por núcleos de pessoas moradoras nas terras de Pedro Bastos e também nos confins de Potreiro Grande que se dedicavam a fabricar gamelas e bancos de três pernas, em diversos tamanhos. As gamelas maiores serviam de banheira, vasilhame para armazenar carne e miúdos durante as matanças de reses, ovinos, suínos e aves.

As médias e menores serviam de bacia para a lavar o rosto e os pés, à noite, ao deitar, e pela manhã, ao levantar. Eram fabricadas com todo esmero e bom acabamento, valorizadas pela qualidade da madeira que era abundante na época.

A Principal matéria prima era a timbaúva não muito velha, a qual ainda conservava a parte branca, conferindo mais resistência ao produto. A escolha da Timbaúva se devia à facilidade de se desidratar(secar) sem trincar ou rachar, mantendo a resistência mecânica e ao desgaste(não esfarelava).

Com o desaparecimento da matéria-prima, desapareceu também essa categoria de fabricante de gamelas. Surgiram outros tipos de gamela, porém não de Timbaúva, produzidos com sistemas mecanizados, diferentes daqueles de caráter artesanal.

Os Gameleiros da época ficavam mais de mês produzindo seus artefatos e destinavam um dia para se deslocar até a cidade para comercializá-los. Deslocavam-se todos juntos, em grupo, cada um levando mais de um produto. Se não conseguissem vender toda a produção no dia da viagem, ficavam acantonados sob a ponte do Rio Jaguari, até que toda a mercadoria fosse comercializada.

Estabelecimentos Industriais

Na Boca da Picada não houve destaque na indústria mecânica ou eletromecânica. O 1º Distrito dista apenas 7 km da cidade e não comportaria um investimento nessa área onde a população é pouco densa.

A indústria artesanal, a caseira, fazia parte da vida dos seus moradores. Na arte da costura se destacaram Adelina Fava Marin(a Nena), Itália Marin Basto, Honorina Lima Gomes, Itália Donadel Bressan(na Linha 9), afora outras que se dedicavam mais a roupas de uso diário da família.

Até 1950 não havia indústria cerâmica para produção de tijolos ali. Somente mais tarde duas olarias vieram se instalar, produzindo ainda no estilo artesanal, porém com

pequenos avanços de mecanização. São as olarias da família Viaro e Cazorla, as quais vem suprindo as necessidades locais e das redondezas com produtos de razoável qualidade.

A indústria mais antiga do local não poderia ser a da uva; não há vocação para esta atividade. Mas é a da industrialização da Cana de Açúcar, da qual se extrai o melado, a rapadura, o açúcar mascavo e a cachaça (produto bem brasileiro) – a mais procurada. Os principais produtores eram Pedro Cides, Tibúrcio Rosa, havendo outros em menor escala.

No ramo da construção civil, imóveis e móveis de madeira, destacaram Pedro Zaupa Cadó, João Zaupa Cadó (o Nico, na Linha 9), Ivo Sachet Marin, Olivio Donadel Bressan e outros.

Na área da alimentação destacavam-se os produtores de queijo, salame e seus derivados, entre os descendentes de imigrantes italianos.

Os bolichos de campanha tiveram seu auge e sua queda, sem que nenhum empreendimento dessa natureza tenha sido ponto de partida para a alavancagem de uma grande empresa do ramo. Algumas delas ensaiaram uma arrancada rumo ao desenvolvimento, mas logo cederam espaço para outras.

As fazendas

Indo um pouco além da divisa de município de São Vicente do Sul, vislumbra-se a Fazenda de Atílio Sesti, cuja irmã se esposou de Pedro Deon, que trabalhava na Loja da família em Jaguari. A fazenda era conhecida como sendo de Atílio Sesti e de seu sócio Pedro Deon. As famílias moravam em Jaguari, mas transitavam quase que diariamente na velha estrada da Boca da Picada. A fazenda produzia bons rebanhos e abastecia com carne de qualidade a região e também os frigoríficos de diversas localidades.

Era um empreendimento de geração de emprego, não necessariamente com carteira assinada, como é hoje exigido, mas sustentava as famílias que dependiam do trabalho do campo. Eram os empregados “peões” a tomar conta do gado no revezamento de internada, rotação de pastagem, tratamento, vacina, carrapaticida, etc.

No decorrer do tempo se desfez a sociedade, permanecendo apenas a família Sesti na direção dessa fazenda, talvez não sendo o desejo da parte que ficou fora.(1)(Nota explicativa de rodapé).

- (1) Aqui cabe uma intrusa opinião de que a Fazenda de Gado se compara ao mercado de ações – tem seus altos e baixos, mas no final, quem souber usar as gordurinhas, sempre sai bem sucedido no negócio. Quem tem seu campo produtivo, dificilmente dele se desfaz. Quando pode, nele trabalha. Quando não, arrenda. E se não pode ou não quer mais trabalhar, passa aos descendentes. Essa é a lei, a regra, o óbvio ululante, como dizia Nelson Rodrigues.

A fazenda de maior porte na região é a Fazenda Santa Eugênia. Situada no lado Oeste da Boca da Picada, cuja estrada-corredor que conduz até lá, numa extensão de aproximadamente 4 km, começa na BR 287, a 7 km da cidade de Jaguari. Seu proprietário e maior administrador foi João Francisco da Silveira, casado, em primeira núpcias, com Maria Marchiori e, em segunda núpcias, com Olintha dos Santos. Os filhos gerados em ambas as núpcias constam da genealogia do ramo 36 – Os Silveira I, descrita nesta obra.

A área total da propriedade, incluindo mato, campo e várzea, é cerca de 61,60 quadras de sesmaria, equivalente a 5.357 ha. A lotação normal é de 4.850 cabeças de bovinos. A raça predominante é a Charolês, seguindo-se a Zebu e Aberdeen Angus.

Ocupam o campo também 285 ovinos e 63 eqüinos. A lavoura de arroz abrange 120 quadras, equivalente a 210 ha.

Com o falecimento de João Francisco da Silveira, em 25 de junho de 1980, a sede da fazenda ficou com a viúva Olintha Santos da Silveira, até seu falecimento em 25 de junho de 1998.

Depois do inventário coube ao filho Odon Luiz da Silveira a sede antiga com o nome de Fazenda Santa Eugênia. Os demais filhos receberam suas áreas, e nelas colocaram, respectivamente, nome das antigas invernadas, denominações estas dados por João Francisco da Silveira. A divisão ficou assim constituída, com seus respectivos proprietários:

FAZENDA SANTA EUGÊNIA	Odon Luiz da Silveira
FAZENDA SANTA TERESINHA	Edú Marchiori da Silveira
FAZENDA DA LAGOA.....	Clóvis Marchiori da Silveira
FAZENDA DO IPÊ	Aura Anice Silveira Schereiner
FAZENDA SANTA FÉ.....	Maria Eugenia Silveira Décimo
FAZENDA DA VÁRZEA	Laurita Mary da Silveira.

Luiz Eugênio da Silveira(1873/1933), casado com Joaquina Borges(1875/1948), filho de Luiz Antonio da Silveira(1851/1920) e de Clementina da Silveira, morava em Rosário do Sul-RS onde tinha propriedade rural. Um compadre seu, que também sofria de asma, foi morar em Jaguari e teve sensível melhora devido ao clima. Aconselhou e convenceu seu compadre Luiz Eugênio a adquirir uma propriedade de campo lá. Em 1909 fez a compra e denominou-a de Fazenda do Ipê. Algum tempo depois, comprou mais áreas da família Fonseca onde hoje se situa a Fazenda Santa Eugênia, inaugurada em 18 de junho de 1934.

Com o seu falecimento em 1933, seu filho João Francisco da Silveira assumiu integralmente os negócios da fazenda e ali morou até 1943. A partir de então, arrendou a propriedade ao seu cunhado Ananias Vasconcelos e foi morar em Porto Alegre, no Hotel Majestic onde seus filhos estavam hospedados para estudar - Edú estudava Medicina e Clóvis, Direito.

Em 1945 retomou a administração da Fazenda Santa Eugênia e ali permaneceu até falecer em 25/06/1980.

Depois de sua inauguração, a fazenda foi palco de grandes acontecimentos sociais, reunindo as pessoas da família e de amigos. Em 1939 realizou-se a festa de formatura ginásial de Edú, filho de João Francisco da Silveira e Maria Marchiori. Em 1955, realizou-se o casamento de Maria Eugênia com Enio Décimo. Ela filha de João Francisco da Silveira e Olintha Santos, neta de Luiz Eugênio. Em 1986, o casamento de Thais com Luiz Fernando Giacomeli. Ela filha de Laurita Mary da Silveira, neta de João Francisco da Silveira e bisneta de Luiz Eugênio.

FormaturaGinasio.jpg

Flagrante da Formatura Ginásial - Edú



Casamento Enio Décimo e Maria Eugenia(1955) Pórtico da Fazenda





casamentoME

Casamento da Thais e Luiz Fernando Giacomeli (1986)



PorticoFazendaSG.jpg

CasamentoThais.jpg

* * *

As carneadas

Poucos comerciantes ou moradores se habilitavam a manter abate de rês para venda de carne fresca. Quando alguém se propunha a abater um animal, saía um mensageiro de casa em casa solicitando aos moradores que fizessem sua encomenda. A intenção era vender toda carne no mesmo dia ou fazer charque daquela que sobrava. Não havia freezer nem geladeira para conservar carne fresca.

Nos idos de 1952 Seu Chandico mantinha carneação regular de uma rês aos sábados, não havendo necessidade de avisar a população. Era uma atividade programada e todos já sabiam, até mesmo os clientes que moravam na cidade, os quais já antecipavam suas encomendas. A família Sesti (Sr. Belo, Emilio, Chula, Alvino) era a maior freguesa do açougue. Comprava de 30 a 40 km de uma só vez.

Os clientes que estavam na fila reclamavam do privilégio dado aos que vinham da cidade buscar suas encomendas. Era motivo de piadas, sob alegação de que iriam ficar com a parte pior da rês. E de vez em quando jogavam um “ossinho” para o alto para atingir o carneador por causa do seu tratamento desigual com os clientes.

Para sangrar o animal quase sempre vinha pessoa de fora da família. Começava-se de madrugada, ainda escuro e já às oito horas a carne estava no picador. Toda a família se envolvia no trabalho, aproveitando as vísceras e outras partes menos nobre da rês.

Era costume sangrar o animal e ir tomar o café da manhã. Certa vez isto foi feito e, quando retornaram ao local onde a rês havia sido sangrada, lá não estava. Havia se recuperado e saído a campo fora. O sangrador pagou o “pato”, isto é, mico.

Naquela época só se carneava rês nova, de 130 a 160 kg – peso dos 4 pedaços. Era carne macia e de preço acessível à maioria dos moradores da redondeza porque a boa compra do animal permitia tal barganha.

Já na 2ª feira Seu Chandico saía mais uma vez a percorrer os produtores de gado para adquirir outro exemplar vacum. O negócio ia bem até que numa dessas buscas fez parada na Fazenda Santa Eugenia, uma das maiores produtoras de gado da região. Por lá se desentendeu com um peão da fazenda, de cor escura, por causa de uma peça de arreoio que alguém escondeu por brincadeira e foi atribuído culpa ao Seu Chandico. Trouxe a rês de lá e carneada no sábado. No domingo, durante uma corrida de cavalos, lá estava aquele peão, atravessando o cavalo diante da égua tordilha de Chandico, dando-lhe relhaços nas suas costas sem muita discussão. Nisso Chandico apeia da égua e já encontra o peão, a pé, soltando o relho de novo. Chandico saca uma carneadeira da cintura, caiu fora de outro golpe de relho e avança com a faca de baixo para cima na

altura da virilha. De repente jorra sangue á distancia e o peão caiu sobre si mesmo. O corte atingiu a artéria femural e teve morte em poucos instantes.

Chandico montou na tordilha e foi até sua casa onde entregou a égua para a mulher e tomou rumo ignorado, adentrando no mato para fugir do flagrante. Chegava ao fim a carneação do Seu Chandico na Boca da Picada.

Outra modalidade de carneada que existia na localidade era a de suíno ou de ovelha, porém para uso próprio da família, sem comercialização.

Fazia parte dos costumes de algumas famílias trocar gentileza ofertando um pedaço de carne, de 1 a 2 kg, ao vizinho mais próximo. Desse modo consumia-se carne fresca mais freqüentemente, pois havia o retorno quando chegava a vez do outro carneador.

A colheira do arroz

Laudelino Lopes, mais conhecido por Moso, assumia o corte de lavouras de arroz por empreitada e para isso pagava peão por dia. Olívio e seus dois filhos David e Hermes faziam parte desse mutirão. Em função do que produziam, recebiam salário maior por semana.

Era trabalho de sol a sol, indo além das 8 horas por dia. Isso ocorreu nos anos de 1950 a 1952, em manhãs de geada e muito sereno. Tal atividade ajudava no orçamento da família enquanto aguardava a preparação da terra para as culturas de inverno.

Foram três anos seguidos nessa tarefa, extinguindo-se por desistência de novas contratações de empreitadas.

III - ESPÍRITO ASSOCIATIVO

Os bailes

Não havendo clube social na Boca da Picada, os bailes que começavam ao escurecer e terminava ao nascer do sol, eram realizados em casa de moradia, removendo as paredes divisórias e fazendo salão único.

Eram realizados normalmente aos sábados. Ainda cedo, com sol fora, iniciava a chegada dos convidados que moravam longe. Vinham a cavalo, desencilhavam o beicudo e colocavam as peças de arreio em galpão, servindo de cama, mais tarde, para o descanso durante ou no fim do fandango.

O Salão era iluminado com lamparinas a querosene. Mais tarde evoluiu para gás de carbureto. Vinha em pedras grandes, após serem quebradas e introduzidas no compartimento do lampião apropriado, gerava o gás para queimar no bico que tinha uma ou duas saídas. A iluminação se assemelhava ao de um liquinho, porém de menor intensidade. Não raras vezes incendiava a “bugiganga” e havia necessidade de apagá-la ou jogá-la pela janela para evitar risco de explosão no ambiente fechado.

A música era executada por gaiteiros ou sanfoneiros. Os mais conhecidos eram da família Machado(Quim Machado, Jurandir, Machadinho, outros). A cada música executada o gaiteiro e o panderista faziam uma “cerinha” para recuperar o fôlego. Enquanto isso os que permaneciam em “par” no salão se entreolhavam num gesto de convite a reiniciar a música. O costume do local era as mulheres, moças e senhoras, ficarem num dos lados do salão. Os homens ficavam na entrada principal e, ao iniciar a peça, deslocavam em direção à pretensa parceira na dança. Quando o cavalheiro não era muito simpático ou atraente, a parceira pretendida fugia do local ou virava o rosto para outro lado. Se não fugia, mas se recusava a dançar, constituía o chamado “carão”. Era uma ofensa moral temida por todos e ninguém gostaria de ser vítima dessa rejeição. Às vezes constituía motivo de desavença com a parceira ou com a família da recusante.

A iniciativa do convite para dançar sempre cabia ao homem, apenas em “polcas de dama” cabia a mulher escolher seu parceiro. Era o momento da revanche, da vingança.

Como o tempo de dança era prolongado, chegando a 10 horas de baile, era servido, às 4 horas da madrugada, um café preto com biscoito, cujo valor já estava embutido no preço da “Entrada” ou “Ingresso”. Era servido por grupo de pessoas, dando primazia às damas. Quando as mulheres demoravam a se levantar para dar lugar aos homens famintos, o diretor social usava o verbo, pisoteando as letras: “Levante-se as muié para comê os home”.

Havia, na época e ainda hoje, discriminação no convite para o baile. Era de forma verbal e constituía uma honra ser convidado para o “sorongo” ou “surungo”. Quem ficava fora, se julgava ofendido, mas arriscava uma de “carancho” ou “nariz de folha” ou “penetra” ou “picoteiro” como queiram. Se não entrassem no dia do baile, os porteiros já pressentiam: “vamos ter encrenca”. Os rejeitados passavam a ser os bagunceiros que diziam: “Já que não me deixam dançar vou acabar com o baile”. Afastavam-se e começavam disparar revólver, gritando palavras de ordem ou palavras de baixo calão. Com receio de bala perdida, parava-se o baile. Entravam em ação os “deixa disso”, até que tudo voltasse à normalidade.

No salão ninguém entrava armado com arma branca ou de fogo. Todos eram revistados e obrigados a deixar as armas em sala separada, sob os cuidados do dono da casa.

Nunca se viu um veículo automotor trazer alguém para um baile na localidade. O único veículo que lá aparecia era o do Prefeito ou do Secretário da Educação do Município na época de exames escolares de fim de ano. O meio de transporte mais usado era o cavalo, aranha, charrete, carroça tracionada por cavalo ou carreta tracionada por boi.

As pessoas que mais cediam suas casas para a realização de bailes eram - Pedro Cides, Zezerino Cides(Zino), Tibúrcio Rosa, Luiz Valente, Olivio Bressan, Ataliba Gomes, Nico Bandinelli, Agenor Silva, João Flores e outros.

Os bailes também eram realizados na escola municipal da Boca da Picada quando havia autorização da professora responsável. Os pedidos quase sempre eram negados, a não ser que alguém assumisse o compromisso de consertar os estragos deixados pelos malfeitores durante o fandango.

Rivalidades

Os habitantes da Boca da Picada eram, na maioria, de origem “Pelo Duro”. Os da Linha Nove, de origem Italiana, eram os “Gringos”. Raramente Linha Nove convidava os “Pelo Duro” ou “Saratini” para uma festa ou baile. Eram considerados bagunceiros, fuzarqueiros, abusados, metidos, avançados ou mau caráter. Diziam os italianos: “aquela gente da Boca da Picada só qué fara. Não gosta muito de trabalhar. Lá existe até mendigo”

Já a Boca da Picada convidava o pessoal da Linha Nove, mas poucos compareciam. Entre os que compareciam, havia alguns que eram ridicularizados pela maneira desengonçada de dançar ou pela linguagem atrapalhada ao se expressar, falando um “portuliano”, mistura de português com italiano.

Em razão disso não havia namoro nem casamento com pessoas de fora de sua localidade ou com “pelo duro”

Entre os italianos da Linha Nove não havia pobreza. Todos eram proprietários e viviam confortavelmente dentro dos costumes da época. Eram respeitosos, ordeiros e pouco se envolviam em ocorrências policiais. Já os PD gostavam de um “quebra-quebra”.

Os gringos que moravam na Boca da Picada assimilaram a cultura local e aprenderam a conviver com os “pelo duro” e foram se revezando, a partir de 1950, nos casamentos e cruzamentos raciais, fortalecendo e escurecendo a cor da pele, sempre num clima de harmonia entre os casais. Entre os cruzamentos anotamos as famílias

Rosa x Dalosto, Rosa x Valente, Marin x Graciano e Vice-Versa, Cazorla x Minuzzi, Gomes x Valente, Cazorla x Valente.

A rivalidade era tão ferrenha que até se refletia nas crianças de idade escolar quando se encontravam em disputas desportivas entre escolas. Mesmo com o passar do tempo, as pessoas ainda guardavam e guardam seqüelas da época.

Corrida em cancha reta

A diversão especial nos domingos era o chamado “comércio de Carreiras”, corrida de cavalos, sempre dois a dois, já que a pista não comportava mais de dois ou a chamada “penca”.

Tendo conhecimento prévio dos “parelheiros”, os participantes faziam suas apostas. O “tempo” de cada animal era tomado em sigilo, permitindo apostas de maior ou menor valor no cavalo favorito. O volume maior de apostas ocorria mesmo no dia da corrida.

Seu Olivio Bressan e Pedro Valente eram aficionados por corrida de cavalo e apostavam alto nos animais de sua propriedade.

Antes da construção de pistas de cancha reta, paralela à estrada nas proximidades do Sr. João Flores, usava-se a estrada em frente à Escola Municipal da B. Picada. Quando aconteciam as corridas, o público da redondeza ocupava as margens da estrada, em lugares elevados e seguros. Havia pessoal encarregado de impedir a passagem de veículo no momento da “largada” ou “saída” do partidor. Ao sair, a expressão usada era: “Se vieram !”. O juiz da corrida dava o veredicto quando os animais chegavam juntos ao ponto de chegada ou à linha de baliza. Dificilmente dava empate. O cavalo vencedor era avaliado por dimensões ou partes do seu corpo. Assim poderia ganhar de “focinho”, “orelha”, “pescoço”, “paleta”, “meio corpo”, “de luz”, “de um, dois, ou mais corpos”.

Quase sempre se registrava algum incidente. Cavalo que destrilhava, negava na partida, derrubava o corredor(jóquei) ou atropelava alguém que invadia a pista, desobedecendo as normas de segurança.

Certa vez numa corrida em frente à escola, durante a passagem dos “parelheiros” em alta velocidade, duas meninas de 7 anos decidiram atravessar a pista e foram atingidas de raspão, cortando o supercílio de uma delas e causando hematoma na outra. Mesmo assim a festa não perdeu o brilho. Tudo continuou normalmente após os primeiros socorros.

Além de ser um dia de festa para o público, oportunizava aos vendedores ambulantes a comercializarem seu amendoim, rapadura, pastel, rósca, pé-de-moleque, bolo frito, etc. Os bolicheiros também faziam a grana vendendo uma cachacinha pura ou com mel ou com bitter. Cerveja pouco aparecia na localidade. O vinho era pouco consumido, dependendo do clima na época da corrida. As “carreiradas” eram uma festa !

David – o Jóquei

Aos 11 anos de idade David Bressan já montava bem a cavalo. Seu pai o ensinara a conduzir bem o parreheiro nas arrancadas, além das malícias que o esporte das rédeas trazia no seu bojo.

Devido ao seu porte atlético, leve e cavaleiro, passou a disputar corridas em cancha reta a pedido do pai. Em cada vitória conseguida recebia como recompensa uma gasosa – o refrigerante mais cobiçado pela garotada na época. Num certo domingo tomou 4 refris – logo, 4 vitórias conquistadas, conseqüentemente.

Como nem tudo dá certo no mundo dos jogos, certa vez, numa corrida na frente da casa do João Bressan, saiu uma disputa da Égua Moura de Olívio com o Cavalo Tordilho de Chico Barranco (Francisco Bertoncelli). O cavalo era franco favorito e deu “Grito Parado” de vantagem à égua. Esta, ao largar, passou tão bem pelo cavalo “parado” que todos já consideravam a parada ganha.

Quando já estava quase na baliza de chegada, muito à frente do cavalo, a égua subiu no barranco e ali ficou parada – imóvel, mesmo sob os golpes do rebenque. O cavalo ganhou a corrida, “ao passo”, sem muito esforço. Todos ficaram surpresos e indignados com a postura da égua sem que se encontrasse uma explicação convincente para a ocorrência.

O fato foi atribuído a uma tal de “mandinga” ou “bruxaria” ou “feitiço” constituído por um sapo de pernas amarradas para dar azar ao adversário. A derrota ficou por isso mesmo e a esperada gasosa ficou para outro dia.

Jogo do osso

Era jogo liberado no início, mas tornou-se proibido mais tarde por ser fácil e rápido para “depenar” um jogador. Era violento no sentido esgotar os recursos dos apostadores em poucos minutos. Alguém que se entusiasmava para recuperar o que já havia perdido, apostava o que tinha ou bens da família num só “Tiro de Osso” e dava “Culo” – azar. Saía pelado !

Tal jogo era severamente fiscalizado junto aos bolicheiros e causava prisão aos infratores.

Mesmo assim os aficionados nesse esporte, danoso ao bolso, montavam cancha dentro do mato e mantinham postos de vigilância em lugares estratégicos para avisar se alguém estranho aparecesse por lá. O medo da repressão policial aumentou tanto que o tal “Jogo do Osso” desapareceu.

Os mutirões

A esta forma solidária de apoio mútuo se dava o nome, erradamente, de Puxirão, cujo vocábulo correto é muxirão ou mutirão. Quando um vizinho tinha um trabalho a fazer, o qual sozinho levaria muitos dias para executá-lo, passando a época do seu aproveitamento, como, por exemplo, uma grande extensão de terra a capinar, uma colheita ameaçada de ser perdida, a construção de uma casa, apelava-se para esta forma solidária de ajuda mútua. Assim se revezavam uns com os outros, sem prejuízo dos participantes.

As ações mais frequentes eram nas capinas em lavouras de milho em que o inço, se não atacado a tempo, comprometia a quantidade e a qualidade da colheita. Também o corte da lavoura de arroz que estava sujeita às enchentes cuja perda era iminente. A colheita de uva na vindima do Sr. Antonio Bressan, em que participavam inúmeras pessoas, envolvia mais de um dia nessa operação. Assim eram os mutirões, forma solidária de trabalho comunitário e de aproximação entre as famílias.

IV - A EDUCAÇÃO NA BOCA DA PICADA

Nível de ensino

A maioria das crianças na idade escolar, faixa etária de 6 e 7 anos, era incentivada a freqüentar os bancos escolares para, pelo menos, saber ler, escrever e fazer as 4 operações de aritmética. A professora nunca morou no local. Vinha da cidade onde

morava para ministrar aulas, hospedando-se numa casa de família e só retornando ao seu lar nos fins de semana.

Entre os anos de 1943 e 1951 passaram pela Escola Dom Pedro, hoje denominada São Miguel, as professoras Guiomar Medeiros Pavão, Edda de Quadros Brandolt, Rosa Wallau e Benvinda Flores. A Prof. Edda e Benvinda se hospedaram na casa do Seu Olívio Bressan.

Muitas crianças, antes de freqüentar o ensino regular, participavam de uma pré-escola, de iniciativa particular, visando à sua alfabetização.

Os filhos de Olívio, David e Hermes, foram alfabetizados pela Sra Célia Dalosto Valente, logo após ter concluído seu 4º grau.

A escola estava habilitada a ministrar aulas até este grau de ensino. Se quisesse continuar, deveria fazer o teste de Admissão ao Ginásio, nível este somente ministrado na cidade, na Escola São José, administrado por Irmãs de Caridade (Freiras).

Quem não sabia ler ou escrever era intitulado “burro”, sendo uma ofensa moral para quem não se alfabetizasse. Mesmo assim grande parte dos alunos não prosseguia o ano letivo porque não conseguia acompanhar os demais alunos, devido às faltas continuadas.

Havia retenção de alunos por parte dos pais para que os ajudassem na lavoura.

Uns até diziam: “Basta aprender a assinar o nome e fim. Agora é lavoura”. Algumas professoras discutiam com os pais dos alunos, reclamando que a professora estava liberando os alunos entre 13 e 14 h, quando as crianças já estavam com fome e muitas não levavam merenda. Não havia merenda escolar como tem hoje.

Houve movimento para substituir a professora que estava exigindo demais o tempo dos alunos. Justificava que o conteúdo escolar proposto ainda não havia sido totalmente apresentado e por isso estava ultrapassando o horário previsto.

Avaliação escolar

Chegado o fim do ano vinha a Secretaria Municipal de Ensino, representada pelo Sr Domingos Eugênio Desconsi, fazer avaliação, denominada: “Exames de fim de ano”. Eis o registro da presença da autoridade educacional em dezembro de 1949:



Em cima: Escola Dom Pedro (antiga)
Em baixo: Escola São Miguel (nova)

Identificando:

FinalAnoDomPedro.jpg

1ª Fila: Neusa Bressan, Neli Rossa, Clélia Gomes, Carmem Bressan, Balbina Cides.

2ª Fila: Adelaide Carrillo c/Luiz, Honorina Gomes c/Clívia, Almerinda Cides c/ Olmiro Rossa, Vitor M.Cazorla, Ma. Carmo Cides(Negra), Olívio e Aurora Bressan.

3ª Fila: David Bressan, Domingos E. Desconzi, Zeli Gomes, Neli Cides, Jacy Rossa, Eva C. Rosa, Mirena Valente, Edda Q. Brandolt (Prof), Dorvalina(Prof), Ilza Cides(Sarica), Juliana Cassol, Ernestina Souza Silva c/Ma. Eva.

4ª Fila: Victor Acosta, Ângelo Ereno, Hermes Valente, Eloy Ereno, Noal..., Flávio Gomes, Anastácio Machado, Nelson F. Marin, Ivone Marin, Auta C.Minussi, Alvenir Valente, Águida Bressan, Irene Ferret, Lucy Rossa.

5ª Fila: Altivo Cides, Otávio Silva, Adão Silva, Hermes Bressan, Elizeu Flores, Antonio Flores, Osvaldo Valente, Telmo Flores, Abilio Bressan, Adão V. Dalosto, José Dalosto Valente, José Silveira, Moacir Carrillo, Ivete Fava Marin.

A religião também era praticada na Escola Dom Pedro onde a professora ensinava catecismo e rezas aos seus alunos, preparando-os para a Primeira Comunhão. Eis um flagrante do ato religioso em 1951.



Identificando: ComunhaoDomPedro.jpg

1ª Fila: Auta C. Minussi, NI, Cleci Pillar, Ivone Marin, Carmem Bressan, Neusa Bressan, José Valente

2ª Fila: Balbina Cides, Angelo Ereno, NI, Eloy Ereno, Adão Dalosto, Rosa, José Silveira, Anastácio Machado, Flávio Gomes, Ademar Pilar, Clélia Gomes, Elizeu Flores.

3ª Fila: Jovelino Basto, Noal..., Nelson Marin, Ivete Marin, Jurema Valente, Noeli Cides, Altivo Cides, Hermes Valente, Luiz Picollo, NI, Telmo Flores, Rosa Wallau(Prof.)

V - FATOS PITORESCOS

Estouro da boiada

Bartolomé Cazorla, mais conhecido por Bertolo, um dos três irmãos de origem espanhola, tocava uma tropa de gado na estrada da Boca da Picada. Ao passar em frente da residência do Sr. Olívio Bressan, um de seus filhos, naquele instante, descia do morro (cêrro) com um “carro de lomba” a toda velocidade e, no instante em que a tropa já havia passado da entrada da casa, o carro atravessou a pista.

O barulho produzido pelo estranho veículo assustou os animais que se jogaram nas valas da margem da estrada e na cerca de arame farpado, que delimitava a área de domínio do DAER, e se puseram a correr. Foi o estoura da boiada..

O Sr Bertolo demonstrando sua indignação e raiva, vociferou em espanhol: “Yo no lo gabo lo hijo, ma la cara do pai que deixa su hijo hacer travessuras.”

Seu Olívio ouvindo tal resmungo, saiu de dentro de casa, esbravejando, de facão em punho, na direção ao Seu Bertolo que logo baixou a bola. O fato ficou marcado e por anos a fio a história era lembrada nas rodas de “causos”. Apesar da discussão acirrada, a amizade de ambos não ficou abalada.

Façanhas e travessuras do David

David, o 1º filho de Olívio Bressan, era endeusado pelo pai, como sempre acontece com o primogênito. Apostava nele acreditando que poderia ser a pessoa ilustre de sua

imaginação. Dizia ele: “Meu filho vai ser doutor, professor, fazendeiro, aviador, etc.” Em vista disso o menino, que nada entendia das presunções do pai, apenas ria.

Com toda esta regalia, no seu íntimo, era-lhe permitido fazer algumas travessuras sem que o pai soubesse.

Certa vez, quando estudava na Escola Dom Pedro, sua colega Jacy Rossa, que sentava na carteira à sua frente, deixava seus cabelos, longos e trançados, cair entre sua cadeira e a carteira de trás. O fedelho sapeca amarrou as pontas da trança na perna da sua carteira e, quando ela precisou levantar para ir ao quadro negro, a chamada da professora, sofreu o golpe seco na cabeça, levantando a carteira e despejando livro pelo chão. A professora não o perdoou a travessura e colocou-o de castigo por 2 horas, na posição de braços erguidos. Este foi o maior castigo que sofreu durante seu período escolar.

Em outra ocasião, foi tomar banho no açude do Seu Tibúrcio, nos fundos do seu potreiro e, como era praxe, a gurizada entrava nua na água, deixando a roupa pendurada num galho de árvore. Leonel, filho de Tibúrcio, de apelido Lilica, 5 anos mais velho, se divertia ao passar a mão na roupa da gurizada, sem que percebessem, e desaparecia. No final da festa do banho, cadê as roupas!. Cada guri tinha que se embrenhar nas matas, por dentro de sangas para chegar em casa, sem que fosse visto nu. Depois de uma semana a roupa era devolvida ao dono.

David, até os 7 anos de idade, se assustava e se apavorava diante de uma destas situações: ouvir som de gaita e ronco de veículo automotor como patrola (motoniveladora), automóvel ou caminhão. Eram estes os estímulos que conhecia perturbadores.

Era costume a promoção de matinê dançante, para grandes e pequenos, na residência do Sr. Antonio Bressan, nas tardes de domingo. Seu Olívio, acompanhado da mulher, levava, de vez em quando, os dois gurus – David e Hermes, a pé, para o surungo. Ao sair de casa, entre a Escola Dom Pedro e a residência de Pedro Cides, retornava da Fazenda Santa Eugenia o Sr. João Francisco da Silveira que parou o veículo e ofereceu carona. Quando os três entraram no carro, perceberam que David havia fugido e já estava no campo do Dorval Coelho em larga disparada ladeira a cima. Lá se foi Olívio a cata do garoto assustado. Ao trazê-lo de volta, Seu João recomendou que procurassem um médico para tratar do menino que tinha medo até de automóvel.

Mas tarde, já no salão de dança, Atílio Bressan, o gaiteiro, ao abrir a “cordeona” e ouvir o 1º acorde, David saiu em disparada, rumo a casa de Vitor Polett, escondendo-se na grama alta, de onde ninguém conseguiu convencê-lo a sair.

Em outra ocasião, Agostinho Guerra, operador de motoniveladora (patrola), laminava a estrada Jaguari-São Vicente do Sul. Ao ouvir o forte ruído da máquina, David foi se encavar atrás do roupeiro do seu pai, não havendo quem conseguisse tirá-lo de lá, até que o ruído não mais fosse ouvido.

Algum tempo depois, aos 15 anos de idade, se tornou um apaixonado por mecânica de automóvel e por isso foi liberado pelo pai para trabalhar em oficina do ramo. Tornou-se mecânico de automóvel antes de cumprir o serviço militar.

Calça Tibúrcio

A família Rosa I, de origem paraguaia, tinha como atividade principal o comércio e o transporte de produtos coloniais em carroças tracionadas por cavalos ou mulas. Viajava a grandes distâncias, indo até Rosário do Sul, São Gabriel, Alegrete, Cacequi, Santiago e outras cidades.

Os Irmãos Patrício, João (Juca) e Tibúrcio, juntamente com o pai, sempre saíam em caravana, cada filho com uma carroça coberta com um toldo de lona. Nela, além da carga, havia também espaço para o descanso ou repouso à noite. Enfrentavam estradas mal conservadas e rampas acentuadas conduzindo suas quitandas ambulantes.

Certa vez a carroça subia uma rampa e Tibúrcio, ainda menino, viajava ao lado do pai. Os cavalos não conseguiram vencer a rampa e a carroça começou a recuar. O pai disse ao menino: “Calça Tibúrcio !” Isto é, calçar a roda.... Tibúrcio não conseguindo nenhum objeto, pedra ou toco de madeira por perto, não perdeu tempo e usou logo a cabeça na tentativa de frear a roda. Quando viu aquela ameaça de acidente, gritou ao menino para cair fora, mesmo assim ficou ferido e conservou o sinal do corte na cabeça para sempre. É uma história real que se tornou conhecida e lembrada na região. Por isso ficou a brincadeira na mente do povo, tornando-se frase conhecida e símbolo de travamento de qualquer movimento de roda ou outro objeto. Lá vai a expressão de trava: “Calça Tibúrcio !”.

O teco teco do Samuel

Samuel Mesquita do Amaral, natural de Jaguari, cursou pilotagem de aeronave Teco Teco no Aeroclube de Santa Maria por volta de 1948. Como podia voar e sair do espaço aéreo de Santa Maria, com licença do DAC da época, saía aos Sábados à tarde ou aos domingos pela manhã, indo aterrisar na estrada próximo a residência de João Flores no Potreiro Grande.

Esta estrada também era palco de corrida de cavalos, em cancha reta, aos domingos, com altas apostas em dinheiro vivo ou em outros bens de alto valor.

Depois de algum tempo, não era mais permitido pousar na pista de rodagem por medida de segurança. A solução foi remover os cocurutos do campo das famílias Zanini e Acorsi e ali fazer uma pista de pouso.

As decolagens e aterrisagens passaram a ser atração do feriado na localidade. Lá se reuniam dezenas de pessoas de todas as idades que venciam longas distancias para ver a novidade. A maioria daquele povo não conhecia, de perto, uma aeronave, nem grande nem pequena.

Samuel fazia manobras arriscadas com aquela frágil aeronave, arrancando aplausos dos expectadores. Por várias vezes passara sob a rede telegráfica, sujeitando ao risco de enroscar uma asa nos fios e provocar um lamentável acidente, além de interromper as comunicações entre Jaguari e São Vicente do Sul.(Por ali passavam as mensagens codificadas pelo seu homônimo (Xará) Samuel Morse).

O espetáculo não durou muito. Deixou de ser novidade, contudo o Samuel conquistou a simpatia do público.

O futebol do Odilon da Rosa

Odon da Rosa, sobrinho do Seu Tibúrcio Rosa, morava em São Borja e jogava futebol no time da cidade. No auge de seus 17 e 18 anos veio visitar o tio e era aficionado num bate-bola. Só pensava em bater uma bolinha, na rua, no pátio da casa onde se hospedava e na casa onde ia passear com os tios e primos.

Não havia campo nivelado o suficiente para a prática daquele esporte nas proximidades do seu paradeiro. Surgiu então a idéia de preparar uma área na mesma pista de pouso do “teco teco” no campo das famílias Zanini e Acorsi. Convocou todos os “pernas-de-pau”, num sábado à tarde e, para lá foram munidos de foice, enxada, rastrilho, vassoura, facão, etc. e fizeram a limpeza da área.

Foram montadas as traves (Goleiras), sem rede. Já no domingo seria realizada a primeira partida de futebol, com inauguração de uma bola comprado com dinheiro de uma “vaca”, isto é, “vaquinha”, colaboração dos atletas. A seleção convocada era composta por Osvaldo Valente, Noé, Lemes, Leonel, João Gomes, Osvaldo Gomes, Alfeu, Nativo, Nelson, Batista, Adriano, Adroaldo, Eduardo, Nilson, Olmiro, Aristides, Argeu, Agripino e mais alguns enxertos, todos sob o comando do Odon. Era o dono do Time.

Todos tinham de jogar de pés descalços para não contundir os adversários na disputa de uma bola dividida.

Terminada a partida, venciam os menos ruins, e seguiam para o açude para o banho onde se constatava o tamanho do estrago ocasionado nos pés. Alguém que sofria algum entorse, deslocamento de articulação, ia buscar socorro na Linha 10, na residência do Sr. Luiz Carlin, o traumatologista amador da localidade mais próxima dali.

Terminada as férias do Odon, o futebol desaparecia até o ano seguinte quando ele retornava à Boca da Picada. Era o futebol sem violência onde falta só ocorria da cintura para baixo.

O tombo do compadre

Olívio Bressan não dominava bem a “rejeira“ dos carros de lomba. Certa vez se distanciou do ponto de chegada, rampa acima, aproximadamente 100 m e convidou, para carona, seu compadre Artur Paze. Depois que o carro adquiriu velocidade, Olívio ficou só com o volante na mão e o carro ficou a deriva. Atravessou a pista e tombou, submetendo o passageiro a uma inesperada cambalhota sobre a grama. Todo esfolado e ainda no chão, esbravejava xingando o condutor “barbeiro”. Saiu de porrete em punho para bater no seu compadre que achou melhor usar as pernas em risos de gozação. Depois que os ânimos se acalmaram, tudo virou gargalhada. Por algum tempo, a façanha era lembrada nas rodas de trago dos bolichos para quebrar a monotonia do ambiente.

Briga de guri

Hermes não era brigão, mas, por recomendação do pai, não podia levar desaforo para casa. Se o fizesse, em casa já tinha a dose certa de relho a sua espera .

Certa vez entrou em discussão com um menino de mesma idade, 12 anos, Vilson Paze Tito, filho de Praxedes Tito.

No corredor, entre a escola (atual São Miguel) e a casa do Tenente Carvalho, se envolveram no tapa e no soco. Hermes passou a mão num porrete e acertou o meio da cabeça do seu oponente, abrindo um rasgo no couro cabeludo, de onde brotou uma hemorragia de assustar os contendores.

Chegando em casa todo ensangüentado, o pai do menino ferido tratou logo de levá-lo, assim mesmo, à delegacia de polícia para registro da ocorrência de lesão corporal.

Mais tarde veio a intimação para Seu Olívio levar o menor a Delegacia para prestar depoimento. Lá chegando, o autor não compareceu. O Delegado deu o caso por encerrado e registrou a ocorrência como briga de guri.

A cócega da navalha

Uma das preocupações dos moradores da Boca da Picada era não arranjar encrenca com o barbeiro. Como o Seu Pedro Cides tinha a profissão de comerciante e barbeiro ao mesmo tempo, além de Inspetor de Polícia da localidade, recebia bons tratos, respeito de tantos quantos utilizavam seus serviços de fígaro.

Não raras vezes se via num bate-papo cerrado discutindo assuntos de sua área e o cliente, sentado na cadeira de alto risco, se sentia privado de expor seu ponto de vista em razão do perigo de uma navalha roçando na sua garganta. Muitos confessaram até mudar temporariamente de opinião para não correr o risco de um deslize da navalha. Outros até diziam que preferiam ficar barbudo a aparar a barba com o inspetor. Mesmo assim ninguém se queixou até aquela época de que houvesse algum incidente ou acidente de percurso.

Enforcamento simulado

Um cidadão de família muito pobre, conhecido apenas por Pelage Fonseca, morava num barraco, coberto de sapé, nas proximidades da morada de Ivo Marin. Seu vizinho mais próximo era Rodolfo Donadel Bressan, de apelido Cabo Chico. Tinha o hábito de trabalhar pouco, descuidando de apoiar a família. Normalmente chegava em casa embriagado e com as mãos vazias. Sua mulher não sabia mais o que fazer para mudar o comportamento do seu marido. Resolveu então armar uma pegadinha para o distinto. Improvisou um grande boneco de tecido (pano velho) e colocou-o na posição de enforcado no centro do barraco. Quando Seu Pelage chegou em casa, ainda no lusco-fusco, meio cambaleando, se deparou com aquela cena horrível, saindo aos prantos em direção ao seu vizinho Cabo Chico. Lá contou que sua mulher havia se enforcado. Chorava a morte da mulher, dizendo se sentir culpado pelos aborrecimentos que lhe causava.

Ao retornar a casa, acompanhado do vizinho, ambos constataram que se tratava de um boneco e não da sua esposa.

Questionada a mulher a explicar aquela façanha, respondeu que era a maneira de saber se ele ainda tinha amor por ela. Também, se ele não mudasse de comportamento, a outra vez seria para valer.

O Pelage era como pau que nasce torto, não tem jeito, morre torto. Continuou aprontando e morreu sem nada, preguiçoso de carteirinha !

Fidelidade do perdigueiro

Olinto Fava tinha como companheiro de caçada de perdiz, o Seu Olívio Bressan. Ambos tinham cachorro da raça perdigueira, treinado e preparado fisicamente para suportar um domingo de caça no intenso frio de maio/junho. Olinto preferia atirar perdiz no “pio” , isto é, correndo sobre a grama. Olívio, gostava de atirar no vô. Quem conhece o metier, sabe que o cachorro se estimula ao farejar, “amarrar” (agachar-se na grama indicando a presença da perdiz) e depois trazer, na boca, a caça até o seu dono. Se ele não for um bom atirador, não completando o trio - localizar, amarrar e trazer, o cachorro se aborrece e fica preguiçoso. Perde o elan e faz corpo mole.

Numa dessas caçadas, um dos cachorros fez greve. Não quis trabalhar e levou uma surra do dono. Com isso o canino desapareceu definitivamente. Já no fim do dia, não houve tempo para procurá-lo nas imediações.

Voltaram ao local noutra dia e nada. Na temporada de caça seguinte, andando pelo campo, encontraram um esqueleto de cachorro, na posição de “amarrar”. A dois metros de distância dali, também um esqueleto de perdiz. O esqueleto agachado foi identificado como o cão que havia desaparecido.

O moral da história: A fidelidade do animal não permitiu que arredasse pé do seu compromisso de amarrar a perdiz, até que seu dono chegasse. E como ele não chegou, morreu em serviço. Morreu amarrando !

A lei do cacete

Duas ilustres e respeitadas autoridades imperaram nos velhos tempos na Boca da Picada. Eram Pedro Cabo e Cabo Cides. Como não havia delegado de polícia para atender o interior de Jaguari, designavam pessoas que, pela sua atitude, idoneidade e atuação de liderança na localidade, exigiam respeito e bom comportamento na comunidade. Os bagunceiros não tinham vez. Os inspetores, como eram chamados, andavam de .38 na cintura como os xerifes do velho oeste americano. Além disso usavam um facão mais cortador do que aspa de boi brasino. Os arruaceiros e metidos a facão sem cabo aprontavam as bagunças e logo o fato chegava ao conhecimento da autoridade local. Reuniam os jagunços, isto é, os ajudantes, e prendiam os malfeitores.

Levavam-nos a um local nas proximidades do Rio Jaguari, perto da ponte grande, e amarravam-nos com correntes pelas pernas. Davam-lhes serviços forçados e alguns dias depois soltavam-nos, recomendando-lhes que se comportassem ou desaparecessem do local. Se retornassem, o chumbo grosso corria solto. Assim era a lei e não tinha gregrê para dizer gregório. Era a lei do cacete e não havia ninguém dos direitos humanos para impedir tais deliberações que eram válidas para a época e para os desordeiros.

As mordomias do Paxá

Olívio Bressan tinha o hábito de curtir uma boa soneca após o almoço, debaixo de um velho cinamomo durante uma hora ou mais, dependendo do trabalho da manhã. O silêncio não era problema, mas, as moscas que pousavam sobre o corpo suado, interrompiam precioso sono e perturbavam seu descanso.

Para sanar o impasse, escalava um dos seus filhos para fazer o famoso “ventinho” e espantar os incômodos insetos. Imaginem ficar ali, de castigo, de olho nos bichinhos que não eram poucos, pois havia muita latrina e curral nas redondezas para gerar a môsca !.

Num descuido do abanador, já provocava o ataque, em massa, do mosqueiro, acordando o paxá que resmungava prometendo uma surra pela negligência do guardião.

Nos dias de hoje tudo mudou – os filhos dormem, sesteiam e os pais cuidam deles e, se não o fizerem, serão responsabilizados e enquadrados como maus tratos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente.

VI - AS MARCAS DO DESTINO

Perda da Mão

Dona Leonilda Dalosto Polett, conhecida por Nilda, esposa de Luiz Polett, quando ainda solteira, alimentava as moendas de seu engenho de cana. O equipamento era acionado por um boi atrelado a extremidade de uma manjarra (nome dado a peça de madeira que transmitia o giro ao cilindro central)

A boca de alimentação da moenda já estava desbitolada, oferecendo risco de aproximação dos dedos da operadora na área de prensagem da cana.

No cansaço do dia se distraiu, deixando os dedos da mão irem junto com a cana, que por sua vez arrastou a mão direita até o início do braço. Aos primeiros gritos de socorro o boi foi barrado imediatamente, evitando maiores conseqüências. Assim perdeu a mão num cochilo ou numa das bobearas de que ninguém está livre de ser sua vítima.(*). Contou D. Nilda que seu pai procurou seu namorado Luiz, de 20 anos, para dizer-lhe que não era obrigado a continuar o namoro com sua filha que havia perdido a mão. Luiz respondeu que mesmo assim continuaria o namoro e casaria com ela. Com isso ela recuperou a auto-estima, casaram, tiveram muitos filhos e foram felizes. Conta ainda que certa vez chegou em sua casa um cidadão, a cavalo, pedindo ajuda, esmola, pois não podia trabalhar porque lhe falta a mão esquerda. D. Nilda mostrou-lhe o toco de braço e disse-lhe: eu também sou maneta e faço tudo que os outros fazem. É só ter boa vontade !. Ao ouvir isso, o cavaleiro deu um giro no matungo e saiu sem dizer nada.

O cheiro do tatuzinho

Lá pelos idos de 1947 foi lançado no mercado um formicida de ação fulminante devido à alta concentração de produto tóxico. Muitos colonos não usavam proteção nem mesmo tinham o devido cuidado na sua manipulação. O cheiro do produto causava náusea e tontura em quem estava nas proximidades de sua aplicação.

Devido a sua ação violenta, tornou-se refúgio fatal de pessoas desesperadas e depressivas. Naquela época o nome “depressão” não era conhecido. Dizia-se que estava com a “macaca” ou boleado das “aspas”. Quando alguém, sem uma boa estrutura emocional, sofria um revés na lavoura, nos negócios ou mesmo no amor, apelava para o irreversível veneno. Tentava e/ou consumava o suicídio.

Certa feita uma moçoila das proximidades do lajeado, divisa da Linha 9 com Boca da Picada, levou o “fora” do namorado e para vingar-se dele, resolveu dar um fim à sua vida, usando o famoso tatuzinho. Preparou uma dose do “caveirinha” e foi tomá-la no interior de um mato, a poucos metros da residência. Ao levar a mistura, água mais tatuzinho, à boca, sentiu o forte cheiro do mortífero veneno e teve náusea, tontura, desencorajando-a de ingerir a caveira da morte. Caveira, sim, era este o desenho que aparecia no rótulo da embalagem de 300 g. Diante disso desistiu de praticar o suicídio e teve longa vida, vindo a falecer de morte natural. A moça apaixonada foi salva pelo cheiro do tatuzinho. Mesmo assim o namorado não voltou para ela, alegando não casar com moça suicida. Quem conta esta história é o seu ex-namorado.

O segundo tiro

O administrador da Fazenda de João Crivellaro, Sr. João Bandinelli (conhecido por Nico), antes de vir morar na Boca da Picada, morava no 4º Distrito de Jaguari, Rincão dos Alves. Lá, sem motivo que o justificasse, apontou o revólver calibre .38 no seu próprio ouvido e fez um disparo, indo a bala se alojar um pouco abaixo da orelha, sem atingir partes vitais. O primeiro a socorrê-lo foi um amigo seu, vizinho, a quem presenteou com o revólver que poderia ter-lhe tirado a vida. Alguns anos depois, este mesmo amigo, usando o revólver que recebera de presente, cometeu suicídio, detonando contra seu próprio ouvido. Dessa vez o amaldiçoado revólver não desviou o alvo. Eis aí um presente de Grego. O segundo tiro não teve o mesmo destino do primeiro.

A morte do Jovelino

Jovelino era o único filho homem e último do casal Pedro Basto e Itália Marin. Tinha 4 irmãs já casadas. Nasceu sem conhecer o pai que falecera ainda moço. Morava com a mãe, viúva, e vivia esbanjando sua economia, fazendo festas sem ter uma fonte fixa de renda. Filho mimado, estudou pouco, apenas alfabetizado, nunca foi chegado a qualquer espécie de trabalho que lhe rendesse alguns trocados.

Era “boa pinta” trajava bem e ia muito a baile. Lá bebia seu trago, vinha o ciúme e brigava com a namorada. Enchia a cara e brigava com os que tentavam acalmá-lo. Mais apanhava do que batia.

Certa noite, depois de alguns tragos e elevado estado de embriagues, na casa da namorada, os irmãos dela levaram-no para um galpão onde havia palha de cereais, para ali repousar e curar o pileque. Algum espirituoso deu uma de “Caso Índio Pataxó” – resolveu atear fogo nas palhas. Resultado - saiu com algumas queimaduras sem maior gravidade.

Sua mãe era detentora de grande propriedade rural, a qual era arrendada para meeiros donde tiravam parte do sustenta da família. Como não trabalhava e a mãe costureira, não dispunha de dinheiro para sustentar seus caprichos. Jovelino chantageava a mãe dizendo que se mataria ou se enforcaria se ela não vendesse parte da propriedade para obter dinheiro.

Toda vez que entrava em depressão usava este expediente. Desse modo a viúva foi vendendo aos poucos sua propriedade, diminuindo assim o tamanho do seu patrimônio.

Certo dia foi acometido de uma forte febre ainda quando estava na casa da namorada. Mesmo nesta situação seguiu para sua residência, distante cerca de 5 km dali.

Caminhava desequilibrado, não por embriaguez, mas pelo elevado estado febril. No leito transpirava demais e consumia muita água. No corpo começo a aparecer bolhas e feridas, identificando-se como a doença da varicela. Os remédios caseiros não conseguiam controlar sua febre. A visita do médico, já tardia, também não trouxe esperança, uma vez que outros órgãos tinham sido afetados com a febre alta. Não resistindo a pressão da doença, veio a falecer. Morreu aos 21 anos um jovem Jovelino que tinha tudo para vencer na vida. Deixou apenas uma lição para os que o conheceram: o guri mimado foi criado com rédea solta, por ser o único homem e último da família.

A morte de Luiz Bressan

Luiz Bressan, gêmeo de Emílio, tinha apenas 38 anos quando faleceu. Tinha 4 filhos e o mais velho, 13 anos de idade. Havia carneado um porco no turno da manhã e à tarde, montado em seu cavalo, foi fazer entrega de algumas encomendas na cidade (no povo). À noite, quando retornou, ingeriu comida pesada, à base de carne de porco, miúdos, morcilha, torresmo e foi logo se deitar. Estava cansado do intenso trabalho do dia. Pegou logo no sono e se acordou com mal-estar. Tinha muita dor de cabeça e no estômago. Ao amanhecer, pediu ao seu filho Antônio que fosse até a casa de Olívio para que o mesmo providenciase a vinda do médico com urgência. A demora para percorrer, a cavalo, 16 km de ida e volta até a cidade de Jaguari, tornou o esforço inútil. Antes que o médico chegasse para socorrê-lo, a morte lhe havia chegado primeiro. Disseram: “morreu de congestão”.

Em razão do acontecimento, a família ficou sem norte nem ambiente para viver naquele local e procurou logo um comprador para a propriedade. Tão logo vendida, a viúva juntou o que podia levar, colocou em uma carreta, tracionada por uma junta de bois, mais 2 cavalos a cabresto, e seguiu em direção a Tenente Portela e Três Passos, juntamente com sua prole e um de seus cunhados. Lá os filhos cresceram, casaram, tiveram família, mas nunca mais voltaram, nem mesmo para passear. Apenas a mãe veio uma vez visitar parentes e alguns amigos que aqui deixou.

Chandico no Cárcere

O desentendimento do Seu Chandico com um peão de fazenda resultou na morte deste, durante a realização de um comércio de carreira na Boca da Picada lá pelos idos de 1953.

Já quase no final da tarde daquele domingo de novembro a tragédia aconteceu. A providência imediata de Chandico foi se livrar do flagrante delito para amenizar a pena.

Após a ocorrência do fato, deixou a égua tordilha em casa e saiu em direção ao mato. Procurava se esconder da polícia que já tinha sido avisada e estava no seu encalço.

Após alguns instantes de busca, a polícia ameaçou a esposa de Chandico para que dissesse onde estava seu marido. Como nada sabia naquele momento, foi ameaçada de ser recolhida à prisão caso não falasse do seu paradeiro. Os interrogatórios cessaram logo após as pressões de praxe. Voltaram, porém, na 4ª Feira próxima quando Chandico procurou seu compadre para contratar um advogado, da área criminal, para apresentá-lo às autoridades policiais e representá-lo na sua defesa junto ao tribunal do júri.

Foi então contratado o Sr. Rui Silveira, rábula, que ainda cursava Direito com frequência livre em Passo Fundo. Para evitar possível ameaça de familiares da vítima, foi recomendado que se mantivesse na prisão até o julgamento. A defensoria alegou legítima defesa e Chandico poderia responder o processo em liberdade, mas optou-se pelo recolhimento ao presídio de Jaguari.

A partir do acontecimento, a rotina da casa se modificou totalmente. Uma vida nova começava, porém, atribulada, plena de incertezas e despesas inesperadas. Seu filho, 15 anos de idade, teve que assumir os afazeres da família e dar andamento em tudo que as autoridades policiais e judiciais solicitavam e exigiam.

Para reforçar o argumento de defesa, o advogado solicitou que fosse constituído um abaixo-assinado entre os moradores da região, justificando os bons antecedentes do réu. Esta missão coube ao seu filho que, montado num cavalo picasso, percorreu toda a região onde nenhum morador se negou a assinar tal documento. Foram colhidas mais de 1.500 assinaturas, demonstrando nada haver que desabonasse a conduta de Chandico.

Após três meses de reclusão, realizou-se o júri popular envolvendo todo o aparato judicial da época. Houve o trabalho da acusação pelo Ministério Público e a defesa pelo advogado Rui. Na sua primeira intervenção, diante da assembléia e da corte, assim se dirigiu: “Senhores do Relho”, despertando surpresa em todos os presentes, ocasião em que o juiz pediu silêncio ao plenário. Quis ele dizer: “Senhores do Conselho de Sentença”. Contudo, Chandico foi absolvido, por maioria absoluta dos votos dos jurados.

Por medida de segurança ainda permaneceu no presídio por mais alguns dias.

Esta tragédia mudou o rumo de vida da família que tratou logo de vender a propriedade e sair do local, o que foi feito. Mesmo fora daquele local, Seu Chandico ainda se mantinha precavido, ocasião em que lhe foi conferido autorização para o porte de arma de fogo.

A morte do irmão do bolicheiro

Um Bolicheiro da Boca da Picada pedia ajuda a seu irmão para atender a Venda quando precisava sair com sua família. Em várias oportunidades havia se socorrido deste expediente. Em todas as vezes em que ficou cuidando da bodega, cometeu alguns excessos no trago a ponto de prejudicar o atendimento da clientela. Em algumas ocasiões fechava antes da hora de costume e, em outras, atendia pela janela meio desanimado. Respondia que não dispunha do que era pedido. Também dava respostas agressivas quando estava de mau humor. Tudo isso era passado ao dono do bolicho pelos clientes mais íntimos quando retornava da viagem.

Ao reclamar o mau comportamento, seu irmão dizia que da próxima vez isso não iria acontecer.

Era um amigo e companheiro quando sóbrio. O seu limite de tolerância alcoólica era tão pequeno que bastava poucos goles de bebida para se embriagar.

Um certo sábado à tarde, o irmão não abriu o estabelecimento. As pessoas batiam na porta ou na Janela aberta e ninguém atendia. Houve desconfiança de que alguma coisa errada estava acontecendo. Um militar da brigada pulou a janela e se deparou com o comerciante estirado numa cama, tendo ao lado um copo de vidro, cheirando a veneno tatuzinho. Havia ingerido o produto mortífero e praticado o suicídio.

Tratou-se logo de localizar e avisar a família do bolicheiro na cidade e, imediatamente, seus parentes tomaram as providências que o caso exigia. Foi uma tragédia que abalou a localidade, principalmente os amigos e as pessoas que o conheciam.

Mas tarde soube-se que andava depressivo e tomava medicamento para tratamento dessa doença, porém estava proibido de ingerir bebida alcoólica. Supõe-se que, ao sentir sozinho no bolicho, de vez em quando tomava um trago de cachaça intensificando a depressão que o levou ao suicídio. Este é um fato que ocorreu na Boca da Picada, uma página virada da história, mas é a história.

Queda fatal

Um acidente fatal ocorreu com uma menina de 8 anos de idade, em meados de 1945. Viajava sentada no banco de uma carreta carregada com milho em espiga, junto com seu pai. Numa baixada, antes de entrar na estrada geral, atual BR 287, o solavanco da carreta jogou a menina entre os bois e a frente da carreta, ocasião em que uma das rodas passou por cima do seu corpo. O forte esmagamento, devido ao peso da carreta carregada, provocou a morte quase imediata da menina Dalila. A presunção de que acidente só acontece com os outros leva as pessoas a se descuidarem da sua segurança.

A morte do Saul

Mais um acidente lamentável ocorreu em meados de 1983, logo que a faixa recém asfaltada da BR 287 foi liberada ao tráfego. Saul Maronês Marques, morador não natural da Boca da Picada, atendia a borracharia e a lancharia no posto de gasolina local, junto com a família que ali havia constituído.

Certa noite sentiu-se no dever de acompanhar a menina Cleide, filha do Moso (Laudelino Lopes), que o ajudava no seu trabalho, até sua casa a menos de 200 m dali. Na volta a casa, vinha acompanhado de sua filha Daniela que tinha ido junto. Seguiam pelo acostamento da rodovia quando um automóvel volkswagen, dirigido por um brigadiano em estado suposto não sóbrio, se desgovernou e saiu da pista, indo em direção aos transeuntes. No esforço que fez, Saul salvou a filha, mas não conseguiu se livrar do atropelamento. Os ferimentos foram tão graves que lhe causaram a morte.

A estrada nova não só trouxe progresso ao local, mas também preocupação e uma irreparável perda para a família do Saul que ainda chora sua ausência.

O afogamento do Sinhô

Um acidente fatal evitável ocorreu em 1941, quando uma forte enchente impedia o trânsito na Ponte Verde e no lajeado na Boca da Picada. No alto do morro, junto a este lajeado, havia um grupo de pessoas contemplando o mar d'água a sua frente, sob o estímulo de uma cachacinha que rolava livremente de mão em mão. Um de seus integrantes, o Sinhô da Rosa, discordou da qualidade da bebida que consumia e disse aos amigos que iria buscar a boa na Venda do Jacques Valente (Tia Valente). Tomou seu cavalo e atravessou a enchente do lajeado agarrado na cauda de sua montaria enquanto o animal nadava.

Foi onde pretendia e iniciou a maratona de volta. Meio embriagado, o desafiante, montado no intrépido cavalo de estimação, anunciou que ia enfrentar a correnteza das águas transbordadas do Rio Jaguari, na Ponte Verde. Gabava-se de sua coragem, de suas aventuras e do cavalo nadador.

Apesar dos conselhos dos curiosos, o cavaleiro se arriscou e logo se separou do cavalo, sendo arrastado e morto por afogamento na forte correnteza.

O desafio da natureza, aliado a sua teimosia e imprudência, lhe custou a vida. Respeitar a natureza é um dever de todos. Usufruir seus bens é um direito. Desafiá-la, um risco.

Morte de um peão

Num domingo de setembro de 1953, no leito da antiga estrada de rodagem - Jaguari-São Vicente do Sul, realizava-se uma corrida de cavalos em cancha reta. Já no final das rodadas, dois apostadores se desentenderam. Num cruzar de faca e relho, a faca de um atingiu a artéria femoral do outro contendor, resultando na sua morte em poucos minutos. O sangue jorrava e ninguém podia estancar a hemorragia. Era

impossível fazê-lo naquela região delicada do corpo humano. Registrava-se mais um acidente fatal na categoria de homicídio.

Assassinato e suicídio

Em setembro de 1949 o Sr. Antônio Machado, cor morena, posteiro (cuidador de porteira), morador nas proximidades da entrada da Fazenda Santa Eugênia, vivia com sua companheira Arminda, mãe solteira, que tinha uma filha de 18 anos – a Virgínia. Ao longo do contínuo convívio de família, o Seu Antonio passou a ter relações amorosas também com a enteada. Ao saber que estava grávida, o padraсто utilizou uma navalha e degolou-a no interior de sua própria casa. Muitos curiosos lá compareceram e se depararam com aquela cena chocante: a mulher morta, encharcada de sangue. Aquele triste quadro ainda persiste na memória de quem teve o infortúnio de presenciá-lo. Seu Antonio, saiu dali e poucos minutos depois sucumbia morto por forte dose de veneno – o infalível tatuzinho, o veneno da caveira no rótulo.

Caim e Abel

A briga por terra não escolhe parentesco. Dois irmãos se enfrentaram em luta armada no Potreiro Grande, resultando na morte de um deles, por causa da divisão de terras e da disputa de uma namorada. Não entraram em acordo com a linha limítrofe das propriedades nem se respeitaram nos sentimentos amorosos. Trocaram tiros de revólver e um deles sucumbiu. Repetiu-se aí o mais horrendo crime da humanidade no velho testamento: “Caim matou Abel” por inveja e por ciúme. Neste, um irmão matou o outro por causa de um naco de terra que não lhe iria fazer diferença diante da quantidade que já possuía. Depois, veio o arrependimento de um ato não pensado e condenado pela sociedade e pela justiça. É o registro de mais um fato lamentável acontecido nas proximidades da Boca da Picada.

Seqüela de uma tragédia

Um acontecimento inexplicável nesta vida terrena aconteceu lá pelos idos de 1990. Um menino de 9 anos brincava no pátio de sua casa com dois cachorros usando uma corda para acolherá-los. Seu irmão mais velho, ao sair para a lavoura, convidou-o para pescar no açude. Diante da negativa, foi sozinho, mas fez a pesca de 2 lindos peixes e os trouxe para oferecer ao irmão que gostava muito da carne do pescado. Chegando em casa procurou pelo irmão mas não o encontrou. A família toda, preocupada, se envolveu na busca do menino desaparecido. Algum tempo se passou quando um deles se deparou com uma cena horrível. O menino havia se enforcado em uma árvore, nos fundos da casa e já estava sem vida, usando a mesma corda que unia os cachorros.

O desespero tomou conta da família que buscava explicação para a tragédia. Nenhum motivo especial ou desentendimento havia que pudesse explicar tamanha auto atrocidade. Como é óbvio, à família não faltou apoio dos parentes, amigos, vizinhos e de tantos quantos souberam do fatídico caso.

Ninguém conseguia entender porque um menino de 9 anos apenas, era levado a cometer suicídio. - Seria por curiosidade pondo em prática os contos que ouvira nas rodas de causos ? - Seria uma forma de chantagem que queria aplicar aos pais para conseguir satisfazer algum desejo seu ?

O caso teve repercussão em todos os recantos do município, situação em que o pároco da cidade, sentiu-se no dever de trazer seu apoio pessoal e o da igreja à família abalada. A sua versão sobre o fato foi conduzida para o lado do resguardo espiritual que cada individuo traz consigo. É o momento da tentação dos maus espíritos encontrar sua alma desprotegida do seu anjo da guarda.

A verdade disso tudo transcende o conhecimento humano. A dúvida vai ficar para sempre até que alguém tenha alguma explicação mais convincente.

O golpe foi tão violento que a família perdeu o norte da vida. Deixou uma seqüela profunda, difícil de remover, desmotivando a fé, a única esperança que restava.

E para nós, frágeis mortais, que tipo de lição de vida o caso nos deixa? Vamos refletir...

Tiro acidental

Registrou-se outro acidente na família Dalosto em meados de 1949, na encosta do cêrro São Miguel. O dono da casa convidou um amigo para fazer uma caçada de tatu, em razão de ter cachorros treinados para este tipo de caça. Como de praxe, levaram armas e equipamentos como facão, espingarda, lampião e munição. Ao retornar de madrugada, no pátio da residência, os cachorros da própria casa se envolveram em rixa com os cães tatusesiros. O Seu Dalosto, tentando apartá-los tomou a espingarda pela ponta do cano e bateu com a coronha nos cachorros em luta.

Com o impacto da coronha no solo, o "cão" da espingarda pressionou a espoleta de ouvido e esta detonou a carga explosiva da arma contra o peito do caçador. Em vista da gravidade dos ferimentos, veio a falecer. Tratava-se de espingarda de "ouvido", de carregar pela boca, em que o caçador não teve o devido cuidado de retirar a espoleta antes de chegar em casa. Seu descuido custou-lhe a vida.

VII - HISTÓRIAS VERÍDICAS

Bandido "Ranchão I"

A sensação de medo e insegurança que se vive hoje é semelhante a que se vivia nos anos de 1945. Atualmente quando ocorre uma fuga de presos, a população fica em pânico. Ninguém fica sossegado sabendo que indivíduos perigosos estão soltos por aí.

Naquela época um jaguariense, considerado bandido, morador da Linha 14, era acostumado a enfrentar peleja e passar o facão em quem não lhe era simpático. Começou então a tirar o sossego de moradores da Boca da Picada, mas daquela lá da Linha 14 e também desta (há duas localidades com este mesmo nome).

O dito bandido, valentão, era chamado de Ranchão e enfrentava a polícia com arma de grosso calibre. Estava sempre bem armado e se embrenhava nos matos desafiando a polícia. Fugia de uma região para outra usando disfarce. A polícia recebia denúncia de sua presença em determinado local e, lá travava outro tiroteio com o bandido.

Muitos negavam informações à polícia de medo de sua represália. Quando a notícia corria de que Ranchão havia fugido do cerco policial, o medo aumentava ainda mais.

Alguns agitadores diziam - "Que tal topar de cara com o bandido lá na lavoura?" Muitos se privavam de ir ao trabalho por esse motivo. Essa história de bandido foi se propagando e se prolongando, de modo que todo mundo estava assustado sem ter informações de sua captura. Já havia sido preso uma vez e conseguiu fugir.

Depois de passado algum tempo veio a notícia de que Ranchão havia se entregado à polícia, porém outras fontes diziam que havia sido morto num tiroteio por seus perseguidores.

Bandido "Ranchão II"

A façanha do famoso Bandido Ranchão se assemelhava a do Robin Hood que roubava dos ricos e dava aos pobres. O Ranchão era um pouco diferente – pouco dava aos pobres. Procurava recrutar mais bandidos que, sob seu comando, podiam reforçar o

poder de fogo contra os cercos policiais. Por inúmeras vezes se livrava das tropas policiais e se refugiava no mato e na cidade onde poucos o conheciam. Porém, antes de seguir para São Luiz Gonzaga, andou por Santiago onde foi raspar a barba com o barbeiro Murari. Na barbearia não foi reconhecido. Com se sabe, o assunto de destaque nestes pontos de encontro como barbearia, salão de bar, botequim, manicura e outras, era a ação do Bandido Ranchão. Ouviu tudo que o barbeiro e os da espera falavam sobre sua conduta. Por várias vezes o barbeiro raspava a barba do bandido na zona do pescoço e ele permanecia firme sem piscar.

Um outro barbeiro dizia: “Se ele estivesse nas minhas mãos fazendo barba eu o degolaria” Já o que estava lhe barbeando, admirava sua coragem e dizia – “É um bandido, mas é corajoso. Enfrenta mais de 10 homens da polícia nas emboscadas e sai ileso, mesmo depois de um longo fogo cruzado”

Depois de ouvir as diferentes correntes de opinião sobre sua conduta, se identificou, pagou o corte de cabelo e barba, e disse : Se alguém me denunciar (dedar), eu volto para ajustar as contas e levar a cabecinha do “dedo duro”. O silêncio tomou conta do ambiente e por instantes ninguém acreditara naquela conversa, mais era o homem verdadeiro, o próprio. Ali estava em corpo e alma.

Na sua fuga passou por Piratini, perto de Bossoroca, onde trabalhava um jaguariense do Rincão dos Alves – Sr. João Machado, conhecido por Joanete ou Nête. Estava ali tirando madeira para a família Gatiboni quando chegou um homem a cavalo, perto do meio dia, no instante em que aprontava seu “carreteiro”. Convidou o cavaleiro para almoçar e ficaram conversando. Em seguida, já montado, identificou-se como o procurado Ranchão, recomendando que ficasse calado. Tio Nête tremeu a perna e ficou a meditar sobre o perigo que enfrentou, e ainda lamentando ter ficado sem comida para a janta.

Três dias depois, soube-se que já estava em São Luiz Gonzaga, vindo a ser morto dali a um mês.

A história de Alziro Fonn

Um outro bandido não menos famoso da região era o tal de Alziro Fonn. Arranjava encrenca e “toureava” a polícia e se embrenhava no mato cerrado. Pedia e roubava comida em alguma casa isolada, pois ninguém lhe denunciava, por medo, e voltava a provocar a polícia num acinte de desafio. Era sua diversão, ilusão de homem corajoso e valente.

Certa vez, na região do Segredo, proximidade da nascente do Rio Rosário, chegou na morada do sr. Kuninski e obrigou-o a manter na soga (corda) um cavalo do seu uso para uma possível fuga da polícia, caso fosse necessário. Esgotado o prazo, retornou ao local para buscar o animal e se abastecer de salame, queijo, pão e demais suprimentos. Houve reação do dono do animal e, o Alziro Fon, deu um tiro no traseiro do polaco que o deixou se contorcendo em dores enquanto roubava seu melhor cavalo.

Andou na Vila Florida e Jarí onde foi cercado pela polícia que o encurralou contra as margens do Rio Jarí. O Bandido mais uma vez driblou os policiais em longo mergulho nas águas daquele Rio, fugindo do cerco da patrulha. Acabou se hospedando numa fazenda em Tupanciretã e após saiu a cavalo, bem pilchado, chapéu tapeado na testa em direção a Santiago onde mais tarde foi preso.

No entanto, devido à sua coragem, esperteza e habilidade, a polícia entendeu que ele seria um homem útil na corporação para combater marginais do seu nível, isto é, os que se mantinham fora da lei. Assim o bandido Alziro Fonn, depois de cumprir pena, foi admitido na Brigada em Santiago e se tornou um soldado de confiança da corporação, ajudando a combater a bandidagem que ameaçava a região.

Deduz-se que nos enfrentamentos da polícia com bandidos, quando em caçadas a lugares ermos, já havia um soldado escalado para abrir o caminho. O corajoso Alziro

Fon , com certeza, seria o primeiro a ser convocado como testa de ferro para esse tipo de operação.

Tenente Carvalho, o terrível

Por quase duas décadas morou na Boca da Picada um oficial da Brigada Militar, detentor do posto de tenente. Sua residência, casa de madeira de parede dupla, telha francesa, alta do solo, ficava a 100 metros da estrada geral, hoje BR 287.

Trabalhava no destacamento militar em Jaguari, a 7 km dali, indo todos os dias úteis montado em seu imponente cavalo branco, o qual se destacava pela leveza do seu porte marchador. Vestia uniforme amarelo, tradicional da corporação, distinguindo-se a túnica engomada, o culote frisado, as botas pretas espelhadas, esporas de metal amarelo, quepe com distintivo acima da aba de proteção.

O Arreamento nem se fala. Usava o que havia de melhor em montaria na época. Lá se ia o militar pela estrada poeirenta, ora ao passo ora tranco do seu marchador. Sua saudação aos transeuntes era a continência formal se a pessoa tinha idade superior a sua e, ainda, se gozava de bom conceito na comunidade. Do contrário, esperava que os outros dissessem um “bom dia” ou uma “boa tarde”.

Nunca se sabia se era seu dia de mau humor ou um daqueles raros de mostrar os dentes num sorriso. Quando alguém o avistava a distancia, fazia o possível para não se encontrar com ele. Se não gostasse de algum gesto seu ou havia qualquer atrito anterior, poderia ser o momento da desforra e passar-lhe o relho, como era seu costume.

Em razão disso ninguém queria se arriscar a encontrá-lo. A gurizada entrava no mato, que se assustava só em ouvir sua voz – agressiva e repressiva.

Durante sua convivência na localidade deixou marcas indeléveis de sua conduta, estranha e autoritária, como se fosse o dono do mundo. Contestava a tudo e a todos, colocando sua vontade acima de qualquer conceito de bom senso e respeito à liberdade dos indivíduos – a de ir e vir.

Sem descrever, genericamente, cada ato por ele praticado, talvez não caracterizaria exatamente o personagem desse título. Vale, então, relatar algumas de suas façanhas que se tem lembrança:

O andar do Cavalo – Ninguém podia passar na estrada geral ao trote ou ao galope. Se assim alguém o fizesse, no retorno da cidade seria interceptado e deveria justificar tal atitude. Se não fosse convincente, baixaria o relho como castigo. Ninguém se arriscava a revidar a agressão por medo da prisão que prometia.

Cavalo de cola atada – Se visse alguém passar a cavalo, com a cauda amarrada, curta, deveria parar e desatar. Do contrário, não poderia prosseguir viagem ou levava umas chicotadas para forçá-lo a obedecer.

Grupo de pessoas – Se duas ou mais pessoas passassem falando em tom de voz elevado, de modo que ele pudesse ouvir, mandava baixar a voz. Qualquer tom elevado era por ele interpretado como algazarra, grito ou desprezo a sua autoridade.

Certa vez Arlindo Polett, Anselmo e Alvino Polett, José Cazorla e Bilo Carrillo foram visitar os amigos Angelo e Pedro Acorsi lá no Potreiro Grande. Na ida passaram fazendo algazarra e o Xerife preparou a cama deles na volta.

Quando retornavam, o Ten Carvalho já estava de tocaia, aguardando os bagunceiros. Saiu dando de relho e espalhando a rapaziada que tinha a média de idade 13 a 15 anos. Assim eles, sem intenção, tiveram que chegar em casa mais cedo!

Insulto ao Carreteiro - Anacleto Lanes, peão de Nico Bandinelli, conduzia sua carreta, tracionada por uma junta de bois, na estrada geral. Logo atrás, vinha Orestes, filho de Nico, com outra carreta.

Ao passar em frente à casa do Ten Carvalho, o peão deu uma gargalhada e tapeou o chapéu de palha, sem perceber que estava na “linha vermelha”. Depois de percorrer 1 Km, já na entrada da Fazenda Santa Eugênia, Ten Carvalho atravessou o cavalo na frente de sua carreta e descarregou sua ira em cima daquele humilde homem. Chamou-o de bagaceiro, bagunceiro, desaforado, batendo com a coronha do revólver na testa do condutor, dizendo-lhe que tinha de aprender a respeitar as autoridades. Anacleto apenas ouvia o insulto, apoiado na sua picana, sem nada dizer.

No mesmo instante alertou Orestes que dissesse ao seu pai para mandar embora aquele peão. Nico teve que dispensar o empregado para não sofrer sansões mais tarde.

Os embriagados – Havia alguns amigos do trago que costumavam a cantarolar quando retornavam da cidade. Ao passar pela casa do tenente não se davam conta que já estavam na “Linha Vermelha”.

De repente baixava o cacete. Era o tenente impondo respeito com a sua velha diplomacia chamada trança de oito tentos (relho). As principais vítimas ou fregueses de caderno do poderoso chefe eram - Dionísio Rosa, Silvio Silva, Pedro Valente e outros.

Desafios – O Seu Dionísio Rosa já estava acostumado a levar chicotada do tenente. Certa vez, no bolicho do Moso, os amigos do trago o desafiaram e prometeram-lhe um liso de canha se fosse xingar o Xerife lá na frente de sua casa. Topou a parada e lá se foi o sedento por uma pinga. Não ficou por menos. Levou uma boa surra, ficando o corpo todo marcado. Em seguida retornou ao bolicho para receber o prêmio. Ao chegar disse, eufórico – “Sofri, levei chibatada, mas ganhei minha caninha !.”

Encomenda – Quando ficava de folga e não ia à cidade, pedia a qualquer cavaleiro que passasse por ali para trazer seu jornal lá do Seu João Crivellaro. Mas antes de pedir, gritava lá de sua casa para que viesse falar com ele. Antes de saber de que se tratava, eram instantes de angústia imaginando que era sua vez de entrar na chibata do tenente. O suspiro de alívio só chegava quando dizia: “Pede pro Joanim me mandar o jornal”. A resposta: “Si ..Si .. Sim Senhor, Tenente, volto logo com seu jornal.”

Ciúme Doentio – Tinha exagerado ciúme da sua mulher, por isso mantinha-a presa dentro de casa. Qualquer vestígio de pegada no solo do pátio da sua casa era motivo de uma nova surra na esposa. Ouviam-se, à distância, os gritos e choro, e também os golpes de relho quando errava o alvo e acertava o assoalho da casa.

Quando saía acompanhado da mulher em sua cômoda charrete, via-se apenas o rosto da mulher. Tudo estava coberto para não despertar o olhar maldoso dos transeuntes. Era branca como uma cera – não pegava nem uma réstia de sol quando ficava em casa sozinha.

O lado Bom – Quando estava de bom humor chamava a gurizada para oferecer-lhe frutas do seu invejável pomar, mas só juntava as do chão. Ninguém ousava pegá-las do seu pátio sem seu consentimento porque mantinha a propriedade cercada com 11 fios de arame farpado, esticado à máquina, mais a vista de alguns puxa-sacos que dedavam os intrusos em troco de sua amizade.

O Galo Carijó – O David Bressan, como os demais guris das redondezas, se borrava de medo quando o tenente lhe interpelava. Certa vez, o chefe flagrou um galo carijó do Se Olívio se deleitando com as pêras do seu pomar e gritou de lá: “Oh ! Guri, avisa teu pai prender o galo carijó que está comendo minhas pêras”. O David contestou o aviso pedindo confirmação se não era um galo branco. O tenente, com aquela sutileza que lhe era peculiar, lascou essa: “Se estou te dizendo que é um galo carijó e tu me vem com galo branco”. Nestas alturas um calafrio desceu-lhe a espinha, fazendo-o a perder o rumo da conversa. Emudeceu por instantes e foi repassar o avio ao pai.

Final da Tirania – Depois de tanto bater e insultar os outros, principalmente as pessoas humildes, chegou a vez do feitiço virar contra o feiticeiro. Apareceu alguém para interromper sua onda de arbitrariedades. O sr Praxedes Tito, um homem simples, que trabalhava freqüentemente em sua horta, certo dia não aceitou as ofensas do caudilho. Ambos saíram no tapa e se armaram de pedaços de pau e foram às vias de fato.

Praxedes amassou a farda do valentão e saiu ao passo em direção a sua casa, aguardando que o tenente mandasse prendê-lo. O tempo foi passando e tudo se passava como nada tinha acontecido. O assunto se tornou manchete na boca do povo. Só se ouvia dizer: “Eu não acredito”. “É pura atochada”. “O homem só podia estar doente”.

Certo dia, Domingos Crivellaro retornava da casa da noiva, Célia Dalosto Valente e, ao passar em frente a sua casa foi abordado pelo tenente. Um calafrio desceu-lhe a espinha e logo imaginou – é hoje o meu dia de escorar o relho da fera. Tal foi sua surpresa ao ouvi-lo dizer que queria vender-lhe toda a propriedade pois havia decidido abandonar a Boca da Picada. Um suspiro de alívio devolveu-lhe a tranqüilidade que, por instantes, ficara abalada.

Certamente a vítima ficou envergonhada em registrar a queixa alegando que havia apanhado de um homem que só sabia manejar a enxada e outros instrumentos de lavoura.

Assim vendeu tudo que não podia levar consigo e desapareceu sem dizer para onde foi, sem se despedir dos vizinhos. Era o final de mais de uma dezena de anos de pavor e agressão por motivo fútil que, até então ninguém conseguiu entender aquele tipo de comportamento humano. Saiu da Boca da Picada, mas entrou na sua história.

Uma onça a solta – Que medo !

Diz o dito popular: “notícia ruim vai longe e depressa !” A notícia de que uma onça pintada andava passeando livremente no solo das redondezas da Boca da Picada começou a meter medo na sua população.

No início, não passava de boato. Mas, a partir da constatação das pegadas deixadas nas terras recém lavradas e gradeadas de Tibúrcio Rosa, próximo ao Cerro do Veado, o boato passou a preocupar os moradores. Ninguém dormia tranqüilo nem saía longe de casa.

Poucos dias depois, ocorreu a notícia de que alguém tinha visto, no Cerro São Miguel, um animal parecido com uma onça. Logo surgiu outra informação de que havia sido encontrado um bezerro totalmente devorado, restando apenas os ossos e o couro. A estas alturas, o medo aumentava ainda mais - estavam todos apavorados. As famílias não sabiam o que fazer para proteger suas residências. O Felino estava por perto dando sinal de sua voracidade. A ferocidade, pela natureza do bicho, já era conhecida.

Outras pegadas foram encontradas nas margens de sangas e reservas de água.

Soube-se mais tarde que um caçador descreveu o animal que viu e se assustou, concluindo ser, pelo seu porte, uma onça. O perigo era iminente e precisavam eliminar a fera.

Reuniram-se, então, os corajosos e tradicionais caçadores das proximidades do Cerro São Miguel, para promover uma caçada ao animal. Conseguiram juntar cerca de 12 caçadores de elite da localidade, arma calibre 16 e 20, chumbo grosso, balim, mais revólveres, facão. Acompanhados de 16 Cachorros, dos melhores, saíram à caça do felídeo, demarcando a área onde havia devorado a rês. Dentro de poucos instantes os caninos deram sinal de terem encontrado um animal. Era uma onça. Estava no alto de uma enorme árvore, rosnando aos minúsculos inimigos que latiam ao pé do seu abrigo. Começaram a chegar os caçadores e a contemplar e conjeturar o que fazer com a fera. Quando o bicho se mexeu lá no alto, uns engatilharam suas espingardas e ameaçaram atirar. Alguém contestou dizendo que se errassem os tiros, a fera os devoraria. Contam os apressadinhos que o Olinto Fava, um dos que aparece na foto da fera morta, subiu de

tamanho (exagero) em uma árvore próxima dali, tamanho era o medo daquela massa bruta lá no alto.

O Sr. Hermes Dalosto, o mais credenciado atirador e caçador do local, preferiu não se arriscar e subiu numa árvore sem tirar as botas. Ali tinha muito “Valente”, mas nessa hora fica apenas no sobrenome. Pudera ! Diante daquele estranho animal todo covarde se rende e todo valente se acovarda.

Após uma troca de opiniões, decidiram não arriscar o “abrir fogo” e optaram pela instalação de espingarda de espera. Assim foi feito. Deixaram o bicho lá trepado e se retiraram. Trataram logo de fazer a armadilha. Assim fizeram e aguardavam a todo instante a detonação das espingardas.

Quando ouviram um estampido, para lá correram e constataram que as armas haviam disparado. O animal ferido deixou um rastro de sangue na trilha, a qual foi seguida pelos caçadores. Logo em seguida viram o animal caído, já sem forças, devido à grande perda de sangue. Aí então chegaram os ”valentes” e dominaram a fera.

Por alguns dias, o felino, que causava perturbação na localidade, teve seu corpo em exposição e atração na Venda do Sr Joanim Crivellaro em Jaguari. Foi o momento de fotos e comentários sobre sua origem ou de onde poderia ter surgido aquele espécime que não é próprio da região. Imaginaram ter fugido de alguma jaula de circo de apresentações.

Quem ainda duvida do fato que aconteceu em setembro de 1964, mesmo vendo a foto, deve visitar a cidade e constatar a existência da pele curtida em exposição na sala de visitas da Prefeitura Municipal de Jaguari. Na foto o felídeo morto cercado por seus caçadores.



Foto: 1964

(Caçadores usam chapéu)

1. Valdomiro Doleski e outro
2. Olinto Fava
3. Darci Dalosto
4. Osmar Fava (No focinho)
5. Pedro Dalosto
6. Alvino Dalosto
7. José Dalosto
8. Antonio Valente
9. Não Identific. (sem chapéu)

oncaExposta.jpg

PS – Quer parecer que a região ainda mantém clima e ambiente para hospedar e atrair animais da família felídea. Veja o texto extraído do livro: “Jaguari 350 anos de História 1632 – 1982 – de Otto Gampert”:

“A Praga de Tigres - No século XVII, por volta de 1632, a região do Vale do Jaguari foi infestada por tigres que não só atacavam os índios nos campos e nas matas como invadiam as próprias aldeias. Infernizavam a vida dos moradores dia e noite”.

A aldeia mais atingida era a de São Miguel. A população amedrontada recolhia-se à aldeia e, assustada com os urros das feras, apelou para a Santa Madre de Deus, fazendo-lhe novenas com missas cantadas com acompanhamento de música, até que as onças fossem embora. Ao fim de 9 dias elas se afastavam por certo tempo. Logo em seguida voltavam a atacar. Nem mesmo as armadilhas preparadas com carne de cachorro e de veado davam resultado”

O Caudilho Torturador

Um fanático admirador do Partido Republicano (Chimango-lenço branco), chamado Faustino Jardim, casado com Cândida Alves Machado (Candinha), irmã de João Alves Machado, residente nas proximidades de Taquarichim, dono de muitas fazendas, tinha a fama de bandido, torturador, valentão e outros adjetivos de crueldade.

Tinha o prazer de degolar seus inimigos ou inimigos do seu Partido quando estes lhe incomodavam. Costumava sepultar suas vítimas, de preferência, decapitadas. Torturava as pessoas suspeitas de pertencer ao outro partido da época (Maragato-lenço vermelho). Tinham que se declarar adeptos do seu partido para poder salvar a pele.

Uma de suas torturas preferidas era fazer uma armação de ripas de madeira, amarrar a vítima em cima dela e fazer uma fogueira sob seu corpo. Ali ia aumentando o volume da labareda até que confessasse a que partido pertencia.

Certa vez seqüestrou a esposa de um adversário político, raspou-lhe a cabeça e mandou passar “graxa de égua”. (Dizia que esta gordura não deixava nascer cabelo). Torturou-a para que contasse onde seu marido tinha se refugiado, a fim de que pudesse mandar matá-lo. A mulher, era portadora de razoável poder econômico, manteve-se fiel ao marido, não o denunciando. Mesmo assim foi liberada pelo carrasco.

Na saída prometeu ao malfeitor vingar a tortura que sofrera e iria contratar capangas para decapitá-lo. Ameaça não lhe intimidava, dizia ele.

Outra forma de tortura ou castigo, principalmente a quem lhe prestava serviços e cometia falha, era servir comida com charque, sem tirar o sal, ou outras comidas bem salgadas nas refeições do almoço para provocar a sede. Mandava capinar e arar a terra sob um sol causticante sem que pudessem tomar água. Quem estava de castigo tinha que se submeter à tortura sem reclamar.

Ele mesmo fiscalizava o cumprimento de suas ordens, armado de revólver, espingarda e facão. Sentado em uma enorme pedra lhe permitir visualizar todos os movimentos dos castigados.

Quem se atrevesse a desobedecer-lhe, recebia uma carga de chumbo nas pernas ou no corpo para eliminá-lo. Por algum tempo vinha praticando estas barbáries junto com alguns capangas que o apoiavam.

Certa vez uma de suas vítimas armou uma cilada para o caudilho torturador. Esperou um momento de descuido, se aproximou, vindo por detrás da pedra onde costumava vigiar os apenados e passou-lhe uma faca no pescoço, degolando-o mortalmente. Sua cabeça passou a ser exibida como um troféu de liberdade para os que o repudiavam.

Assim, pôs fim a uma criatura de instintos selvagens e vingativos, que tantos crimes praticou em nome de um fanatismo do qual não soube tirar proveito.

De outro lado, os fatos que justificavam as atrocidades ninguém conta. Só praticando o mal ninguém conseguir permanecer no posto por muito tempo. Algo de interesse coletivo ou de interesse de suas facções poderia estar acontecendo para lhe dar sustentação ao longo do tempo. Outras versões deverão surgir.

O troco do arrocho

Um cidadão residente em um distrito vizinho se orgulhava de ser um homem moralista, pregador dos bons costumes na sociedade e ser um fiel cumpridor de leis. Para isso foi designado, algumas vezes, para ser subdelegado da localidade. Exigia senhoria, reclamando com veemência quando não usavam este tratamento. Qualquer reunião dançante ou encontro público exigia que pagasse o valor da licença – era o Ecad no campo...

Certa vez um grupo de jovem resolveu, repentinamente, se reunir e fazer um arrasta pé na casa de um deles. O cidadão subdelegado soube do fato e lá compareceu e recolheu a gaita, o pandeiro e deixou todo mundo se entreolhando.

Conseguiu em pouco tempo a antipatia do grupo que o condenou para sempre. Nos bailes em que comparecia e, principalmente na sua residência, ficava no salão separando, quando cessava a música, os rapazes e moças que ficavam de par. Mulheres num canto, homens, noutro. Não podiam ficar no salão porque lá estava o “leão de chácara” para separá-los.

Tinha o hábito de escolher os namorados para as três filhas. Se não fosse do seu agrado, logo recebia o cartão vermelho - convite para se retirar.

Certa vez apareceu um moço, já solteirão, e se engraçou na filha do chato. Como mostrou sinal de guaiaca cheia, foi conquistando a moça e o agrado do pai.

Chegou o dia do noivado – muita festa !. Convidados selecionados, só para quem tinha dinheiro e bons costumes. Suas filhas só saiam acompanhadas por pessoa da família quando tinha que visitar parentes ou fazer qualquer coisa fora do ambiente familiar. Considerava-se um representante dos bons costumes na sua comunidade.

Houve o casamento, com pompa, movimentando todo o distrito. Ao final da cerimônia e terminada a festa, tomou a noiva e levou-a ao um médico em Santa Maria para certificar-se de sua virgindade. Resultado, a noiva já havia mantido relações sexuais antes do casamento, não com o noivo, por isso ele a devolvera aos pais, anulando o enlace.

Assim, o homem que pregava moral desmoronou, baixou a cabeça e mudou de conduta, não mais comparecendo a lugares públicos . Quis ser muito justo, cometeu injustiça (sumum justo,suma injusta). Semeou vento, colheu tempestade. Foi o trocou do arrocho !

O acontecimento social do século

No trecho de estrada da Boca da Picada, entre São Vicente e Jaguari, o trânsito de veículo era raro devido ao mau estado das rodovias, bem como não havia muito automóvel naquele tempo. Soube-se então que haveria um casamento da filha de um fazendeiro, cujo trajeto envolvia toda a extensão da estrada da Boca da Picada.

Praticamente todos moradores da cidade e das redondezas da fazenda foram convidados para a festa. A maioria dos picadeanos não teve coragem de comparecer porque era de grã-fino e lá, o matuto, ficaria meio sem jeito, atrapalhado e encabulado. Mas a diversão da gurizada era contar os veículos que passavam na estrada geral. Era uma festa a contagem dos Ford modelo A, Ford 40, Chevrolet, cada qual mais polido e enfeitado com a pompa dos convivas. Também chamava a atenção o foguetório que se estendia desde a Igreja Matriz na cidade até a fazenda numa extensão de 14 km.

Assim, todos os carros que havia na cidade tomaram parte na festa do casamento, permitindo que se conhecesse toda a frota existente na cidade naquela época.

O que mais incomodava os convidados no percurso era a poeira (no popular: polvadeira). Por muito tempo não se teve conhecimento de um cortejo tão longo como aquele, qualificando o casamento do Eng Enio Décimo com a Sra Maria Eugênia da Silveira como o casamento do século. O palco deste acontecimento foi a Fazenda Santa Eugênia. Eis o flagrantes dos noivos.



O casamento da “Filhinha”

Cacilda Carlin Bandinelli, de apelido “filhinha”, se enamorou de Levindo Simi ainda quando morava no Rincão dos Alves – 4º Distrito de Jaguari, lá pelos anos de 1937 e 1938. Seus pais, João Bandinelli(o Nico) e Catarina Carlin mudaram residência para a Boca da Picada – 1º Distrito. Noivaram e marcaram casamento para junho de 1939.

Ficou acertado que o enlace no civil seria no Cartório do Sr. Dário Oliveira, em Taquarichim e a festa, com almoço, na residência do noivo, Sr Antonio Simi, em São Xavier, hoje município de Mata-RS.

Os pais da noiva, devido aos costumes, só liberariam a noiva no dia do casamento, por isso o noivo constituiu uma caravana de cavaleiros, convidados para o evento, e foram buscar a noiva para casar no dia seguinte.

Era uma 6ª feira, almoçaram e saíram do Rincão dos Alves numa jornada que deveria durar 6 a 7 horas de cavalgada, percorrendo cerca de 35 km. Integravam a comitiva o Sr. Mário Flores de Oliveira, seu irmão Tuto, a irmã Rita, mais o Sr Olinto Machado, seu irmão João (Nête) e sua irmã Geni.

As mulheres montavam em Selim, os homens, em Arreio, como de praxe, usando o que havia de melhor em montaria. Ao cair da tarde, já no lusco-fusco, chegavam ao destino. Desencilharam os eqüinos, jantaram e descansaram. No dia seguinte, sábado, quase sem dormir, a noiva já estava de pé, vestindo a roupa do casamento.

Dona Rita havia levado na bagagem toda a indumentária da noiva e se encarregou de vesti-la. Tão logo ficou pronta e os cavalos encilhados a caráter, a caravana iniciou o caminho de volta, porém com mais um integrante de destaque – a noiva. Não faltaram os foguetórios e os relinchos dos cavalos assustados.

Ainda sob o sereno da manhã fria de inverno, a vaidosa noiva rejeitava o abrigo para exhibir o lindo vestido branco aos que contemplavam á beira da estrada. Lá ia ela se apertando na estrada estreita, quase em fila única, antes de chegar na estrada geral.

O sereno gotejava na coroa que lhe enfeitava a cabeça. O véu que lhe cobria o rosto se desalinava com o vento forte e frio.

O comandante da caravana recomendava – De pressa ! às dez horas a noiva deverá estar no cartório do Sr. Dário Oliveira em Taquarichim. Na estrada, mais foguetes anunciando a passagem da noiva. Naquela época não havia pontes nem pontilhões, passava-se sobre as águas das sangas e dos riachos, respingando água na roupa branca da noiva, que não perdia a imponência nem a elegância.

Chegaram enfim ao Cartório na hora marcada onde um grupo maior de convidados os esperava. O foguetório foi ainda maior. Já casados rumaram para o local do almoço, cuja festa se prolongou até a noite. A noiva se queixava do cansaço e os outros também. Mas a noiva, depois de um café bem preparado pela sogra, não pensava noutra coisa senão em dormir. Engano !

Por aí se imagina um misto de festa com sacrifício, pois a caravana percorreu, a cavalo, mais de 70 km. Este acontecimento contrasta com aquele já mencionado nesta seção intitulado: “A festa do Século”, realizada bem próxima à casa dos pais da noiva. Neste, alguém contava os automóveis luxuosos da época; naquele, deveria ter alguém contando os cavalos.

O que diferenciava os dois acontecimentos sociais não era o período de sua realização, mas o nível econômico das duas famílias.

Os caçadores de veado

O veado, para quem não conhece, é um animal silvestre que vive em mata baixa ou capoeira. Não é bicho do mato, mas o utiliza para suas travessias e fugas. Nada tem a ver com aquela espécie que rola na cidade. Só tem em comum o gosto pela noite.

No Cerro do Veados, daí seu nome, havia muito dessa espécie, principalmente quando os caçadores não dispunham de tempo para perseguí-los na época liberada para a caça. Desse modo a população cervídea crescia ainda mais depressa.

Os caçadores mais persistentes na procura destes animais pertenciam à família Vargas: João Vargas (Portugal), Assunção (Sunça), Aquino (Quino). Tinham eles espingarda de grosso calibre, bitola 16 ou 20. A munição era chumbo grosso e balim. Cachorros- O Gorro, a Quera, e outros veadeiros treinados para seguir a trilha do cervídeo. Se algum transeunte da roça anunciava ter visto pegadas do ruminante na terra úmida das lavouras, lá se iam os caçadores com a cachorrada na coleira. Soltavam os cuscos no rastro do bicho e mandavam ver. Os caçadores se posicionavam em lugares estratégicos e logo os caninos davam o sinal característico de que haviam encontrado a caça, soltando o latido diferenciado.

Ficavam a postos, de olho na clareira onde deveria surgir a caça, já com a arma engatilhada.

Nem sempre era o dia do caçador. Os tiros não atingiam o alvo e o prato saboroso de carne de veado ficava adiado. Por alguns dias o bicho mudava o paradeiro, mas sempre retornava ao local da espera. A insistência, que às vezes levava dias, dava bom resultado. A festa podia atrasar, mas não falhava.

O que chamava a atenção era a agilidade do Sunça. Andava de pés descalços no meio da mata sem se ferir. Era magro, canela fina, calça arremangada e corria mais que os cachorros diante de determinados obstáculos. Outro detalhe, às vezes, queimava campo com chuva dizendo que o veado era tão grande que não pode carregá-lo inteiro. Tinha que carrear no mato mesmo, levando a carne aos pedaços, enfiada em varas apoiadas no ombro dos caçadores.

Era um Gerson da Vida – dizia sempre levar vantagem. Nem sempre com razão. Para não fugir à regra, todo caçador ou pescador, sempre tem a sua mentirinha !

Desgosto de uma paixão

Na Linha 9 havia um rapaz galanteador, não muito alto, mas gostava de ciscar onde havia “frangas” por perto. Andava como tico-tico, de galho em galho, namorando aqui, acolá.

Certa vez apaixonou-se por um broto, como era chamada uma moça ou moço, achando que ela seria sua eleita para conduzir ao altar. O namoro estava firme, deixando-se pialar pela paixão e apostava tudo naquela mulher.

O tempo foi se escoando e o namorado não se definia numa profissão – não tinha trabalho fixo.

Nesse meio tempo surgiu um rival para atrapalhar sua pretensão de casamento. Sofreu um duro golpe ao sentir que estava perdendo a namorada e perdeu mesmo. Entrou logo em depressão e deixou de fazer o pouco que fazia. Passou a viver mais na

dependência de parentes e amigos. Não procurou outra mulher. Se não fosse aquela, outra não tinha lugar no seu ferido coração. O golpe maior sofreu no dia do casamento da ex-namorada. Não teve outra saída senão ir a uma mesa de bar. Chamou o garçom e pediu aquela que matou o guarda e encheu a cara. Daí em diante passou a perambular pelas ruas como um desconhecido, indo parar, depois de alguns anos, no Abrigo da Vila Itagiba em Santa Maria onde morreu em meados de 1995, desiludido da vida por uma paixão desenfreada.

Plantas espinhentas

Dois irmãos da Boca da Picada, o Mezenga e o Berdinaze, moravam a menos de 60 m um do outro. A cerca divisória das propriedades era de arame farpado, 4 fios, não impedindo a migração de aves, suínos, cachorro e outros bichos, de um para outro lado.

Houve tentativa de impedir este trânsito livre dos animais colocando mais fios farpados junto ao solo, mas Mezenga, não satisfeito, foi até as bandas do Marmeleiro, de onde trouxe várias cargas de muda de maricá, unha de gato, além de outras de ananás, espécie de banana do mato, e cobriu toda a cerca divisória com planta espinhenta. Diminuiu a passagem mas não impediu totalmente a passagem dos animais.

Tão logo a planta espinhenta se desenvolveu, ficou difícil não levar uma fígada ao tentar buscar um animal que invadia sua propriedade. Era um xingamento de guri ao plantador de espinho.

Não demorou muito, Mezenga adquiriu uma propriedade nas proximidades, divisa com a de Berdinaze e por isso necessitava atravessar seu potreiro para encurtar o caminho até sua lavoura. Ainda, precisou fazer um encanamento de bambu, conhecido por taquara, para trazer água, com passagem subterrânea, cruzando a propriedade de Berdinaze. Assim, toda vez que a atravessava, Mezenga e sua família eram alfinetados com os espinhos que eles mesmos plantaram. Moral da história: O que se plantou, colhe.

O Pasquim

É regra geral a maioria dos vizinhos praticar o bem, tratar bem seus semelhantes, conquistar novas amizades. Porém, como toda regra tem exceção, a Boca da Picada não ficou a dever. Circulou nos ambientes escusos, um tal de Pasquim, o bilhete malicioso, anônimo, acusando, injuriando pessoas de quem tinham inveja. A situação virou um caso de polícia que solicitou aos prejudicados que tentassem flagrar os praticantes. Esta providência inibiu seus mentores e os bilhetinhos desapareceram.

O pior disso é que utilizavam crianças ou inocentes para participar dessa safadeza. O julgamento fica por conta do patrão lá de cima, já que a polícia ficou apenas com o nome dos suspeitos.

A higiene da rapadura

Nem sempre os ditos populares se confirmam. Dizer que os produtos de campanha são mais puros e higiênicos que os da cidade, pode cometer engano. Havia alguns produtores de rapadura e melado que também criavam alguns destes bichinhos saltitantes – os cabritos.

Quando estava no ponto de derramar a calda quente nos quadros armados sobre a mesa, para produzir rapaduras, os curiosos caprinos que, pela sua natureza trepam até em árvore, não perdiam a oportunidade de dar um passeio sobre o quadriculado ali umedecido. E a cada berro, reproduziam alguns briquetes da obra fecal sobre os quadrinhos que nem sempre havia tempo para removê-la totalmente, sendo os resíduos restantes incorporados ao produto final. Quem não sabia a origem da guloseima jamais iria imaginar o grau de higiene usado na sua produção. Guri via tudo e não falava. Se falasse, levava tapa. Cala-te piá !.

Disputando a namorada

Dois rapazes da Boca da Picada apaixonaram-se pela mesma guria. Ela, muito esperta, quis tirar proveito da liga que tinha no amor. Começou a fazer exigências a cada um de seus pretendentes. Passou a ditar normas na maneira de se vestir, optando pelo mais elegantemente, melhor trajado, mais perfumado e mais carinhoso. O xodó da época era o terno de linho, de preferência branco, principalmente em dias ou noites quentes.

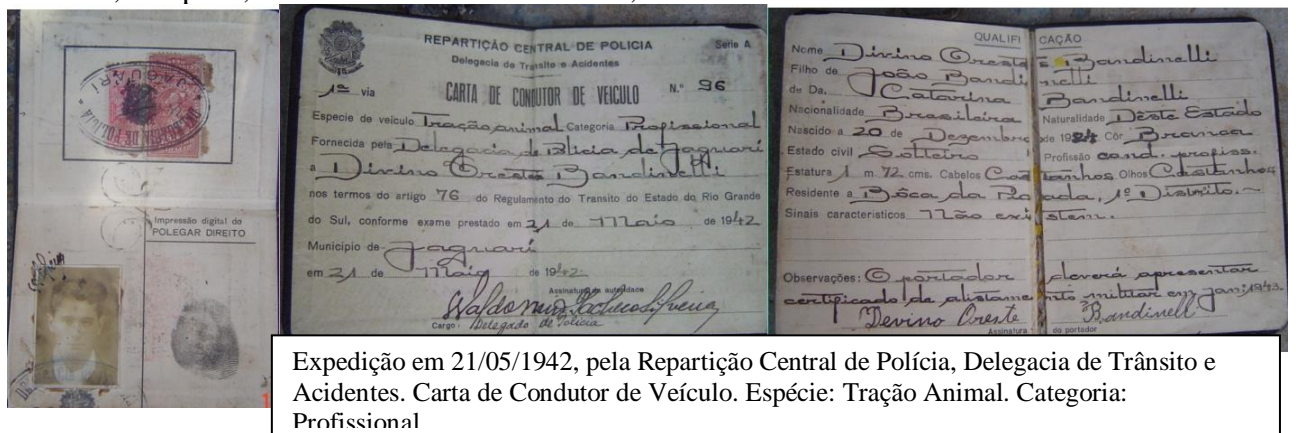
Como um dos concorrentes sentiu que ia perder a namorada, resolveu colocar areia no pastel do outro. Apelou para o jogo sujo. Preparou uma mistura de títica de galinha e teve o trabalho de lambuzar um longo cipó, enrolando-o numa cerca de arame farpado por onde deveria passar, à noite, o presumível ganhador da namorada.

Tudo aconteceu como havia planejado. Sem perceber, o cidadão teve seu terno carimbado com a mancha do azar. A namorada não permitiu que o enfatotado permanecesse em sua casa pois não agüentava o mau cheiro, uma mistura de perfume com títica de galinha. Mandou o namorado morar com as galinhas. Acabou não ficando com nenhum deles.

Emplacamento de Carreta

Na década de 1940 o trânsito de carroças e carretas era tão intenso que havia congestionamento em alguns lugares, principalmente na travessia da Ponte Grande – a ponte Julio de Castilhos. Para disciplinar a circulação desses veículos, a Prefeitura de Jaguari sancionou uma lei, aprovada pelo Conselho Municipal, que proibia a circulação de veículos de tração animal sem CHAPA ou placa. Todos deveriam obter licença para trafegar com sua carreta, carroça, charrete, aranha, na área de abrangência do município.

Como se isso não bastasse, seus condutores tinham que estar habilitados e portarem uma “Carta de Condutores de Veículo” de tração animal. Veja, a seguir, um exemplar da CNH, da época, de Divino Orestes Bandinelli, morador da Boca da Picada.



VIII - FAÇANHAS DO TIO OTÍLIO

O cavalo foguete

Otílio Gomes, conhecido como Tio Otílio, eram meio “Itu” ao contar seus “Causos”. Exagerava mesmo. Certa vez foi ao “povo” (designação de “cidade” para quem está no interior), montado no seu cavalo matreiro para trazer uma moagem de farinha. Não tinha levado o poncho ou a tradicional e inseparável capa bate-e-enxuga. O tempo se armava para chover.

No retorno, começou uma chuva mansa e o cavaleiro foi apressando o passo do seu parceiro. A manga-d’água só molhava a anca do animal porque ele era mais veloz do que o deslocamento da chuva. Assim ele ia acelerando o cavalo de modo que andou

6 km fugindo da chuva. Chegou em casa junto com a chuva. Ao entrar no galpão da residência, São Pedro despejou, de balde, uma chuva de renguear casco. Seu cavalo era tão veloz que corria mais que a chuva.

PS: Quando alguém exagerava ao contar uma estória, Tio Otílio era lembrado. Ficou sendo um símbolo vivo da mentira. Desse modo, a expressão: “Tio Otílio encostou o barco” tornou-se marca registrada da mentira. Se alguém contar uma estória e um ouvinte falar que Otílio encostou o barco, seu conto foi qualificado como uma baita mentira, para tristeza de seu narrador.

Ponto fraco do tatu

Tio Otílio convidou um amigo para fazer uma caçada de tatu. Era uma noite em que o tempo se preparava para chover. Tinham encontrado um “cascudo” (tatu) entocado numa terra firme. Já estavam com ele preso pelo rabo, mas não conseguiam tirá-lo do lugar porque ele estufava o casco e se comprimia contra as paredes da toca. Já estavam cansados, pensando em desistir da operação. Num lampejo de raciocínio TO se lembrou das contrações do corpo quando submetido a determinados toques ou estímulos. Segurou o rabo com uma das mãos e, com a outra, tocou o dedão no ânus do espertalhão, ocasião em que ele se contraiu e nesse instante conseguiu desentocar o bicho. PS. Para caçar também é preciso entender a fraqueza dos animais.

O macaco e o tigre

As crianças também se deleitavam com as histórias e as aventuras do Tio Otílio. Conta ele que o macaco e o tigre, como se sabe, nunca foram bons amigos. O macaco, sempre brincalhão, gostava de aprontar as dele lá do alto das árvores, já que era fraco diante do tigre. Este, enciumado porque andava sempre por baixo – não trepava nem andava de árvore em árvore.

Em certo dia encontraram-se na floresta e o macaco ficou encurralado, sentindo que seria devorado pelo faminto tigre. No aperto, usou um artifício – iniciou uma operação de puxar cipó. Já suado mas não parava de arrancar mais cipó, ocasião em que o tigre, já curioso, indagou: - que pretende fazer com tanto cipó, seu macaco ? A resposta veio de pronto. O chefe dos macacos mandou um sinal de que está vindo aí uma grande tempestade e vem matando toda espécie de animal que tenha 4 patas.

É preciso me proteger enrolando nestes cipós para evitar o impacto do granizo e do vento. Nisso o tigre se aproximou ainda mais e disse: Agora tu vais me amarrar no teu lugar e se não fizeres isso, serás devorado. O macaco ainda fez um charminho ! Não, já estou morto de cansado e não terei tempo e força para repetir esta operação. O tigre chegando mais perto fez o macaco lascar esta: – “Calma tigre, vou atender teu pedido”. Amarrou bem a fera numa árvore com todo aquele cipó e tomou uma vara de laranjeira do mato e deu-lhe uma surra de levantar a pele. Feito o serviço saiu de mansinho, deixando ali a fera presa. De vez em quando passava por ali outros animais e o tigre pedia socorro. Ao tentar soltar uma das patas, o tigre passou a unha no gambá que lhe socorria. Estava faminto e com sede. O Gambá desistiu da solidariedade. Em seguida veio o gato do mato que desamarrou todo o corpo e deixou as mãos por último. Quando lhe desatou as mãos, o tigre tentou aprisioná-lo. O felino se defendeu dando o famoso pulo do gato – saltou para traz, golpe este desconhecido de outros animais. Em fim o tigre foi solto e partiu para se vingar do macaco. Começou a vigiar todas as fontes de água que conhecia. O macaco, astucioso, resolveu fazer uma máscara para enganar o tigre. Encontrou uma meleira(conhecida por lixiguana) e se melou todo. Rolou-se sobre as folhas secas e ficou um “enfolharado”. Já fazia algum tempo em que o macaco estava com sede e as fontes estavam vigiadas. Foi então se aproximando da fonte e o tigre tentando identificar aquele estranho companheiro de selva sem nunca tê-lo visto antes. Foi tomando água aos poucos e o tigre perguntando: Hei... compadre enfolharado,

quanto tempo faz que não toma água.... e o macaco nem piscava, continuava tomando água. Novamente a pergunta, e daí, quanto tempo faz que não toma água ? O macaco já saciado, olhou por perto e visualizou uma árvore para subir e deu a resposta – “Não bebo água desde o dia em que te dei aquela Surra, seu tigre de uma figa !” Subiu na árvore e saiu de galho em galho gozando o felino lá no solo.

Tio Otílio e as cafumangas

As rugas do tempo já lhe riscavam o rosto mas o ímpeto de pé de valsa lhe dava coragem para gastar a sola do sapato num fandango. Assim era Tio Otílio nos bailes de campanha. Sua mulher, meio “zorra”, não o acompanhava nas danças. O gaitero, na sua 8 baixos, lascava um limpa-banco e TO ficava na espreita, fixo na porta do toailete, para ver quem tinha sobrado. As damas não requisitadas ficavam ali, fazendo seu crochê, no aguardo de um cavalheiro para dar-lhe o prazer da dança. TO fitava uma delas e enveredava para lá como cachorro farejador. Ao chegar na distância do convite, a garifona dava um giro e deixava TO na saudade. Lá saía ele meio cabisbaixo mas não desistia de outras investidas. Alguém que assistia à cena, em tom de deboche, lascava essa - “Daí Tio, a tianga passou-lhe o ‘carão’ ?” - “Pois é, essas cafumangas ficam aí a noite toda fazendo crochê e eu, pensando em agradá-las, dei com os burros n´ água. Ficam aí fazendo corpo mole para dançar aqui com o ”degas”, quando deveriam agradecer por terem saído do jejum”.

De tanto insistir, alguma se compadecia e acabava aceitando o convite do velhinho que ainda dava uma esnobada, inventando alguns passos fora do compasso da música.

PS: 1) Se o homem não dança num baile, fica “sapateiro”; a mulher, “faz crochê”.

2) Quando Tio Otílio balbuciava alguns termos estranhos, os mais letrados chegavam em casa e iam logo consultar se aquele vocábulo usado existia no “amansa burro”. Para surpresa, lá estava o conceito de CAFUMANGO (A) – Pessoa que não tem muitas qualidades; cozinheiro que não sabe cozinhar; pessoa inábil; termo vulgar.

Como se observa, Tio Otílio manuseava o “sebo” antes de ir ao baile para esnobar conhecimento no diálogo com as gurias.

3) Tio Otílio partiu deste mundo e certamente está entretendo outros ouvintes por aí com seus causos. Alegria-nos saber que há picadeano disputando sua vaga aqui na terra. É da família Rosa. Dentro de pouco tempo será diplomado!

VIII - VINGANÇA DA NATUREZA

Escrevendo certo por linhas tortas

O homem não aceita os obstáculos que a vida lhe impõe. Quer parecer provação a que as pessoas são submetidas quando surgem tropeços ou surpresas, a princípio, desagradáveis. Quem não se rende, dá a volta por cima. Isto é, sai fortalecido do que parecia uma desgraça.

Quanta gente perde o emprego e se lamenta, se aborrece, se desespera e entra em profunda desolação, o que se justifica. É uma provação ? Quando isso acontece, para os mansos de espírito, o seu novo emprego abre a possibilidade de ser melhor que o anterior, porém exige uma dose de sacrifício e renúncia pessoal para suportar o impacto.

Não fosse os maus negócios ou percalços do destino de alguns, estes não teriam mudado o rumo de sua vida se tivessem permanecido na Boca da Picada. Possivelmente até hoje lá estariam assistindo aos seus descendentes a curtir o mesmo trabalho de sempre sem visão de um horizonte promissor.

Por circunstâncias diversas, muitos moradores se sentiram na obrigação de abandonar o local e partir para outras searas. Quem o fez, não se arrependeu. Quem deixou parte da família, não a deixou mal. Abriu espaço para cumprir a máxima: “um é

pouco, três é demais”. Pode-se afirmar que foi amargo deixar a terra-berço de nascimento, mas era necessário. “Deus escreve certo por linhas tortas”.

A praga de gafanhotos

Em outubro de 1948 a região da Boca da Picada foi assolada por uma nuvem de Gafanhotos que durou mais de ano para ser dizimada. As lavouras de milho e feijão eram destruídas pela ganância dos insetos que encobriam o sol pela sua elevada concentração. Usavam-se todos os recursos disponíveis para afastá-los das plantas, acionando bandeiras, num vai-e-vai estressante, sem perspectiva de controlá-los.

A praga comia tudo onde pousava e depois se jogava no solo, perfurando-o e alojando ali seus ovos. Em curto período vinha aquela mancha negra de novos insetos, mais vorazes que os adultos. Faziam-se longas valas, encurralavam-se os pequenos saltitantes e tapava-se com terra. Eram sepultados aqueles que não conseguiam fugir. Mesmo assim a ação não era suficiente para diminuir sua gigantesca população.

Não havia incentivo do governo para ajudar no seu extermínio. Tudo era por conta de cada proprietário. Usavam-se queimadas para tentar diminuir, mas não se podia atear fogo em qualquer lugar.

Surgiram idéias de lança-chamas, usando gasolina ou querosene, mas queimava também a planta onde pousavam. A praga causava desespero e desestímulo aos plantadores que não viam solução imediata. O cheiro do ambiente ficava insuportável. As residências eram invadidas pelos insetos que causavam asco. Tudo em que se tocava tinha cheiro de excremento da inesquecível praga do século.

As matas e os pomares foram dizimados, deixando apenas os talos e ramos. As folhas eram totalmente consumidas. Abriam-se clareiras nas matas por onde se podia vislumbrar obstáculos à distância. Foi uma época em que o colono nunca se sentiu tão isolado da ação do governo Estadual ou Federal como no período crítico dos gafanhotos.

As providências imediatas não eram tomadas porque apenas uma região, sem expressão política na época, havia sido atingida pela praga. Os moradores de outras regiões rezavam para que se encontrasse uma solução no seu combate, evitando a propagação dos malignos insetos.

Quanta gente chorava, crianças, jovens e adultos, diante do quadro desolador deixado por onde passavam. Viam-se ali destruídas imensas lavouras sem esperança de sobrar alguns quilos de grão. Surgia, então, a indagação - Por que esta praga veio assolar os já sofridos agricultores ? Certamente porque o bicho homem dizimou seu principal depredador e a natureza perdeu o controle de sua proliferação.

Sabe-se que a natureza se vingará, mas nem sempre em quem lhe causou dano. Até hoje os picadeanos e vizinhos se perguntam: Que mal fizemos à natureza para receber uma praga de gafanhotos ? Ninguém tem certeza de onde vieram. Supõe-se que tenham vindo da Argentina, do Uruguai ou do Paraguai, voando a grande altura e encobrindo o sol poente numa tarde de outubro. Aterrissaram no cerro do veado certamente porque vislumbraram extensa área verde que saciaria sua fome sem muito esforço para descer.

Quanto à verdadeira origem desses insetos, de cor marrom-escuro, 8 cm de comprimento, há informações de que tenham origem na região dos Chacos, entre Argentina e Paraguai onde havia clima apropriado para seu desenvolvimento. A cada 2 anos, a partir de 1940, vinha uma nuvem perturbar a vida dos agricultores, porém, de tamanho pequeno. A maior foi em 1948.

A comunidade sofreu mas combateu a praga. Foi punida por um crime que julga não ter cometido. A tudo isso enfrentou para poder continuar naquilo que sabia fazer – trabalhar na terra.

A enchente de 1941

O mês de setembro de 1941 foi marcado por um período prolongado de chuva que não só gerou desmoronamento de barreiras no morro do Obelisco e Cerro São Miguel, como também provocou a maior enchente de todos os tempos no Rio Jaguari. Para muitos pessimistas era a repetição do dilúvio que a Bíblia faz alusão. A estrada geral entre Jaguari e São Vicente do Sul ficou interrompida por mais de 6 dias. A enchente atacava tanto no grande lajeado como na ponte verde. Os deslocamentos só eram permitidos a pé, seguindo a divisa entre a água e a terra firme.

As colheitas de milho, mandioca, feijão, trigo e outras culturas flutuavam perdidas nas águas sujas que cobriam as lavouras. Era a tristeza, a desolação que tomava conta de quem tinha terra em área baixa ou na encosta de cerros.

As barreiras desciam a grandes volumes; uma mistura de pedra gigante e lama a dizimar animais e pessoas que encontrava pela frente. A cada instante uma família ou uma residência era surpreendida com a invasão de lodo, pedra ou tronco de árvore que desciam destruindo impietosamente a tudo. Depois de alguns anos, mesmo em tempo seco, qualquer chuva forte trazia intranquilidade para os moradores que ainda estavam traumatizados pela avalanche de lama de 1941.

Como se não bastasse o prejuízo da enchente, o ano de 1942 foi assolado por uma intensa e prolongada seca na região onde ninguém colheu nada. As pessoas que tinham recursos não conseguiam adquirir nem mesmo os produtos básicos de sua alimentação. Tudo era escasso e raro.

X - RELIGIÃO, MISTICISMO E FÉ

Festa de Santa Juliana

A Boca da Picada, uma comunidade heterogênea na raça e em alguns costumes, não dispunha, na época, de clube ou associação religiosa que congregasse a população em torno de um objetivo comum. A capela da Boca da Picada somente veio ser construída na década de 1970, acompanhada de um salão especial para festas populares do tipo quermesse. Antes, porém, a partir da década de 1930, alguns descendentes de italiano participavam como festeiro na Capela Santa Juliana na Linha Nove. Os festeiros, em número de 3 casais, se encarregavam de promover a festa no domingo mais próximo do dia 16 de fevereiro, data alusiva à Santa. Saíam em visita às casas em busca de donativos como galinha, batata, leitão, boi/vaca, mais ovos, farinha de trigo para confecção dos ingredientes do almoço. Esta era a forma de contribuir para a igreja e manter os fiéis unidos na fé em Cristo, ensinando-os a praticar o bem dentro de sua comunidade. Veja um flagrante da copa da festa em homenagem a Sta Juliana em 18/02/1945.



De pé: Olívio Bressan e esposa Aurora, Maria(Marieta) e Pedro Cassol, João Dalosto(Joanim).
Sentadas: Catarina Bressan Polett, Inês Bressan Cadó, Júlia Polett, Neli Polett, Neli Cazorla e J. Dalosto.
 Todos Festeiros. As senhoritas se vestiam a caráter (Avental branco e chapéu de palha c/ fita).

Capela São Luiz

Em meados de 1970 iniciou-se um movimento entre os moradores picadeanos no sentido de construir uma capela em local mais próximo possível da Escola Dom Pedro, atual Escola São Miguel.

Pedro Minussi havia oferecido uma área nas proximidades da atual empresa Carlan & Cia Ltda, enquanto João Donadel Bressan, oferecia outra na frente daquela Escola. Estas propostas tinham o respaldo do Padre Abílio Capellari Bressan, filho de João Bressan, portanto, filho da terra. Ao mesmo tempo surgia outra corrente de interessados em construir a capela mais afastada da escola, na localidade de Potreiro Grande, em área oferecida por Luiz Dalosto.

Como não havia consenso entre as duas correntes, o Padre Nelson Friedrich entrou como mediador da questão, prevalecendo a localidade de Potreiro Grande para sua construção.

A capela deveria ter o nome de São Cristóvão, protetor dos motoristas, porém a família do doador do terreno defendia o desejo de denominá-la São Luiz, certamente em homenagem ao patrocinador da área.

Para não polemizar mais a questão, foi sugerido então transferir a sede dos festejos em honra a São Cristóvão para a Capela Santa Juliana, ficando a de Potreiro Grande com o nome de São Luiz.

Como se observa, o centro das atenções voltou-se para a Linha Nove em detrimento dos picadeanos e dos potreirenses.

A procissão e a festa dos motoristas que deveriam acontecer na Boca da Picada ou no Potreiro Grande foram deslocadas para um lugar diferente daquele que defendiam seus idealizadores.

Quer parecer que a mescla de “Pelo Duro” não ofereceu justificativa suficiente para sustentar um pólo de maior atração no local de seu desejo.

Sabe-se que São Cristóvão reúne mais fiéis que São Luiz (nada contra São Luiz) em razão de seu público alvo.

- Qual motorista não estaria mais motivado em fazer uma oração em troca de uma ajuda na segurança do trânsito? - Qual motorista não contribuiria mais para homenagear seu Santo Protetor, fortalecendo a arrecadação de fundos nos festejos populares ?

As festas em homenagem a São Luiz certamente não contarão mais com a presença de centenas de motoristas, os quais se guardarão para as de São Cristóvão na Capela Santa Juliana. Assim os picadeiros perderam duas vezes – primeiro, o local; segundo, o nome do padroeiro, sem qualquer demérito a São Luiz, é claro...

Apesar das perdas ainda há um saldo positivo nessa disputa de idéias. E a criação de uma entidade que não havia anteriormente na localidade para congregar seus habitantes. Hoje é possível reunir seu povo em torno de um objetivo comum e uni-lo para orar e trocar idéias, além de promover lazer e acontecimentos sociais. Isto não deixa de ser uma fonte de novas decisões e de bons resultados para os frequentadores da nova sociedade.

Nova sociedade, sim, porque junto à capela foi construído um salão com estrutura para promover diferentes modalidades de festa, além de cancha de bocha coberta e piso sintético.

A entidade associativa trouxe muitas outras contribuições, quais sejam a de revelar lideranças para a coordenação da própria associação e para gerir os próprios negócios dos seus associados .

É um ponto de encontro para ministrar cursos instrutivos para uso correto do solo, criação de bens e serviços, enfim, para uma gama enorme de orientação para o homem do campo.

Na trajetória da construção da atual sede ficou um rastro de idéias, discussões, entendimentos, desencontros, como é natural dentro de um processo democrático. A verdade é que sempre houve e haverá grupos defendendo posições particulares, seus ideais, no sentido de privilegiar e homenagear sua localidade, o que é salutar.

Após a definição do local da sede veio a preocupação em erguê-la. Sabe-se que todos queriam ajudar, mas era preciso que alguém liderasse o grupo e não esmorecesse diante das adversidades naturais de um empreendimento dessa natureza.

O apoio espiritual, religioso, material nunca foi negado, principalmente pelo Pe. Nelson Friedrich que além de suas idéias, colocou um veículo de campo para ajudar no empreendimento. No lado administrativo, entre outros, destacou-se o dinamismo do Sr. Arlindo Dalosto que sempre acreditou na construção da sede. Nunca mediu esforços para incentivar, estimular e apoiar os participantes do grupo pró-construção. Nem se imagina quantas vezes atalhou o campo, junto com Dona Lélia, levando e trazendo utensílios e material de apoio para a festa no bosque de eucalipto, visando à arrecadação de fundos para a obra !

Os obstáculos e as dificuldades vencidas passaram a valorizar ainda mais o empreendimento que marcará, para sempre, a vida de quem ajudou a construí-lo.

Após a construção da Capela, iniciou-se a construção da sede social, sendo inaugurada em 30/12/1967. Seu 1º Presidente foi Arlindo Dal'Osto(1966-1972), por 2 períodos. Seguiu-se Victor Cazorla Minussi(1972-1975), Adão Dal'Osto (1975-1980), Gilberto Dal'Osto (1980-1982), Adão Dal'Osto(1982-1984), Olga Viaro (1984-1986), Carlos Conceição Graciano (1986-1988), Telmo Flores de Menezes(1988-1990), Claudemir Dal'Osto(1990-1994), Sidney Viaro (1994-1996), Carlos Dapieve (1996-1998), Clóvis M. Lima Gomes (1998-2000), Edson Valente da Rosa(2000-2002), Celso Minussi Cazorla(2002-2006). Seu atual administrador/Zelador é o Sr. João Ângelo da Cruz e Souza e Dona Elizabete da Rosa Nunes.

Eis a fachada da sede social e da capela :



SocSaoLuiz1.jpg



SocSaoLuiz2.jpg

A Igreja Matriz



A Igreja matriz de Jaguari, cuja padroeira é N.S. da Conceição, foi iniciada em 1893 e inaugurada em 1907. A festa em sua honra acontece anualmente de 29 de novembro a 08 de dezembro. Por aqui já passaram inúmeros padres, mas o que mais tempo permaneceu na paróquia foi o padre Nelson Friedrich, que chegou em 07 de fevereiro de 1957 e ali continua.

* * *

O martírio dos domingos

Os descendentes de imigrantes italianos não abriam mão de seus hábitos religiosos – ir a missa todos os domingos. O Seu Olívio, seguindo normas da família e, principalmente recomendações de sua mãe Angelina (Nina), obrigava seus quatro filhos a sair cedo da manhã, a pé, para assistir à missa na Igreja Matriz, na cidade de Jaguari, distante 7 km de sua casa.

Durante a semana, a família toda usava calçado do tipo tamanco, fabricado pelo sapateiro Vitório Perazzolo, para trabalhar na lavoura. Na falta deles, andava-se de pés descalços.

Para ir à missa aos domingos, eram obrigados a usar sapato, terno, chapéu de feltro e fazer o percurso, a pé, até a igreja. Compravam-se sapatos folgados para que durassem mais tempo devido ao crescimento natural dos pés e, por isso, no início ficavam tais quais galochas, causando inúmeras bolhas na região do calcanhar.

Além disso, o couro não era macio e as costuras provocavam mais atrito ainda. Até o caminhar ficava esquisito, obrigando a curvar o corpo para frente para compensar o desconforto dos pés.

Na ida o uso do calçado era suportável, mas na volta, em dias de verão, estrada de chão batido e muita poeira, ninguém agüentava. Os pés mergulhavam na terra e os sapatos eram carregados nos ombros como mala de garupa. A calça arregaçada ajudava a refrescar as pernas molhadas de suor. Era o castigo dominical aos pés que se prolongava na semana até cicatrizar as feridas geradas pelas bolhas. O calor intenso obrigava a retirar o paletó para secar a camisa já encharcada da transpiração, deixando exalar o mau cheiro na região das axilas - a “asa”, numa época em que não havia desodorante de efeito prolongado.

Ainda na pouca idade se contestava porque só as famílias italianas tinham obrigação de ir à missa enquanto as demais – nativas, não cultivavam este hábito de rezar na Igreja Matriz. A resposta era sempre a mesma : “os que não seguiam as recomendações de Deus e da Igreja seriam queimados no fogo do inferno”. Este era o segundo fato mais temido naquela época. O primeiro, era o anúncio do “Fim do Mundo”.

Perto de Deus

O Autor destas memórias enfrentou obstáculos de toda ordem junto com os demais integrantes da família. Isto era exigido para poder arrancar da terra o pão nosso de cada dia. Já aos doze anos de idade, do alto do Cerro do Veado, contemplava a cidade de Jaguari encravada na encosta do Cerro do Chapadão. Sabia que lá as pessoas levavam uma vida menos penosa, estavam melhor vestidas, sem calos nas mãos.

Fazia suas indagações de menino-adolescente - Por que algumas pessoas levavam uma vida fácil e outras tem que dar duro para poder sobreviver ? Além disso recebiam a pecha de “grosso”, o que é pior, “gringo grosso”. Isto revoltava ainda mais a ponto de sonhar com uma virada acertando na Loteria (porém sem dinheiro para a comprar o bilhete).

Estudar era a saída. Mas quem convenceria seus pais a tirá-lo da lavoura para prosseguir nas salas de aula ?. O 4º ano já havia concluído há mais de 3 anos na Escola Dom Pedro, já esquecendo o que havia apreendido... Quantos amigos da família que diziam a seus pais: “Teus filhos tem boa cabeça, manda estudar, aqui não tem futuro..”.A resposta vinha de imediato - “Preciso deles na lavoura”

Assim continuava a sonhar, carregando feixes de cana nos ombros, morro a cima, ou morro abaixo até onde a carreta podia chegar. Não era só cana, vinha o milho, fumo em folha e outras culturas, sempre enfrentando os acidentes do caminho, o calor causticante do verão, o rigoroso frio do inverno. Tudo era feito com resignação para não provocar a “onça”. Seu pai, às vezes, se aborrecia e deixava tudo por conta dos guris e se ia para o “Povo”, isto é, para a cidade de Jaguari.

Nos momentos de descanso, no alto do morro, sobrava um tempo para reflexão e interpretar algumas passagens bíblicas, ocasião em que se fazia pedido a Deus que o iluminasse e mostrasse um caminho melhor para ganhar a vida. Diziam que Deus estava no céu e naquele ponto do morro, portanto, estava mais perto de Deus. Poderia mais facilmente ouvir suas orações, seus pedidos, suas súplicas. Demorou, mas ouviu... exigindo um elevado sacrifício, certamente para valorizar ainda mais a conquista.

O misticismo de Primeiro do Ano

A cultura dos povos desenvolve meios para se proteger contra as forças desconhecidas do mal como - mau agouro, maus presságios, azar, tudo que pode trazer desgraça na vida do cidadão. Quanto menos sabedoria, menos cultura ou conhecimento, mais acirrados são os ânimos em busca de crenças e ditos populares para o indivíduo se proteger. Entre as crendices populares enunciamos algumas como: “Dá azar passar debaixo de escada; Atravessar na estrada, à sua frente, um gato preto; Passar com o carro ou a pé sobre despachos nas ruas ou estradas; Andar de guarda-chuva aberto dentro de casa; Deixar os calçados desalinhados no piso; O cantar da coruja na cumeeira

de sua casa e por aí vai ...” Como se isso não bastasse, criou-se um mito na Boca da Picada e redondezas que, nas primeiras horas do Dia Primeiro do Ano, se receber criança do sexo feminino dá azar. Que preconceito é este contra as meninas ! Que culpa têm elas em ter nascido fêmeas ! É isto mesmo. Crendice absurda, mas tinha adeptos.

Este preconceito gerou inúmeras inimizades na infância que se perpetuaram até os nossos dias. Tudo por causa dessa bobagem inexplicável que foi tomando conta dos seus seguidores.

Nos costumes do local mantinha-se a tradição de, assim que irrompia o novo dia do ano, sair em grupo de pessoas, menos mulheres, a fazer serenata nas casas dos vizinhos e arredores. Os contemplados com a serenata se sentiam lisonjeados com a festa de saudação ao novo ano, mas tinham o cuidado de espiar pela janela se não havia mulher no grupo. Se houvesse, não seria recebido. Cantavam-se algumas músicas sob o acorde de um violão, um pandeiro e gaita ponto, regado por bebida quente como cachaça, vinho e licor, acompanhados de pão, biscoito, bolacha caseira, carne, pastel. Em 15 minutos tudo acabava, indo buscar outra casa, seguindo até o dia clarear.

Os costumes foram mudando e a Serenata preconceituosa desapareceu.

Praga de Cigana

Outra figura assustadora e temida na Boca da Picada era a presença de ciganas nas residências. As nômades entravam nos pátios e não pediam licença, especulando as reservas em que poderiam tirar proveito. Enxergavam uma galinha ou um leitão, cebola ou alho (cigano é louco por estes bulbos) e já iniciavam uma ladainha para levar na pechincha. Ameaçavam rogando praga ao dono se não vendesse pelo preço que ofereciam ou não lhe fizesse doação. As galinhas ou leitões seriam acometidos de peste, dizimando os terreiros. Se não desse as cebolas ou batatas ou abóboras, noutro dia estariam contaminadas ou podres. Com medo da maldição cigana, as pessoas acabavam cedendo e entregando seus produtos, fruto do seu suor, aos exploradores dos seus sentimentos puros e sem malícia daquela gente.

As ciganas procuravam as mulheres donas de casa. Os ciganos, os homens, propondo-lhes troca de cavalos. Mesmo que não houvesse interesse em fazer negócio com eles. Insistiam tanto que no final sempre resultava numa transação econômica. Já se sabia e era voz corrente - se empatar num negócio com cigano, já é lucro, pois sempre eles acabam tirando vantagem. Seus cavalos bem apresentados eram uma ilusão. Tinham sempre um defeito qualquer.

Como se não bastasse a venda de tachos, panelas e bugigangas, até davam opiniões astrológicas e orientações esotéricas.

Um cigano entrou no pátio do Sr. João Bressan, batendo forte com o salto da bota no solo e emitindo parecer sobre sua qualidade para criação de suínos. Disse que os porcos naquele local jamais se desenvolveriam porque o chão emitia radiações de energia negativa e havia necessidade de afastá-lo para lugares mais distante da residência. Isto foi feito, mas nada mudou, não melhorou nem piorou. Só prejudicou o atendimento que ficou mais distante da casa e mais investimento com a nova estrutura.

Francelino – O latoeiro misterioso

Francelino era um cidadão de família desconhecido dos moradores da Boca da Picada. Apareceu lá pelos meados de 1943. Montava um cavalo branco, magro e tudo que tinha sobre o arreio era velho. Ele usa barba e cabelos longos, esbranquiçados, coberto por um chapéu de feltro todo amassado e de abas caídas.

Suas roupas, além de velhas, rasgadas, eram sujas. Trajava bombachas remendadas, botas rasgadas tipo couro de potro, camisa manga longa e esfarrapada. Era o verdadeiro corcunda – o corpo quase na horizontal. Assim era sua postura, tanto a pé como a cavalo. Seu arreio e mala de garupa estavam sempre abarrotados de

quinquilharia: latas velhas, panelas, frigideira, copos esmaltados que, pelo barulho que faziam, o identificavam à distância. Não tinha lar nem lugar certo para ficar. Certa vez o Tenente Carvalho cedeu ou não se importou que ele ocupasse um lugar junto à sanga da propriedade de João Bressan e Agenor Cides (Nonô). Ali construiu um telhado com resto de lata e madeira. Ali consertava panela de Ferro Fundido, alumínio e chapa. Além disso fazia serviços de latoeiro como regador, balde, funil, calhas, etc, por isso ganhou o apelido de “Faz Tudo” ou “Faistudo”.

Seu aspecto causava asco a quem o visse de perto. Poucas pessoas o procuravam para oferecer-lhe serviço. A gurizada, curiosa, se combinava para espiar, pelos vãos da parede do barraco como era a cama do homem que causava terror às crianças. As mães assustavam seus filhos travessos com ameaças de entregá-los ao Faistudo caso não se comportassem bem. O ambiente de trabalho e dormitório daquela figura esquisita desestimulava a qualquer pessoa a visitá-lo. Era pior do que estrebaria ou cocheira de animal. O que mais cheirava mal era a quantidade de ossos recolhidos de reses mortas no campo e que serviam para incrementar a sopa de que normalmente se alimentava. Sofria de asma e até diziam que era portador de tuberculose, doença muito combatida na época do Carro Branco com BCG.

No local onde sentava para bater suas latas era rodeado de catarro pelo chão batido, sem forração. Expelia secreção a cada acesso de tosse que durava alguns instantes e chiava desde o peito até a zona dos pulmões. Assim vivia Seu Faistudo. Como se isso não bastasse, surgiu forte suspeita de que ele se transformava em lobisomem em noites de 6ª feira, assustando mais ainda a criançada e também alguns mais crescidos e medrosos.

Afinal, ele apareceu na localidade e desapareceu sem que se saiba de onde veio e nem para aonde foi. Mas ficou na história.

XI - SAÚDE

Cuidando da saúde

A saúde da alma era buscada através da participação da missa dominical para os descendentes de imigrantes italianos e, a reza do terço, para todos em geral. Isto era feito com fervor e devoção, fazendo percorrer a imagem da Santa Padroeira, N.S. da Conceição, de casa em casa, com a reza do terço no dia da visita da imagem.

A saúde do corpo era buscada nos para-médicos, benzedores, curandeiros. Em caso de traumatismo ou entorse, o especialista indicado era o Sr. Luiz Carlin morador na Linha 10. Quando os males eram das partes vitais do organismo, procurava-se o Sr. Agenor Antônio da Silva que fornecia remédios de erva numa verdadeira medicina campeira. Também fazia benzeduras contra picada de insetos, cobras e outros agressores do corpo.

Antônio Fiúza Nunez também fazia suas benzeduras contra picada de insetos, mordida de cobra e também para diminuir o bócio (papo), usando um pilão de arroz no qual eram esmagadas certas ervas em que o consulente acompanhava o ritual proferindo algumas palavras chave.

As parteiras

Raras eram as mulheres que gozavam do privilégio de ter acompanhamento médico durante o período de gestação, nem mesmo para a realização do parto.

Eram assistidas por parteiras cuja profissão aprendera com a mãe ou mesmo autodidata – enfrentando a situação e seguindo os instintos do trato com o corpo da mulher.

Entre as parteiras conhecidas na Boca da Picada e região, as mais credenciadas eram: Rosa Fritz, casada com Ieto Crivellaro que morava no Cerro São Miguel; Dona

Francisca, mãe de Dona Ricarda Cabreira, era hábil no trabalho de parto. De imediato reconhecia se a tarefa era ou não difícil e se estava ao alcance de sua capacidade. Pelo seu toque analisava a posição do bebê, tamanho da dilatação e tempo que antecedia o nascimento para possível providência.

Outra parteira era Dona Zulmira Machado, de cor branca, casado com o Sr. Antônio Machado, cor escura,(1), morava na margem do corredor perto da entrada da Fazenda Santa Eugênia.. Também tinha seus dotes e sensibilidade na função para-médica.

Dentre elas a que ficou mais tempo exercendo a Profissão foi D. Rosa Fritz, a qual era muito solicitada na região. Comparecia à casa das gestantes montada em cavalo ou em charrete ou aranha. Quando passavam diante das residências, traduzia-se sua passagem como a vinda de um novo indivíduo na localidade. Era a madrinha de maior número de afilhados.

As pessoas de maior poder aquisitivo, raras na época, procuravam o hospital de Jaguari. Mesmo assim dependiam de levar a parturiente até a cidade para executar o parto, viajando alguns quilômetros no veículo da época – aranha, charrete, carreta, carroça ou mesmo a cavalo. Quando não havia mais tempo para chegar até lá, apelava-se para a velha parteira que já estava de sobreaviso.

Outras vezes o transporte não dependia apenas da imediaticidade nem do tipo de transporte, mas sim das condições da estrada. Foi o que aconteceu em 1936, quando nasceu Odon Luiz da Silveira. Dona Olintha morava na fazenda quando começou a sentir as dores do parto e uma grande enchente impedia de levá-la ao hospital em Jaguari ou buscar uma parteira nas proximidades. Ali mesmo, a Vó Diva e João Francisco da Silveira, pai do menino, arregaçaram as mangas e executaram o parto. O problema foi o tempo de 15 a 20 minutos de discussão na hora cortar o umbigo (cordão umbilical), de qual seria o tamanho ideal para passar a tesoura.

Mesmo com as dificuldades no atendimento às gestantes, não se tem notícia de que um mau procedimento partérico tenha deixado seqüela em algum recém-nascido. Se houvesse, não haveria intenção de mover ação contra a profissional por “erro médico” como ocorre hoje.

XII - MISCELÂNEA

O Professor Pardal...

Os filhos do Olívio Bressan, David e Hermes, eram os inventores das coisas que imaginavam e sonhavam. O tema desafiante era o veículo automotor. Como se não bastasse a invenção dos diferentes tipos de carro de lomba, para transportar até quatro passageiros, inventaram uma bicicleta de madeira. Roda traseira constituída de um aro (em chapa) de roda de charrete, roda dianteira reduzida (em madeira), pedais de madeira, pinhão e coroa também de madeira e corrente de tração feita de arame dobrado. E andava bem em terreno plano, depois de embalar. Despertou o interesse de muitas pessoas em conhecer o curioso engenho “biciclético”

Outro invento da dupla foi uma espingarda ou trabuco feito de cano de armação de cama. Amassava-se uma ponta, fazia um furo e fixava na coronha. Na base era feito um furo sobre o qual se assentava a espoleta do tipo papel. Pela ação de uma mola, o gatilho disparava a armação que batia, detonando a espoleta. Carregada pela boca com pólvora preta ou tipo piquet, socada com uma vareta de madeira ou haste metálica, logo atrás vinha a carga de chumbo ou balim. Era uma arma de risco de acidente pois não se podia medir o grau de impulsão da carga explosiva. Tudo isso era feita às escondidas dos pais que só tomavam conhecimento quando ouviam os estampidos. Certa vez houve exagero na carga e o tiro saiu pela culatra, estilhaçou o artefato bélico, mas por sorte não feriu ninguém porque o teste era feito à distância.

Gatilho era acionado com um cordel e o atirador ficava entrincheirado. Resultado - o projeto foi definitivamente abandonado.

O encanamento de bambu

Bambu, mais conhecido na região por taquara, tinha diversas utilidades. Entre elas a de servir de tubo condutor de água à distância.

Esta façanha ou tecnologia foi trazida por João Bressan, irmão de Olívio, de Fontana Fredda onde residiam seus cunhados Domingos, Luiz e André Capellari. Estes trouxeram a tecnologia e equipamentos – trados longos – para retirar as separações (nós) dos colmos vazios do bambu, tornando um tubo longo, em torno de 3 a 4 metros de comprimento.

As emendas eram feitas em pequenas toras, com nós, de madeira de angico – por ser durável sob o solo úmido. Recebia um furo de trado e nele se introduzia a extremidade do tubo, no qual entrava sob pressão. Assim iam emendando até atingir cerca de 450 a 500 m de distancia, permitindo trazer água potável para dentro de casa. Naquela época não existia tubo de baixo preço para este tipo de obra. O sistema proposto durou cerca de 4 a 5 anos quando então começou a apresentar vazamentos generalizados devido ao apodrecimento do bambu em pontos mais úmidos e por isso foi abandonado. Foi bom enquanto existiu, apesar da freqüente manutenção que a instalação exigia. Era uma invenção de grande utilidade doméstica. Há um registro de que em certo encanamento feito sob terra úmida, lá pelos lados de Marmeleiro que, em vez continuar circulando água, virou num taquaral. Cada gomo do bambu ainda verde gerou um broto e dentro de pouco tempo ficou uma floresta de taquara e água parou de circular.

Os donos da estrada

Estrada lamacenta em dias chuvosos e poeirenta na estiagem, este era o cenário do trecho entre Jaguar e São Vicente do Sul antes da pavimentação asfáltica da rodovia BR 287. Nos idos de 1940 a gurizada aguçava o ouvido e identificava a aproximação de qualquer veículo apenas pelo ruído do seu motor.

Surgia uma aposta entre eles, valendo dezenas de “bolitas”, ganhando quem acertasse a marca do veículo que se aproximava, bem como seu chofer (ou chofero no popular). No barranco, à beira da rodovia, lá estavam os curiosos meninos, quase adolescentes, a contemplar a passagem dos raros veículos existentes naquela época.

Cada motorista tinha seu estilo próprio ao dirigir. Uns usavam as duas mãos no volante. Outros, apenas a mão direita, enquanto apoiavam o braço esquerdo no vão livre da porta ainda com o vidro baixo. Era uma forma “bossosa” de dirigir, isto é, dirigir fazendo bossa.

Fernando Maciel e seu irmão Quinca, ambos arroteiros no Loreto, deixavam um rastro de poeira quando pilotavam seu velho Studbaker em dias de longa estiagem. Já nos dias chuvosos, o atoleiro fazia diminuir a velocidade e a gurizada se deliciava com o “pendura” na traseira do caminhão. Era uma farra a carona de mais ou menos 600 m que resultava numa alegria momentânea do ato e um castigo para quem aparecia em casa com roupa lameada.

Já o Olívio Gonçalves Bressan, de São Vicente do Sul, fazia malabarismos no barro e não diminuía a velocidade, tirando a chance de carona dos pingentes.

Seu caminhão Internacional era “bom de barro”. Não atolava fácil porque seu condutor conhecia bem o trajeto e tinha “pé de chumbo”. Outros veículos não atolavam porque usam um revestimento de corrente em toda a circunferência do pneu, aumentando assim a aderência no lamaçal.

Os veículos leves como o Ford modelo A, Ford Bigode, eram uma curiosidade à parte. Na sua identificação pelo ronco do motor ou pelo estilo do seu condutor, bastava observar à distância, quem deixavam o cotovelo pelo lado de fora.

João Francisco da Silveira, proprietário da fazenda Sta Eugênia, por exemplo, habituou-se a dirigir apoiando o braço esquerdo na porta e a conduzir apenas com a mão

direita. Na Segunda marcha, ia longe sem trocá-la. Usava óculos e dirigia com a cabeça inclinada, olhando pelo lado do pára-brisa, descansando a cabeça sobre o antebraço esquerdo. Isto se devia, talvez, a pouca visibilidade pelo pára-brisa por estar sempre empoeirado ou lamacento ou ainda problema de visão. Este estilo nada tinha a ver com seu espírito cavalheiresco de oferecer carona. Não negava transporte a ninguém, só mesmo quando não tinha espaço no carro. Sua maior dificuldade era vencer o trecho de estrada colonial e lamacenta até chegar à fazenda. Havia intercalado solo arenoso e barrento que cedia com facilidade, interrompendo a viagem quando o veículo atolava, o que era freqüente em dias chuvosos. Para isso havia já os velhos amigos da estrada para socorrê-lo – Luiz Valente, o Seu Luizim, o qual já tinha uma junta de bois de sobreaviso para estas emergências. Sua retribuição, já que não cobrava pelo serviço, era oferecer um presente quando Dona Pina, esposa de Luizim, ganhava um filho. (Muitas vezes fez isto porque dona Pina teve 11 filhos).

João Crivellaro, que ia para o mesmo lado, já não oferecia carona a qualquer pessoa..

Arnoldo Dick, Atílio Sesti e Pedro Deon, Belo Sesti, não ofereciam, mas se pedissem, não negavam.

Os motoristas de caminhão não davam carona, talvez para não perder o impulso ou não atrasar a viagem, mas se deliciavam em passar sobre poça de água para respingar lama na roupa da meninada que saía da escola ou andava em grupo pela estrada.

Ao longo do tempo os motoristas começaram a sentir a necessidade da solidariedade e passaram a ser mais cavalheiros. Por algumas vezes pediam apoio aos moradores para ajudar a desatolar seus veículos. Traziam pá, enxada, cascalho, madeira e ainda junta de bois para ajudar a sair do atoleiro. Era um dia de festa para os pequenos curiosos. Era motivo de festa também quando um veículo parava na estrada por qualquer motivo. Era oportunidade para tocar nele, analisar seus componentes, em fim, satisfazer a curiosidade natural de qualquer indivíduo daquele lugar. As paradas mais freqüentes se deviam à falta de gasolina, entupimento da alimentação, quebra de mola, pneu furado. Neste caso, o tempo no conserto era maior. Removia a roda, desmontava o pneu, consertava a câmara com um sistema cola a quente com espiriteira a gasolina e novamente a montagem. Enchia-se a câmara montada com bomba manual que demandava tempo e esforço. Um calibrador manual indicava a pressão de uso. Terminada a operação lá se ia o “dono da estrada”, amassando barro, levantando poeira, levando sua carga a outras regiões do solo gaúcho, levando o progresso e distribuindo riquezas.

O Sonho de riqueza

Seu Olívio Bressan, Gaspar para os irmãos mais íntimos, desde tenra idade já sonhava em ficar rico. Qualquer importância que recebia em negócio, era mantida no bolso ou na guaiaca, gostando de exibir as notas quando ia pagar suas contas.

Era apostador assíduo em todo tipo de jogo de azar. Participava do Jogo do Osso, corrida de cavalos, jogo de cartas, em baralho espanhol, como Três Sete, Cinqüílio, Nove.

Era sua principal diversão, porém mais perdia do que ganhava. Quando ia ao Povo (cidade) jamais deixava de adquirir um 1/20 de bilhete de loteria. Chegava em casa e exibia o bilhete, dizendo que iria tirar a sorte grande e, com isso iria tirar o “pé do barro”. Sua premiação nunca passou da obtenção de outro bilhete para concorrer novamente.

Quem vendia os bilhetes na cidade era o Sr. João Banana, assim chamado porque também vendia bananas. Olívio dizia: “Jogo não dá camisa para ninguém”. Porém jamais abandonava o vício, ato condenado por todos da família, inclusive por sua mãe Nina em quem se espelhava nos seus bons exemplos.

Como não conseguia ficar rico, apostava no filho mais velho, que tinha boa aparência, que casasse com moça rica e, para isso, brincava nas rodas de bate-papo, que deveria casar-se com filha de fazendeiro.

Tentou aumentar o rebanho de gado, adquirindo reses e colocando no campo de sua mãe, mas o gado não prosperava. Adquiria bezerros guaxos nas fazendas de gado da redondeza, todavia poucos se salvavam. Faltava o leite materno para se desenvolverem. Esta prática foi logo abandonada.

O sonho de ser lavoureiro de arroz também não passou de tentativas frustradas que sempre se esbarravam na falta de recursos e na falta de terras para esta cultura.

Fez sociedade com o vizinho para colher uma safra de cana de açúcar para o fabrico de rapaduras na região de Cavajuretã, resultando numa boa produção, mais o preço baixo do produto deixou pouco lucro. Tentou a atividade de açougueiro em cuja profissão estava de vento em popa até que a tragédia numa “carreirada” mudou o rumo de sua vida. Mesmo tentando a mesma atividade na cidade, não conseguiu prosperar nesse negócio. E daí seguiu um leque de tentativas em busca do tesouro que sempre lhe fugia das mãos.

Mudou de cidade em 1956 e passou a fazer biscates nos primeiros anos. Foi empregado de construtora e aprendeu a profissão de pedreiro e encanador que, somadas com à sua, de carpinteiro, permitiu-lhe construir obras de significado valor comercial.

Aposentou-se em 1989 onde leva uma vida modesta, mansa e sem correria. Hoje, aos 90 anos de idade, constitui-se no único sobrevivente de uma família de 16 irmãos, apenas curte os netos e bisnetos, sem esperança de enriquecer, porque não mais apostou em jogo nem em loteria.

O picadeano sortudo

O jovem Carlos Conceição Graciano Cides, casado, um filho de 5 anos, foi o feliz contemplado na Loteria Esportiva na década de 1980. Recebeu um bom prêmio e num momento importante para tratar da saúde do seu filho.

Além disso fez aquisição de terras, compra de equipamentos para a agricultura, adquiriu imóveis e fez outros investimentos. Também ajudou a cada componente de sua família entregando-lhe certa quantia em dinheiro ou equipamento ou bens. Assim passou a viver uma vida um pouco diferente da que vinha levando em relação aos seus parentes e amigos. Passou a participar mais dos seus negócios do que se envolver nas tradicionais diversões dos domingos. Ajudou na construção da Sociedade São Luiz onde foi um de seus presidentes na gestão 1986-1988. No decorrer do tempo os negócios não prosperam como era esperado e parte do patrimônio foi reduzido, passando a viver uma vida mais modesta, sem aquela atribulação de arrancada.

Buscando seu espaço

O motivo da saída de muitos moradores da localidade se deve a casos pessoais, pouca terra para manter a família que crescia, filhos que saíam para o serviço militar e não mais retornavam; filhos que saíam para estudar fora e não retornavam ao convívio da família. Entre as famílias que deixaram o local cita-se a Viúva de Luiz Bressan e seus 4 filhos foram morar em Três Passos na busca do trabalho agrícola. A família de João Flores, parte foi para São Leopoldo, Santiago, São Vicente. A família de Luiz Valente, seus filhos foram casando e saindo da localidade, ficando apenas o casal de velhos até seu falecimento. Quatro foram para São Leopoldo, Jaguari, São Borja, ocupando atividades no comércio, na indústria e na carreira militar. Depois de passar a Reserva do Exército, seu filho José, já com família constituída, retornou a localidade após adquirir os campos de João Crivellaro, onde hoje atua na criação de gado de corte, conforme já foi abordado no Capítulo Economia.

A família de João Valente (nêne), seus filhos saíram quando casaram – mas o casal tronco ficou no local até seu falecimento. Seu filho Pedro, casado com Amélia Marin, foi trabalhar com açougue na cidade. Os demais casaram e ficaram morando na redondeza. A família Marin manteve os filhos por perto e o casal morou na mesma casa até seu falecimento. A família de Pedro Bastos – somente as filhas casadas saíram da localidade. A viúva permaneceu ali até o seu falecimento. A família de João da Rosa (Juca) permaneceu na localidade até o falecimento do casal. As 3 filhas casaram e saíram para outras cidades depois de algum tempo. A família de Zezerino Graciano Cides foi se dispersando com o ingresso dos seus 4 filhos na Brigada Militar. O Casal tronco foi morar em Cacequi. A família de João Vargas (Portugal) foi para Cacequi, indo inicialmente Aquino e depois, Batista, já casado. O casal permaneceu no local até sua morte. A família de João Bressan se dispersou para o Rio de Janeiro com a opção do filho Abílio para ordem religiosa Franciscana – onde se tornou Padre. Waltemir foi para São Vicente do Sul onde cursou Escola Técnica Agrícola e se tornou professor. A filha Irene casou com João Batista Vargas e foi trabalhar no comércio em Cacequi. A viúva Maria foi morar na cidade. Permaneceu no local apenas a filha Carmen, viúva, já aposentada, onde exerce a atividade de pintora criando lindas obras de arte. A família de Olívio Bressan abandonou o local ainda em 1953 indo morar na cidade de Jaguari. Em 1956 mudou-se para Sta Maria. Os filhos David e Hermes foram servir ao Exército e seguiram a carreira militar. Hermes optou, mais tarde, pela engenharia mecânica. Hoje David, formado em Direito, na reserva do Exército como capitão, advoga na cidade de Santiago. Hermes, formado em Engenharia Mecânica e aposentado da RFFSA, mora em Santa Maria. Águida, formada em Administração de Empresa pela UFSM, Diretora do Instituto Riachuelo e Master, trabalha em Santa Maria e mora com o marido Atháides Kochi em São Borja. A Neusa, Formada em Biologia pela UFSM, exerce o magistério na Escola Maria Rocha em Sta Maria.

A família de Domingos Crivellaro transferiu-se para a cidade de Jaguari onde continuou a atividade comercial de Secos e Molhados em sociedade com seu irmão Arnaldo. A família do Tenente Carvalho, mais seu cunhado Jandir Acosta, saíram do local ainda em 1958. Sua mãe e irmã solteira ali permaneceram até seu falecimento. A família de Tibúrcio Rosa permaneceu no local, apenas Leonel, após casar com Lélia Valente, foi morar em São Leopoldo, para trabalhar na Fabrica de Revolver Rossi, onde mora até hoje. A família de Ataliba Gomes permaneceu no local, junto com os filhos do 1º casamento. Porém os filhos da 2ª núpcias, ao casarem, saíram da Boca da Picada. Somente o filho Flávio, funcionário público em P. Alegre, após sua aposentadoria, retornou ao local onde fez linda casa de alvenaria e passou a morar com a esposa. A família de Pedro Cides deixou o local e foi morar em Cacequi onde seus filhos já casados estavam morando. Os filhos Adriano, Ferroviário, Ilza, casada com Ledi, Ferroviário, Adroaldo, Camioneiro, Adair (Polaco), Brigadiano, mais as filhas Nely e Balbina, casadas com cacequienses, moram nessa cidade.

A família de Dorval Coelho, seus filhos foram casando e saindo do local. O Casal permaneceu no local até o seu falecimento. A família de Praxedes Tito permaneceu sempre no local – apenas dois filhos saíram em busca de trabalho fora de Jaguari. A família de José Ereno (Giusepe), seus dois filhos, Ângelo e Eloy conseguiram emprego na Assembléia Legislativa do Estado e lá permaneceram. A filha casou e permaneceu no local. A família de Artur Fase, a viúva permaneceu no local. O filho mais velho montou casa comercial em São Borja e faleceu há 2 anos. As duas filhas, já casadas, moram no local. A família de Pedro Cadó, filhos casados saíram, ficando apenas uma filha. O Casal morou no local até seu falecimento. A família de Agenor Silva, seus filhos Norico (Evador), casado com Belinha (Isabel) Flores foi morar em Santiago; Quintana (Eliu), casado com Amélia Bandinelli, ingressou na Brigada e foi mora na cidade de Jaguari; Sinhá (Oracilda), casado com Lilo (Hermenegildo Vargas) foi morar em Itaquí. A família de Alcides Cides, a viúva esteve morando na cidade com o filho Conceição logo que acertou na loteria esportiva e depois retornou ao mesmo local

aonde veio a falecer mais tarde. Os filhos Eduardo, já com 5 filhos foi morar em Santa Maria, onde teve mais dois, dedicando-se a distribuição de gás. As Filhas, algumas delas casaram e ficaram morando nas proximidades da família. Os demais filhos homem casaram e também moram nas proximidades. A família Bertocelli abandonou o local ainda em 1943 indo morar na cidade de Jaguari. Morava no topo de um barranco (monte alto) e na parte baixa, no vale, servindo hoje de leito da rodovia BR 287. A família de Diego Carrillo, o casal permaneceu no local até o seu falecimento. Os filhos casados ficaram morando por perto. Um deles foi morar na cidade e trabalhou na CEEE. A família de Artur Acorsi, seus filhos saíram de casa adultos e solteiros. Ângelo foi morar em São Borja onde faleceu solteiro em 2001. Elvira, casou com Guilherme Fagundes, mecânico de máquina de costura, e foi morar em Jaguari. A família de Laudelino Lopes da Silva (Moso) casado com Jurema Cides, teve uma filha de criação, a Cleide, permanece no local até hoje onde se dedicou a vender pinga e aturar murrinha de gambá. A família de Bento Cabreira teve muitos filhos que saíram do local ainda jovem. Permaneceu apenas Gentil que, já coroa, arranhou uma companheira com vive atualmente. A família de Firmo Rosa II e Apolinária Rocha sempre se manteve na Boca da Picada, inclusive seus descendentes. Apenas a filha Marcíria saiu para trabalhar em casa de família em São Borja. A família de José e Antônio Nunes, ambos casaram com as filhas do Seu Firmo (ou Velho Firme) e ficaram morando até então no local.

A família do Agenor (Nonô) saiu do local ainda em 1959, indo para a cidade de Jaguari onde montou um bolichão para venda de pinga e alguns produtos de secos e molhados. Seus filhos - Olmiro trabalhou no comércio, Brasil, ingressou na Brigada Militar – hoje na reserva como Sargento; Assis, ingressou na Brigada e faleceu ainda jovem, em plena atividade. A Maria, casada com Fernando Bressan, se dedicou a Quiromancia – ambos já falecidos. A família de Palmira Garcia, ela perdeu o marido ainda jovem e criou Agripino, camioneiro, Aristides, Serviços Diversos e Argeu, raramente empregado.

A sabedoria e a filosofia de bar

* Ninguém é tão rico que nada tenha a receber. Por outro lado, ninguém é tão pobre que nada tenha para dar. Refletindo: Uma palavra de conforto nada custa. Quando dita na hora certa, tem efeito transcendental.

* Fazer do limão uma limonada, implica que isolado, pouco vale, mas se adicionar água e açúcar, resulta um gostoso refrigerante.

* O Fermento sozinho é azedo, inconsumível. A massa de pão azimo não é saborosa. Se adicionar pequena porção de fermento à massa, resulta um delicioso pão.

* As pessoas que recebem a qualificação de boas se deve ao fato da existência de pessoas más, que se desviam do padrão instituído pela sociedade. Se não houver o mau (utopia), a qualificação de bom não é percebida.

* Se Deus, na sua infinita bondade, criou o bem e o mal, é porque ambos são necessários ao desenvolvimento humano na dosagem certa de cada um. O mal é o tempero, o sal, o fermento da vida.

* As coisas sãs que param, apodrecem. Em outras palavras, órgãos que não se exercitam, atrofiam. O homem foi feito para se mexer. Mexa-se !

* Devemos agradecer por termos inimigos, pois eles exigem que estejamos sempre alertas e preparados para não cair nas armadilhas da vida. A oposição é necessária. Do contrário, a situação não seria fiscalizada.

- * O estado febril do indivíduo ativa seu sistema imunológico e desperta a solidariedade dos amigos.
- * Não queira educar o mundo só fazendo referencia às coisas boas. Elas, por si sós não servem de modelo. É em cima de erros que se constroem os grandes projetos.
- * Os erros e os enganos acidentais ajudam o indivíduo a se desenvolver. Assim, quem pergunta é bobo por 5 minutos. Quem não pergunta é bobão para sempre.
- * Se pegar o bonde errado, não se desespere. Tire proveito da ocasião. Esta viagem inesperada vai levá-lo a algum lugar ou a conhecer algo útil no futuro.
- * Pensou em fazer um beija-flor e fez um morcego. Deus escreve certo por linhas tortas. Há males que vem para o bem.
- * Se acreditar no seu objetivo, não esmoreça, não desista, insista. A persistência é a mãe dos exitosos.
- * Se necessita pedir ajuda a alguém, faça logo. Uma das duas respostas é esperada: Sim ou não. Se nunca pedir, a resposta será sempre, Não.

XIII - NA VEREDA DAS PROFISSÕES

Profissão dos picadeanos

As atividades de destaque dos picadeanos e de seus descendentes nas diferentes áreas estão listadas a seguir. Convém alertar sobre a abrangência das citações, as quais se limitam aos que constituíram ramos de família descritos nesta obra. Em outras palavras, quem participa da 1ª coluna de cônjuge, *à esquerda*, estará contemplado na lista das profissões ou das atividades.

É claro que muitos profissionais não foram citados por não se conhecer sua atividade de destaque. São pessoas que trabalham longe da Boca da Picada e da cidade de Jaguari.

Os campos da atividade humana aqui relatados são:

- | | |
|---|---------------------------------|
| 1. Saúde | 2. Área |
| Técnica/Engenharia/Administração/Economia | |
| 3. Magistério | 4. Direito/Justiça/Promotoria |
| 5. Segurança/Polícia/Brigada | 6. Comunicação/Jornalismo |
| 7. Religioso | 8. Artes/Música/Pintura/Gráfica |
| 9. Agro-pecuária | 10. Comércio |
| 11. Indústria | 12. Serviço |
| 13. Política | 14. Outras |

1. Saúde/Medicina/Enfermagem

Ramo 12 -> 10171000 Luiz Anselmo Disconzi Valente (1962), Veterinário, S.Leopoldo

12-> 10191000 Luiz Antonio Valente Flores (1968), Médico, Porto Alegre-RS

12-> 10450000 Ignez Bressan Valente (1933), Enfermeira, Sta Maria-RS

36 -> 10310000 Edú Marchiori da Silveira (1928), médico, Jaguari-RS

36 -> 10312000 João Francisco M. da Silveira (1956), médico, Jaguari-RS

36 -> 10422000 Jorge Augusto M. da Silveira (1965), Médico, P. Alegre-RS

36 -> 10423000 Odon Luiz da Silveira Filho, Médico, Montenegro-RS

36 -> 10425000 Jorge Guilherme M. da Silveira (1971), Médico, Passo Fundo-RS

36 -> 10426000 João Jorge Moojen da Silveira (1973), Médico, Sto Angelo-RS

2. Área Técnica /Engenharia/Administração/Economia

Ramo 08-> 10331000 Paulo Valente Caçola (1950), Eng. Agrônomo, Cascavel-PR

08->10333000 Álvaro Valente Cacola (1955), Eng. Florestal, Cascavel-RS

07->10622000 Hermes Bressan (1937), Eng. Mecânica, Sta Maria – RS

21->11211000 Ricardo Moraes Bressan (1949), Eng. Florestal, Sta Maria-RS

21->11212000 Renato Moraes Bressan (1963), Eng. Civil, Cascavel-PR

21->11213000 Sérgio Eduardo Moraes Bressan (1971), Ciência da Computação

Cascavel-RS

21->10912000 José Carlos G. Bressan (1956), Eng. Agrônomo, Alegrete-RS

12 ->10551200 Guilherme Crivellaro Becker (1975), Eng. Civil, Sta Maria-RS

36 ->10421000 João Fco Silveira Neto (1963), Eng. Civil, São Paulo-SP

07 ->10623000 Águida Bressan (1939), Administração Empresas, São Borja-RS

21 ->1054000 Valtemir Capellari Bressan (1943), Técnico Agrícola. Agrícola,

S.Vicente do Sul. Sul-RS

3. Educação /Magistério

Ramo 07 -> 10624000 Neusa Bressan (1941), Educadora, Sta Maria-RS

06-> 10233000 Vanderléia Valente da Rosa (1955), Magistério, Sta Maria-RS

08-> 10373000 Elizabete Cazorla (1946), Prof. Municipal, Jaguari-RS

15-> 10141000 Moacir Acorsi Carrillo (1938), Prof. Municipal. Jaguari-RS

15-> 10142000 Luiz Acorsi Carrillo (1940), Prof. Estadual, P.Alegre-RS

21-> 11112000 Sônia B. N. Bressan (1950), Prof. Estadual, S.Luiz Gonzaga-RS

21-> 11113000 Denise Nascimento. Bressan (1960), Prof. Estadual, S.Luiz

Gonzaga-RS

4. Direito/Justiça/Promotoria

Ramo 05->10213000 Guilherme Fonseca Diefenbach (1982), Acadêmico. Dir, Jaguari-RS

05->10212000 Eduardo Fonseca Diefenbach (1969), Advogado, Jaguari-RS

10->10210000 Orestes Bolzan Bertoccell (1950), Advogado, Jaguari-RS

12->10551100 Gustavo Crivellaro Becker (1972), Advogado, Sta Maria-RS

07->10621000 David Marin Bressan (1936), Advogado, Santiago-RS

36->10424000 Luiz Augusto M. da Silveira (1967), Advogado, P. Alegre-RS

43->10125100 José Nodário A. Kapper (1960), Advogado, Jaguari-RS

07->10622100 Márcio R. Oliveira Bressan (1965), Promotor de Justiça, Não-Me-

Toque

05->10211000 Sérgio da Fonseca Diefenbach (1966), Promotor de Justiça,Santiago-

RS

07->10621100 Fábio Delapieve Bressan (1969), Técnico Judiciário, P. Alegre-

RS

12->10412000 Sueni Valente Fava (1945), Oficial de Justiça, Jaguari-RS

12->10413200 Michele Fava Bertoldo (1978), Assist. PromotoriaPromotoria,

Não Me Toque-RS

5. Segurança/Polícia/Brigada

Ramo 07 -> 1062220 Marzane Regina Oliveira Bressan (1966), Inspetor Polícia, S. Maria

06-> 10000000 Eduardo Graciano Cides (1892/1950), Cb. Brigada Militar,

Jaguari-

06-> 50100000 Alfeu Menezes Cides (1932), Cb. Brigada Militar, Cacequi-RS

06-> 5020000 Nativos Menezes Cides (1934), Cb. Brigada Militar, Sobradinho-RS

06-> 5040000 João Menezes Cides (1940), Cb. Brigada Militar, Cacequi-RS

06-> 2040000 Adair Menezes Cides (1935), Cb. Brigada Militar, Cacequi-RS

05-> 1013000 Brasil Garcia Cides (1939), Sgt. Brigada Militar, Sta Maria-RS

06-> 50300000 Nelson Menezes Cides (1934) Cb. Brigada Militar, P. Fundo-RS

6. Comunicação – Jornalismo

Ramo 08->10334000 Adriane Valente Caçola (1963), Jornalismo, P. Alegre-RS

10->10220000 Silvio Bolzan Bertoncello (1948), Diretor, Rádio Jaguari Ltda

10->10210000 Orestes Bolzan Bertoncello (1950), Advogado, Rádio Jaguari Ltda

7. Religiosos

Ramo 06-> 10460000 Daeli Silva Gomes (1943), Madre Superior, Sta Maria-RS

21-> 10510000 Abílio Pascoal Cap. Bressan, Frei Capuchinho, Rio de Janeiro-RJ

RJ

21->10821000 Luiz Regasson Bressan (1949), Seminarista, São Luiz Gonzaga-RS

RS

8. Arte/Musica/Pintura

Ramo 06->20000000 Pedro Vargas Cides (1911/1980), Gaitero, Jaguari-RS

26->10100000 Agenor Antonio Silva (1904/1975), Gaitero, Jaguari-RS

27->10530000 Laudelino Lopes da Silva (1929), Gaitero, Jaguari-RS

21->10520000 Carmem Capellari Bressan (1939), Artes Plásticas, Jaguari-RS

54->10550000 Aiglou Berger (1937), Musíco – Acordeon, Jaguari-RS

9. Agropecuária/Hortigranjeiro

Ramo 12->10350000 Alvino Righez Valente (1935), Pecuarista, Jaguari-RS

12->10170000 José Dalosto Valente (1939), Pecuarista, Jaguari-RS

29->40126000 Pedro Dalosto (1936), Pecuarista, Jaguari-RS

36->10310000 Edú Marchiori da Silveira (1919), Pecuarista, Jaguari-RS

36->10320000 Clóvis Marchiori da Silveira (1922), Pecuarista, São Vicente Sul-RS

RS

36->10420000 Odon Luiz da Silveira (1932), Pecuarista, Jaguari-RS

53->10200000 Armando Zucconi (1924), Pecuarista, Jaguari-RS

11->10120000 Miguel Amadeu Cassol (1911/1997), Horticultura, Jaguari-RS

21->11500000 Atílio D. Bressan (1918/1994), Cultura Temperos-Agrião, Jag.-RS

RS

10. Comércio

Ramo 02-> 10231000 Edison Valente da Rosa (1958), Comerciante, Jaguari-RS

04-> 10120000 Aquino Dutra de Vargas (1934/1098), Comerciante, Cacequi-RS

04-> 10130000 João Batista Dutra de Vargas (1934/1098), Comerciante,

Cacequi-RS

12-> 10100000 Luiz Benachio Valente (1910/1975), Comerciante, Jaguari-RS

12-> 10400000 Jacques João Valente (1909/1980), Comerciante, Jaguari-RS

12-> 10415000 Norberto Valente Fava (1969), Comerciante, Jaguari-RS

18-> 10110000 João Rossa (1915/1988), Bolicheiro, Jaguari-RS

19-> 10100000 João Flores (1901/1978), Bolicheiro, Jaguari-RS

27-> 10530000 Laudelino Lopes Silva (1930), Bolicheiro, Jaguari-RS

31-> 10530000 Domingos Crivellaro Filho(1924), Comerciante, Jaguari-RS

31-> 10580000 Arnaldo Crivellaro (1928), Comerciante, Jaguari-RS

40-> 10520000 Arnei Orestes Viaro(1946), Comerciante, Jaguari-RS

11. Indústria

- Ramo 02 ->10230000 Lemes Cides da Rosa(1932), Produtor Cachaça, Jaguari-RS
08 ->10371000 Celso Minussi Cazorla (1967), Olaria de Tijolos, Jaguari-RS
12 ->10421000 Almir Valente Carlan(1945), Benefic. Arroz, Jaguari-RS
21->10000000 Antonio Bressan (1877/1967), Vinho, Jaguari-RS
33->20100000 Vitor Nunes Souza(1913/1990), Carrocerias, Jaguari-RS
40->10520000 Arnei Orestes S. Viaro(942), Olaria de Tijolos, Jaguari-RS
07->10300000 Valdemar Sachet Marin(1913), Ferreiro, Jaguari-RS
07->10310000 Nelson Poltosi Marin(1938), Armeiro, Jaguari-RS

12. Serviços

- Ramo 09-> 10112300 Rodrigo Cadó Piveta(1955), Mecanica Auto, Jaguari-RS
21-> 10911000 Antonio Gonçalves Bressan(1948), Mec. Diesel, S. Maria-RS
01-> 10240000 Clóvis Mal. Lima Gomes(1945), Pedreiro, Jaguari-RS
07-> 10100000 Ivo Sachett Marin(1912/1988), Carpinteiro, Jaguari-RS
07-> 10120000 Djalmo Fava Marin(1937), Encanador, Jaguari-RS
09-> 10120000 Pedro Zaupa Cadó(1913/1989), Carpinteiro, Jaguari-RS
11-> 10255000 Valdomiro Cassol Bressan(1937), Carpinteiro, Jaguari-RS
21-> 10600000 Olivio Silvio Bressan(1914), Pedreiro, Sta Maria-RS
06-> 20000000 Pedro Graciano Cides(1910/1980), Barbeiro, Jaguari-RS
05-> 10310000 Agripino Fonseca Maciel(32), Camioneiro, São Luiz Gonzaga-
RS
06-> 20200000 Adroaldo Menezes Cides(1932), Camioneiro, Cacequi-RS
08-> 10330000 Gabriel Luiz zucco Caçola(1927), Camioneiro, Sta Maria-RS
12-> 10122000 Diva Valente Crivellaro(1946), Bancária BB, Sta Maria-RS
12-> 10123000 Juarez Valente Crivellaro(1975), Bancário BR, Sobradinho-RS
09-> 10111000 Antonio Fred. Bern.Cadó(1933), Bancário BB, Jaguari-RS

13. Política

- Ramo 05-> 10210000 Ideli Fonseca Diefenbach(1948), Vereadora, Jaguari-RS
12-> 10170000 José Dalosto Valente(1944), Vereador, Jaguari-RS
12-> 10415000 Norberto Valente Fava(1969), Vereador, Jaguari-RS
12-> 10414000 Carlos Valente Fava(1960), Vereador, Jaguari-RS
21-> 11110000 João Olinto S.M Bressan(1925/1993), Prefeito, S. Luiz
Gonzaga-RS

14. Outras

- Ramo 01->10200000 Otilio Gomes(1910/1979), Contador história, Jaguari-RS
02->10230000 Lemes Cides da Rosa(1932), Contador História, Jaguari-RS
17->10250000 Arlindo Dalosto Polett(1927), Contador História, Jaguari-RS

* * * *